



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

EXPERIÊNCIAS JUVENIS CONTEMPORÂNEAS EM RIO GRANDE/RS:
desafios da relação trabalho e educação para jovens do Ensino Médio público da
cidade

Autor: Alisson Souza Corrêa

Orientadora: Vânia Alves Martins Chaigar

Rio Grande, 2023

ALISSON SOUZA CORRÊA

EXPERIÊNCIAS JUVENIS CONTEMPORÂNEAS EM RIO

GRANDE/RS:

desafios da relação trabalho e educação para jovens do Ensino Médio
público da cidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação – PPGEDU da Universidade Federal do Rio
Grande – FURG como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Educação.

Linha: Formação de Professores e Práticas Educativas

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Vânia Alves Martins Chaigar

Rio Grande – RS

2023

C824e Corrêa, Alisson Souza.

Experiências juvenis contemporâneas em Rio Grande/RS: desafios da relação trabalho e educação para jovens do Ensino Médio público da cidade / Alisson Souza Corrêa. – 2023.

133 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio Grande/RS, 2023.

Orientador: Dr. Vânia Alves Martins Chaigar.

1. Ensino Médio 2. Escola Pública 3. Experiências Juvenis
4. Trabalho e Educação I. Chaigar, Vânia Alves Martins II. Título.

CDU 37-053.6(816.5RG)

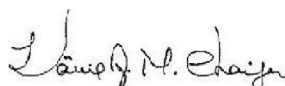
Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PPG EM EDUCAÇÃO

Avenida Itália, s/n, Carreiros, km 08, Rio Grande-RS, CEP 96203-900

ATA DE DEFESA DE MESTRADO – Nº 12/2023

Aos trinta dias do mês de maio de 2023, de forma remota, reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Mestrado do estudante Alisson Souza Corrêa, composta pelos seguintes membros: Profª. Dra. Vânia Alves Martins Chaigar (orientadora), Prof. Dr. Jerônimo Sartori (UFFS) e Profª. Dra. Suzane da Rocha Vieira Gonçalves (FURG), para exame da dissertação intitulada: “Experiências juvenis contemporâneas em Rio Grande/RS: desafios da relação trabalho e educação para jovens do Ensino Médio público da cidade”. Dando início à reunião, a orientadora agradeceu a presença de todos, fez a apresentação da banca examinadora e esclareceu aos presentes que o mestrando teria um tempo aproximado de 30 minutos para explanação do tema e igualmente cada membro para arguição. A seguir, passou a palavra para o mestrando que apresentou o tema e respondeu às perguntas formuladas pela banca. Após discussão, reuniu-se a comissão para arguição conjunta e considerou a dissertação APROVADA (aprovada/ **aprovada com restrições/ reprovada**). Cabe destacar que a titulação será efetivada após a entrega da versão final, no prazo máximo de 90 dias, a contar da data da defesa e estiver cumprido com os requisitos exigidos pelo curso. Nada mais havendo a tratar lavrou-se a presente ata.



Profª. Dra. Vânia Alves Martins Chaigar (orientadora)



Prof. Dr. Jerônimo Sartori (UFFS)

Profa. Dra. Suzane da Rocha Vieira Gonçalves (FURG)

AGRADECIMENTOS

Ao longo desses anos de mestrado, atravessado por pandemia, isolamento social, dentre outras questões, gostaria de deixar meus agradecimentos para algumas pessoas, animais e instituições que acreditaram no trabalho e foram fundamentais para a sua realização.

Agradeço a Universidade Federal do Rio Grande – FURG, uma universidade pública, de qualidade, na qual realizei minha graduação e agora apresento a pesquisa de mestrado; ao Programa de Pós Graduação em Educação - PPGEDU pelo acolhimento e ensinamentos nesse processo. Aproveito para agradecer também à Capes por subsidiar alguns meses dessa pesquisa.

Agradeço ao Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão Redes de cultura, estética e formação na/da cidade – Recidade e as/aos professores/as próximas/os do grupo, por me ensinarem a importância do trabalho coletivo e que uma pesquisa não se faz sozinha.

Agradeço a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Vânia Alves Martins Chaigar, por acreditar no trabalho, demonstrar a importância do afeto e da ética na pesquisa, obrigado pelo companheirismo e ensinamentos, seja na pesquisa em questão como também em projetos, eventos, reuniões e tantos outros espaços que compartilhamos nesses últimos anos.

Agradeço aos meus pais, Leci Terra Souza e Humberto Paradedda Corrêa, por me ajudarem em momentos difíceis, serem a minha origem e nunca deixar de acompanhar e apoiar meus passos.

Agradeço a Pietra Baccarin de Àvila, que compartilha comigo sonhos e lutas. Obrigado por me auxiliar nos momentos em que as crises emocionais tomavam conta de mim. Nas semanas que antecederam a escrita dessa versão, descobrimos que você estava grávida, impossível não deixar de agradecer por toda a dedicação e cuidado que já tens com nosso Joaquim.

Agradeço a Ramona e ao Bolota, meus queridos cachorros que tanto me acompanharam em dias e noites de estudo.

Agradeço aos meus amigos e amigas, Ana Roberta, Bruno Caniele, Darlan Machado, Felipe Bresolin, Renan Aguiar, Pablo Martins, entre tantos/as outros/as que sempre me estenderam a mão. Precisando, contem comigo, na mesma medida.

Muito Obrigado, a todas/os. Sem vocês esse trabalho não seria possível.

RESUMO

A pesquisa destaca diferentes experiências e relações de oito jovens estudantes trabalhadores do ensino médio com os seus espaços de trabalho e estudo na cidade do Rio Grande/RS. Tais relações são marcadas por desigualdades que se tornam mais evidentes no Ensino Médio, especialmente na rede pública de ensino, lugar desta pesquisa. Enquanto para alguns esse é um momento de preparação exclusiva para o ensino superior, para outros existe a necessidade de conciliar estudos com trabalhos, seja para conseguir ter um mínimo poder de compra, para vivenciar suas juventudes ou, ainda, como a única maneira possível de continuar estudando. A temática, que não é nova dentro das discussões acadêmicas, ganha novos recortes na contemporaneidade, marcada pelo retorno às aulas presencial - após dois anos de Ensino Remoto - e as Reformas Trabalhista (Lei 13.467/2017) e do Ensino Médio (Lei 13.415/2013). Tendo como referencial teórico as/os Jovens como sujeitos sociais e de direitos e as juventudes como categoria construída histórica e socialmente, a pesquisa dialoga com autoras/es como: Corrochano (2002; 2016); Peregrino(2014), Weller (2014), Sposito (2005), Franzoi (2019), Dayrell (2003; 2007), Groppo (2004;2017), entre outros/as. O estudo resgata discussões importantes acerca das políticas públicas de trabalho e renda para as juventudes brasileiras, a exemplo do Estatuto da Juventude e da Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude. A pesquisa se ampara nas Entrevistas Narrativas como ferramenta metodológica e destaca a partir dos sujeitos entrevistados os desafios enfrentados na rotina de estudantes e trabalhadores/as, bem como seus anseios após concluírem o Ensino Médio e temáticas emergentes para o campo da Juventude e da Educação. Com relação aos desafios destacados por esses sujeitos destaca-se as dificuldades para conciliar o tempo entre estudos, trabalho, lazer e descanso; o baixo nível de aprendizado no ensino remoto durante os anos de 2020 e 2021; além de alegarem não se sentirem escutados dentro do ambiente escolar, entre outras questões. Isso, no entanto, não impede suas prospecções e sonhos pessoais, como a continuidade de estudos no ensino superior, algo que apareceu em todas as entrevistas. Nessa espiral, as onze temáticas que emergiram, fruto dos processos de coleta e análise das entrevistas, salientam as diversidades existentes entre os sujeitos da pesquisa, ao mesmo tempo que contribuem para discussões contemporâneas na área. Enseja-se que a pesquisa possa contribuir com práticas educativas e na/para a formação de professores/as.

Palavras Chave: Ensino Médio; Escola Pública; Experiências Juvenis; Trabalho e Educação.

ABSTRACT

The research highlights different experiences and relationships of eight young working high school students with their work and study spaces in the city of Rio Grande/RS. Such relationships are marked by inequalities that become more evident in high school, especially in the public school system, the place of this research. While for some this is a time of exclusive preparation for higher education, for others there is the need to reconcile studies with work, either to have a minimum purchasing power, to be able to experience their youth, or even as the only possible way to continue studying. The theme, which is not new within the academic discussions, gains new outlines in contemporary times, marked by the return to face-to-face classes - after two years of Remote Learning - and the Labor Reforms (Law 13.467/2017) and the High School Reforms (Law 13.415/2013). Having as theoretical reference the young people as social subjects and subjects of rights and youth as a historically and socially constructed category, the research dialogues with authors such as: Corrochano (2002; 2016); Peregrino (2014), Weller (2014), Sposito (2005), Franzoi (2019), Dayrell (2003; 2007), Groppo (2004;2017), among others. The study recalls important discussions about public policies on work and income for Brazilian youth, such as the Youth Statute and the National Decent Work Agenda for Youth. The research relies on Narrative Interviews as a methodological tool and highlights from eight interviewed subjects the challenges faced in the routine of students and workers, as well as their aspirations after completing high school and emerging themes for the field of Youth and Education. Regarding the challenges highlighted by these subjects, the difficulty to conciliate the time between studies, work, leisure, and rest; the low level of learning in remote education during 2020 and 2021; besides claiming not to feel listened to within the school environment, among other issues. This, however, does not stop their personal prospects and dreams, such as continuing their studies in higher education, something that appeared in all interviews. In this spiral, the eleven themes that emerged as a result of the interview collection and analysis processes highlight the existing diversities among the research subjects, while contributing to contemporary discussions in the area. It is hoped that this research can contribute to educational practices and to the formation of teachers.

Key Words: High School; Public School; Youth Experiences; Work and Education.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Desenvolvimento da tática ‘bola de neve’ na pesquisa.....	p.21
Figura 2: Bairros em que residem as/os entrevistadas/os.....	p.45
Figura 3: Praça Vicente, local de entrevista com Camila.....	p.49
Figura 4: Praça Saraiva, local da entrevista com Daniel.....	p.61

ÍNDICE DE TABELA

Tabela 1: Fases principais da entrevista narrativa.....	p.25
Tabela 2: Diferenças entre os métodos de análise das EM.....	p.29
Tabela 3: Códigos utilizados na transcrição das entrevistas.....	p.29
Tabela 4: Prioridades sugeridas na ANTDJ.....	p.40
Tabela 5: Estudantes trabalhadores/as participantes das Entrevistas Narrativas por idade, raça e gênero.....	p.46
Tabela 6: Vínculos de trabalho de acordo com gênero e raça.....	p.47
Tabela 7: Carga horária diária de trabalho e estudo de acordo com gênero e raça.....	p.47
Tabela 8: Quantidade de horas de sono por dia de acordo com gênero e raça.....	p.48
Tabela 9: Temáticas que emergiram das Entrevistas Narrativas.....	p.49

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Síntese da entrevista com Camila.....	p.53
Quadro 2: Síntese da entrevista com Marta.....	p.56
Quadro 3: Síntese da entrevista com Sabrina.....	p.58
Quadro 4: Síntese da entrevista com Gustavo	p.60
Quadro 5: Síntese da entrevista com Danilo	p.62
Quadro 6: Síntese da entrevista com Pâmela.....	p.63
Quadro 7: Síntese da entrevista com Daniel.....	p.66
Quadro 8: Síntese da entrevista com Beatriz.....	p.68

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

ANTDJ - Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CONJUVE - Conselho Nacional da Juventude
COVID-19 – Coronavirus disease 2019
CNI - Confederação Nacional da Indústria
DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais
DCNEM – Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio
ECA – Estatuto da criança e do adolescente
EJ - Estatuto da Juventude
EJA – Educação de Jovens e Adultos
EN - Entrevistas Narrativas
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
FURG – Universidade Federal do Rio Grande - FURG
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ONG – Organização não governamental
OIT - Organização Internacional do Trabalho
SNJ - Secretaria Nacional da Juventude
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua
PNPE - Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego
PPGEDU – Programa de Pós-Graduação em Educação
PROJOVEM – Programa de Inclusão de Jovens
PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
RECIDADE – Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão Redes de cultura, estética e formação na/da cidade.
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1 Justificativa	15
1.2 Problema de pesquisa	18
1.3 Objetivos da pesquisa	18
1.4 Sobre os capítulos	19
2 METODOLOGIA, TRAJETOS E CAMINHOS DA PESQUISA.....	21
2.1 Movimentos realizados.....	21
2.2 Sobre os sujeitos da pesquisa: recortes e aproximações.....	25
2.3 Sobre a coleta de dados: a utilização das entrevistas narrativas	27
2.4 Processos de análise das entrevistas narrativas.....	31
3 JUVENTUDES.....	34
3.1 Juventudes: categoria histórica e social.....	34
3.2 A tríade Juventude-trabalho-educação nas recentes Políticas Públicas brasileiras .	39
4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS NARRATIVAS.....	48
4.1 “Entrei em conflito com Ensino Regular... o EJA salvou meu ano” – Análise da entrevista com a Camila	52
4.2 A ONG de uma só pessoa– Análise da entrevista com Marta.....	55
4.3 A escola é um lugar, mesmo que eu goste de estudar, que vários dias eu não quero estar – Análise da entrevista com Sabrina.....	57
4.4 Luto e Luta pós-pandemia – Análise da entrevista com Gustavo.....	59
4.5 Não é só questão de saber cozinhar, é sobre ter uma vida saudável – Análise da entrevista com Danilo	61
4.6 “Faltam projetos de conscientização que poderiam passar pela escola” – Análise da entrevista com Pâmela	63
4.7 O corre é contra a maquina e o ‘tempo perdido’ na pandemia - Análise da entrevista com Daniel.....	65
4.8 “Hoje em dia a gente trabalha só para viver, né? Quem é pobre pelo menos” – Análise da entrevista com Beatriz	68

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
7. TRANSCRIÇÕES COMPLETAS DAS ENTREVISTAS	79
7.1 Transcrição completa da entrevista com Daniel	80
7.2 Transcrição completa da entrevista com Camila.	87
7.3 Transcrição completa da entrevista com a Marta.	99
7.4 Transcrição completa da entrevista com a Sabrina.	105
7.5 Transcrição completa da entrevista com Gustavo	110
7.6 Transcrição completa da entrevista com a Pâmela	116
7.7 Transcrição completa da entrevista com Danilo	120
7.8 Entrevista completa da entrevista com Beatriz.....	125
ANEXOS:.....	131
Anexo 1: Carta convite enviada aos professores/as e escolas.	131
Anexo 2: Termo de consentimento livre e esclarecido.	132
Anexo 3: Questionamentos elaborados para as entrevistas.....	133

1. INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa

As Diretrizes Curriculares Nacionais concebem o trabalho “em sua perspectiva ontológica de transformação da natureza, como realização inerente ao ser humano e como mediação no processo de produção da sua existência” (BRASIL, 2012). Tal conceituação tem relação com o método analítico do trabalho em sua forma ontológica desenvolvido por Marx (1983). O trabalho é, ao mesmo tempo, uma atividade cultural, na medida que a cultura é atividade produtora das formas de trabalhar e produzir.

Nesse sentido, de acordo com Saviani (2007) o trabalho é considerado também como princípio educativo, onde se destacam as ações humanas realizadas sobre a natureza em determinado processo histórico. Tal relação está presente desde as comunidades primitivas, onde o predomínio dos meios de produção à época, principalmente ligados à agricultura, eram disponibilizados e mesmo necessários, para todos os sujeitos. Na medida em que as técnicas e tecnologias se desenvolveram nas sociedades, é possível observar as rupturas e surgimentos de novos meios de produção, resultando entre eles na divisão do trabalho e sua consequente divisão de classes.

As modificações das formas de trabalho, meios de produção e relações sociais que são alteradas historicamente, assumem no interior do modo de produção capitalista, uma forma específica, a do trabalho assalariado. Nele há a troca da força de trabalho por uma remuneração sob a forma de dinheiro. É por meio dessa relação que os sujeitos conseguem alcançar e ter acesso a uma série de direitos que em tese deveriam ser garantidos pelo Estado, como, por exemplo, a alimentação adequada, cultura, lazer, educação, mobilidade, entre outras (CORROCHANO, 2014).

Contudo, é importante destacar os altos índices de desemprego do Brasil nos últimos anos, em especial para os/as jovens, que em média é três vezes maior que o restante da população (IBGE, 2021). Além disso, há em curso uma precarização das relações de trabalho no país, onde a informalidade condiciona os sujeitos para ora estarem empregados/as, ora estarem procurando emprego. Destaca-se também outras maneiras de trabalho existente na sociedade, como o voluntário, o doméstico, corporativo, etc; que apesar de não serem o foco da pesquisa, mas aparecem ao longo da mesma a partir das

entrevistas realizadas.

No âmbito das produções acadêmicas no país, as pesquisas que envolvem a temática sobre as relação entre trabalho e educação remetem aos anos finais da década de 1960, sendo intensificadas as produções a partir do início dos anos 1970 com a implementação da profissionalização no segundo grau. Na década de 1980, com a consolidação do GT Trabalho e Educação na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), se reconhece o lugar do trabalho entre jovens e sua importância na construção do ser jovem. O GT, tornou-se expoente dentro da associação tendo importante contribuições teóricas nas décadas seguintes (CORROCHANO; NAKATO, 2002).

Se as discussões acerca da temática são relevantes há décadas no país, esse fato por sua vez, não sinaliza para um possível esgotamento de trabalhos nessa área. Pelo contrário, ainda que os dados apontem para o aumento na frequência exclusiva à escola quando comparado aos anos de 1990, existe elevado número de jovens estudantes e trabalhadores que carecem de atenção e políticas públicas. Salienta-se, ainda, a necessidade de aprofundar pesquisas no campo da tríade juventude, trabalho e educação, na medida em que os contextos históricos e sociais se alteram de maneira constante, como presenciado via a reforma do ensino médio (Lei nº 13.415/2017, BRASIL, 2017), a reforma trabalhista (Lei nº 13.467, BRASIL, 2017), somando-se aos impactos da pandemia e do ensino remoto na vida desses sujeitos.

De acordo com o site do Ministério da Educação¹, a reforma do Ensino Médio pretende “atender às necessidades e às expectativas dos jovens, fortalecendo o protagonismo juvenil na medida em que possibilita aos estudantes escolher o itinerário formativo no qual desejam aprofundar seus conhecimentos”. É possível observar que na perspectiva destacada, o protagonismo juvenil se limita a uma determinada escolha, onde sequer há obrigatoriedade ou investimento suficiente para as escolas disponibilizarem itinerários diversificados. Será que as reformas propostas atendem às necessidades e expectativas dos/as jovens? Mas quais seriam essas expectativas e necessidades? Notadamente o documento não enfatiza ou preconiza tais questões.

De acordo com o artigo 5º das Diretrizes Curriculares do Ensino Médio/ DCNEM (2018, p. 2), o Ensino Médio orienta-se (entre outros princípios) pela “compreensão da

¹ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361> Acesso em: 07/04/2022.

diversidade e realidade dos sujeitos, das formas de produção e de trabalho e das culturas”, ou seja, (re)conhecer as múltiplas condições juvenil se faz necessário para conceber suas experiências, sonhos, anseios, desafios, são diversos, plurais, singulares e também coletivos. É tomado como base também o direito universal à Educação, que assume, entre outros compromissos: a) o Ensino Médio como última etapa da Educação básica e indispensável na formação para o exercício da cidadania; b) a expansão da obrigatoriedade de frequência escolar até os 17 (dezesete) anos.

Os trabalhos realizados por François et. al. (2019), indicam que os/as estudantes trabalhadores/as são, de maneira geral, invisíveis para as escolas públicas. As medidas tomadas, seja em nível de cunho administrativo ou pedagógico, são tímidas e giram em torno de duas alternativas para esses grupos: o encaminhamento para o ensino noturno, como um “depósito” de estudantes trabalhadores/as ou para estágios não obrigatórios que, por sua vez, têm se constituído como mais uma maneira da precarização do trabalho.

Para Acácia Kuenzer (2011), o Brasil atualmente assume, através de políticas públicas, uma dualidade que ela chama de “exclusão includente” vis-à-vis uma “inclusão excludente”. Na primeira, a exclusão ocorre por meio das demissões em massa de trabalhadores/as com vínculos formais, mas em virtude da necessidade de exploração da mão de obra existente dentro do sistema capitalista, há uma inclusão desses postos de trabalho por sujeitos (por vezes os mesmos que haviam sido demitidos) sem os direitos trabalhistas conquistados historicamente. Nesse caso, há ainda a possibilidade de se manter vínculos trabalhistas, porém sem direitos, como é o caso recente dos contratos intermitentes. Por outro lado, a escola também é fundamental na engrenagem desse processo. Sob a égide da racionalidade do neoliberalismo, o papel social que a escola se incumbiu é o de preparar os/as jovens para se adaptarem à competição e as constantes mudanças ocorridas no mundo do trabalho capitalista, um processo individualista e segmentado.

Soma-se ainda, a existência de uma crise em curso na sociedade entre jovens e escola, ancorada principalmente nas transformações, tensões e conflitos, como se observa nos processos de socialização e na velocidade da distribuição do conhecimento, que antes eram restritos aos muros – físicos e simbólicos - escolares e hoje de maneira rápida e constante está na mão dos sujeitos em seus aparelhos eletrônicos (DAYRELL, 2007).

São outros sujeitos que adentram o sistema público de ensino que, por sua vez, ainda está preparado para receber os mesmos estudantes de vinte, trinta, quarenta anos

atrás. A característica desses sujeitos, a tecnologia na sociedade, a distribuição econômica, entre outros fatores, mudou drasticamente nas últimas décadas. A expansão do ensino médio no país, acompanha perfis diversificados de estudantes que adentram o sistema público de ensino, cada vez mais heterogêneo, encharcados de experiências de uma sociedade desigual. Esses conflitos não são deixados do lado de fora da escola, são na verdade, determinantes na construção de suas trajetórias escolares.

Nesse sentido a pesquisa tem como base a teoria dialética entre educação e experiência desenvolvida por Thompson (1981), que parte do pressuposto que as atividades realizadas pelas pessoas comuns são importantes de serem estudadas e constroem o que o autor chama de *history from below* (A história dos subalternos, tradução livre).

Para Antunes (2020), “se o mundo atual nos oferece como horizonte imediato o privilégio da servidão, seu combate e seu impedimento efetivos, então, só serão possíveis se a humanidade conseguir recuperar o desafio da emancipação (p. 318)”. Inspirado nesses constructos a atual pesquisa busca evidenciar as juventudes para além do estigma social de problemática, violenta e libertina. Trata-se de sujeitos sociais e de direitos que vivem e estabelecem suas relações no interior desse meio de produção. Investigar a inserção e experiências desses sujeitos em meio a conjuntura econômica de aumento das desigualdades, seus desafios e prospecções são os principais balizadores dessa pesquisa.

1.2 Problema de pesquisa

Diante do exposto, que desafios se apresentam na relação trabalho e educação através da experiência de jovens trabalhadores/as e estudantes do ensino médio em Rio Grande/RS?

1.3 Objetivos da pesquisa

- Investigar jovens estudantes do ensino médio público da cidade do Rio Grande, RS, inseridos no mercado de trabalho, com intuito de conhecer suas experiências juvenis baseadas na relação trabalho e educação.
- Caracterizar as juventudes como construção histórica e social e as/os jovens como sujeitos sociais e de direitos.

- Analisar as recentes políticas públicas de trabalho para as juventudes brasileiras.
- Destacar, a partir das entrevistas realizadas com os sujeitos, temáticas emergentes para o campo da Educação.

1.4 Sobre os capítulos

Com intuito de elucidar essas questões, a pesquisa se desenvolveu em outros seis capítulos, além deste introdutório. No capítulo seguinte, “Metodologia, trajetos e caminhos da pesquisa”, se discute as alterações que ocorreram e balizaram a realização da pesquisa. Para isso, inicialmente argumenta-se sobre a importância de pesquisas na área da educação, especialmente no contexto vivenciado. Após essa etapa, são apresentadas as estratégias metodológicas utilizadas durante os recortes da pesquisa e na aproximação com os sujeitos. Em seguida, o capítulo aborda sobre a utilização das Entrevistas Narrativas como método de coleta de materiais para pesquisas com jovens voltadas para a Educação, tendo como base a pesquisa qualitativa. Por fim, é apresentada a metodologia utilizada na análise dos dados coletados.

No capítulo três, é debatido a juventude enquanto categoria social e histórica, com base na sociologia da juventude (GROPPO, 2004, 2017; CASSAB, 2011, entre outros). Para esses autores, não há uma maneira exclusiva de viver a juventude, mas, sim, múltiplas possibilidades de vivenciar a experiência juvenil. Como tal, os/as jovens são também sujeitos sociais que pensam, vivem e agem no mundo, ao passo que se trata de sujeitos de direitos perante a sociedade. A segunda parte do capítulo, versa sobre os recentes avanços, em especial na primeira década do século, em políticas públicas para esses grupos, destacando o Estatuto da Juventude/EJ (BRASIL, 2013) e a Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude/AGNTDJ (MTE, 2011). Apesar de avanços importantes na área, é observado nos últimos anos uma lacuna entre a teoria do EJ e a articulação na prática. Algo que também acontece com a AGNTDJ, que após anos de discussões coletivas, não houve consenso dos grupos integrantes para a elaboração de um plano nacional, à época, no ano de 2016. De lá para cá, se destacam as políticas de apoio ao empreendedorismo na área.

No capítulo quatro, por sua vez, encontra-se a análise das oito entrevistas realizadas com as/os jovens estudantes e trabalhadores/as em Rio Grande/RS. As transcrições completas são encontradas no último capítulo (sete). O quinto capítulo,

consiste nas considerações finais à luz dos objetivos propostos.

Contando a história vista de baixo, é possível compreender a escola e as relações com outros espaços de socialização, como importantes pilares no horizonte de uma educação emancipadora e que respeite o protagonismos dos/as jovens sujeitos. Tal discussão, torna-se fecunda na medida em que essas situações podem auxiliar na organização e construção dos planejamentos e atividades escolares, bem como na participação ativa de jovens nessas ações. Desse modo, a pesquisa enseja contribuir na elaboração práticas educativas, bem como para a formação de professores/as e estudantes.

2 METODOLOGIA, TRAJETOS E CAMINHOS DA PESQUISA

2.1 Movimentos realizados

Para iniciar o capítulo metodológico, é de suma importância refletir e apresentar, ainda que de maneira breve, as alterações e delineamentos que ocorreram - e foram fundamentais – no percorrer da construção e realização da pesquisa. Não se trata de analisar a partir da dualidade do que deu ‘certo *versus* o que deu errado’, mas sim da compreensão de que a pesquisa foi desenvolvida em meio a um contexto social e histórico extremamente complexo, marcado pela pandemia de COVID-19. Em meio a pior pandemia da história contemporânea que acarretou no aprofundamento das desigualdades sociais históricas no Brasil, ainda se conviveu com a radicalização do ódio, a negação da ciência, o ataque à educação e às instituições públicas, promovidos principalmente pelo então presidente à época, que acarretaram impactos na sociedade brasileira e, conseqüentemente, atravessaram também os próprios sujeitos que participaram dessa pesquisa, seja o pesquisador e/ou os/as entrevistados/as.

O projeto inicialmente pretendia investigar a relação de jovens estudantes do ensino médio com a cidade do Rio Grande/RS, compreendendo os espaços públicos como palco e sínteses das “múltiplas dimensões materiais, políticas e simbólicas” (CARRANO; FÁVERO, 2014, p. 14). Esse trabalho apresentava-se como um desdobramento de outras investigações sobre jovens e a cidade do Rio Grande/RS realizadas ao longo de 2018 e 2019, na época com jovens da cultura marginal, especialmente os pixadores². Entretanto, na medida em que tanto as escolas como a cidade e seus lugares públicos (em maioria) estavam esvaziadas em virtude do necessário isolamento social promovido para diminuir a contaminação da população pelo vírus SARS-CoV-2, as lentes voltaram-se para questionamentos sobre como estaria acontecendo o processo de ensino/aprendizagem das juventudes no ensino médio público da cidade.

Emergem, a partir da pesquisa guarda-chuva “Juventudes (Escolares) em tempos afastamento social: estudos de casos na cidade do Rio Grande, RS”³, dados que indicam

² Destacamos a referência da categoria Pixo com X, pois ao longo desse trabalho identifica-se que há uma diferença dentro da cultura marginal entre as palavras Pixo e Picho, sendo o primeiro referente as tags, ou seja, as assinaturas que os sujeitos se apresentavam e que era o foco do trabalho à época.

³ Tal pesquisa *guarda-chuva* é, promovida pelo Grupo de Pesquisa e Extensão Redes de cultura, estética e formação na/da cidade - Recidade através, principalmente, de duas das suas linhas de pesquisas, a

alguns dos atuais desafios contemporâneos da/para a Educação. Interpretando os resultados que despontaram ao longo do ano de 2020 e 2021 na mencionada pesquisa *guarda-chuva*, observou-se um número expressivo de jovens estudantes inseridos no mercado de trabalho precarizado ou na condição de desempregados ou ainda na procura de emprego (CORRÊA; CHAIGAR, 2021 a,b)⁴.

Nesses constantes movimentos, a pesquisa foi constituindo sua centralidade a partir das relações e desafios do trabalho e educação na vida dos/as jovens que enfrentam esse período histórico. De acordo com Corrochano; Nakato (2007) ao analisarem o conjunto de teses e dissertações sobre a relação trabalho e educação durante o período de 1996-2006, ressaltam que:

As investigações são fortemente inspiradas pela crise e pelas transformações do mundo do trabalho, especialmente o assalariado, a partir dos anos 1990. Este processo levou a interrogações em torno do lugar da esfera do trabalho na vida de crianças, adolescentes e jovens, de suas experiências concretas neste espaço diante de um cenário de desemprego e precarização das relações trabalhistas, das novas (ou não) relações entre educação e trabalho e das ações públicas implementadas por diferentes atores para lidar com esta conjuntura. (CORROCHANO; NAKATO, 2007, p. 17).

“Educação/Formação: espaços formais e não formais na/da cidade” e “Cidade, flora, infâncias, juventudes e animais”. A pesquisa teve início no segundo semestre de 2020 (de maneira remota em 2020 e 2021) e possui duração prevista até o final de 2024. Durante esse período, a pesquisa teve como objetivo compreender, através das narrativas de jovens estudantes, as consequências do contexto de isolamento social em suas formações acadêmicas e experiências juvenis. A pesquisa procurou adaptar-se às diferentes conjunturas que cada ano apresentava. Diversos movimentos e ajustes foram realizados durante o percorrer dessa pesquisa, como o aprimoramento do questionário – adaptado ao contexto dos diferentes anos de que a pesquisa contempla -, assim como os métodos referentes a coleta e análise dos materiais, por exemplo. Em 2020 marcado como o ano de início da pandemia e os distúrbios sociais provocados. Já no ano de 2021, passado 1 ano de afastamento sociais, procurou evidenciar como esses sujeitos encontravam-se e os impactos deixados pelo ensino remoto em suas formações escolares. Por sua vez, 2022 representa o retorno das aulas e encontros presenciais. Observou-se ao longo dos anos de 2020 e 2021, através da participação de 216 jovens via questionário nesse período, a diversidade de impactos sofrido por esses/as estudantes durante esses anos longe das escolas, bem como a permanência desses de maneira latente nos próximos anos, sendo relatados quatro principais obstáculos enfrentados para a aprendizagem nesse período, sendo eles: a) Cansaço físico e psicológico com a pandemia; b) Falta de interesse na modalidade do Ensino Remoto; c) Precariedade no acesso ao ambiente virtual; d) Conflitos de horário (CORREA; CHAIGAR, 2021). Realizando um recorte para esse último obstáculo, observamos um aumento significativo de estudantes que estudavam e trabalhavam de 2020 para 2021. Tal aumento, supomos estar relacionados a uma série de fatores, tais como, o fim do auxílio emergencial em Janeiro de 2021, e a idade dos sujeitos (quanto mais próximos aos 18 anos maior a pressão para sua inserção no mercado de trabalho). A partir disso, a pesquisa desdobrou-se em outras afim de compreender a partir dos próprios sujeitos alguns dos desafios contemporâneos para a Educação desse setor expressivo da comunidade escolar.

⁴ É importante levar em consideração as importantes mudanças que ocorreram no país entre esses dois anos e podem ter influenciado diretamente para esses números, a exemplo do fim do auxílio emergencial e o retorno das atividades presenciais. Da mesma maneira, se ressaltar que, até esse momento da pesquisa *guarda-chuva*, os dados estavam sendo coletados restritamente de maneira remota, ou seja, é provável que muitos/as estudantes que não tinham acesso à internet ou ainda aqueles que não acessavam com frequência às aulas, não tenham tido conhecimento da pesquisa, caso também de quem evadiu do sistema escolar durante esse período.

Como destacado pelas autoras, as pesquisas na área são motivadas principalmente pelas das crises (cíclicas dentro do sistema econômico capitalista) e as respostas provenientes do modelo de organização do trabalho dentro desse sistema, tendo em vista a manutenção do *status quo* na sociedade. A década de 1990, como também destacado pelas autoras, marcou mudanças significativas no tecido social brasileiro. Do ponto de vista das políticas macro durante esse período (marcado pela criação recente da Constituição e rompimento com um longo período de ditadura militar) podemos citar dois (02) exemplos: 1) o protagonismo e a centralidade que a racionalidade neoliberal assume na agenda política/econômica brasileira e seus impactos na reconfiguração do papel da escola para atender as demandas do mercado capitalista internacional⁵; 2) a expansão do ensino (especialmente no nível básico, que posteriormente determinaria sua universalização) nas camadas populares e as políticas de trabalho para as juventudes.

Se, por um lado, a expansão do acesso ao sistema de ensino é um processo necessário e democratizador - fruto de árduas lutas populares nos anos anteriores (SPOSITO, 1984) -, principalmente tratando-se de parcelas historicamente excluídas e marginalizadas do sistema educacional; por outro lado, irá promover novas formas de diferenciação social nesses espaços. Considerando a afirmação de Sposito (2005) que os/as jovens das classes populares são essencialmente trabalhadores/as, podemos verificar que a tardia expansão das instituições escolares nessas camadas, assumirá assumir um papel socializador junto com outro que já estava presente, o trabalho.

Segundo Peregrino (2014),

[...] os jovens que, hoje, encontram-se nas escolas de ensino médio, em especial aqueles que foram incorporados a esta mais recentemente, são jovens que dividem seu tempo entre a escola e o trabalho. Porém, ao contrário do que vem sendo percebido nos países da Europa, em que pela retração, precarização, e extensão do tempo necessário a incorporação formal dos jovens ao mundo do trabalho, estes vem estendendo sua frequência a escola, no Brasil, ao contrário, temos uma história de socialização dos jovens pobres, fundamentalmente pelo trabalho, e que passa a incorporar a convivência prolongada para com a escola a partir de sua expansão nos últimos anos, ou seja, se lá temos uma convivência entre os mundos da escola e do trabalho a partir das precariedades do trabalho, aqui, teremos uma relação tensa, marcada pela composição entre as já históricas precariedades que marcaram desde sempre as relações dos grupos populares para com o trabalho aliada a expansão precária da escola, como elementos determinantes. (PEREGRINO, 2014, p. 269).

⁵ Para saber mais: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (orgs.). **A formação do cidadão produtivo: a cultura de mercado no ensino médio técnico**. Brasília: INEP, 2006.

Levando em conta o excerto da autora, é importante ressaltar que as taxas de desemprego entre jovens é um número muito maior que o do restante da população. De acordo com as pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE (2020), enquanto a média geral do desemprego no país em 2019 estava em 12,2%, entre jovens de 18-24 anos esses números subiam para 27,1%.

Além disso, as recentes reformas trabalhistas⁶, encurralaram os sujeitos dessa camada em condições de trabalhos sem direitos trabalhistas e incertos, imersos na situação de ora estar empregado ora estar procurando emprego. Soma-se ainda ao contexto recente, os impactos da pandemia e as fragilidades que o Ensino Remoto representa na vida desses jovens, visto que, muitos sonham em ingressar no ensino superior, mas não se sentem preparados em virtude dos anos no ambiente remoto (FIOCRUZ, 2020; ATLAS DA JUVENTUDE; 2021).

São levadas em consideração que as relações entre trabalho e educação constituem dimensões centrais nas sociabilidades desses sujeitos. Contudo, é fundamental destacar que tal centralidade não acontece de maneira igual entre as/os jovens, pois, na verdade, estão permeadas de condições e marcadores sociais distintos. Enquanto alguns jovens vivenciam o ensino médio como um trampolim para o ensino superior, outros/as contrastam com a inserção precária no mercado de trabalho enquanto única maneira de ter condições para vivenciar a sua juventude.

No interior desses conflitos, a história pode ser vista de baixo, a partir das camadas populares. São as experiências e histórias das ‘pessoas comuns’ que estabelecem uma relação dialética entre determinações objetivas e subjetividades individuais e/ou coletivas. A experiência é nesse contexto, a mediação entre o ser social e a sua consciência social, onde se expressam culturas, maneiras de pensar, formas de resistências, mas também “é por meio da experiência que o modo de produção exerce uma pressão determinante sobre outras atividades: e é pela prática que a produção é mantida. (THOMPSON, 1981, p. 112)”.

Como veremos ao percorrer as entrevistas, a partir desse segundo grupo, o trabalho, por vezes, significa o impedimento da continuação dos estudos ou a única

⁶ Apesar de destacar a Reforma do Ensino Médio, os/as estudantes que participaram da pesquisa já estavam no segundo e terceiro ano do Ensino Médio, que começou a ser implementado em 2022 nas escolas gaúchas com aqueles sujeitos ingressantes no primeiro ano.

maneira viável de manter-se na escola. Com base nessas observações, nos deparamos com questionamentos metodológicos: como a pesquisa se aproximaria desses sujeitos? Se os mesmos trabalham e estudam, que estratégias seriam utilizadas para realizar as entrevistas? Ou ainda, de maneira mais ampla, como descobrir quem são esses sujeitos que trabalham e estudam no ensino médio em Rio Grande?

2.2 Sobre os sujeitos da pesquisa: recortes e aproximações

Diante dos questionamentos realizados ao final do subcapítulo anterior, a pesquisa recorre às estratégias ‘bola de neve’ (MANSKE, 2019), com intuito de tornar possível uma aproximação qualitativa entre o pesquisador e os sujeitos. Tal estratégia consiste na criação de uma rede de pessoas parceiras próximas da pesquisa, onde cada uma é responsável por indicar e/ou convidar outras pessoas que conhecem e se encaixem no recorte da pesquisa para participarem. Sobre os recortes para a participação da pesquisa, se assumiu três critérios a serem contemplados, sendo eles:

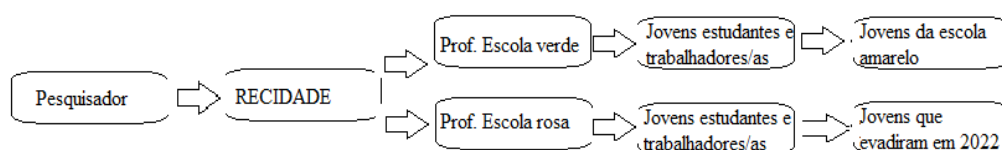
- a) Jovens entre 15-24 anos: Ainda que de acordo com o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013) a faixa etária que corresponde a jovens seja mais amplas (15-29 anos), esse recorte ocorre por entender as significativas diferenças existentes entre esses grupos. A faixa de 15-24 anos é marcada, de modo geral, pelo período de escolarização obrigatória (até os 17 anos) e da inserção laboral sobre algumas condições (a exemplo do Jovem aprendiz, que pode iniciar com 14 anos). Essa faixa também representa para a maioria da população o término da educação básica, e o início das atividades de trabalho. (PNAD, 2019). Por outro lado, os sujeitos que possuem entre 25-29 anos são comumente chamados de “jovens adultos” em decorrência do predomínio das condições de responsabilidades familiares e de trabalho serem mais exigentes que de escolarização (CORROCHANO, 2020);
- b) Ser estudante de Escolas Públicas: a escolha pela rede pública de ensino se fez por entender algumas de suas especificidades. Um dos desafios que a escola pública enfrenta é relativo a evasão escolar. Por esse motivo, além dos/as jovens que estavam à época da pesquisa frequentando o Ensino Médio, a pesquisa também se debruçou na escutatória de um jovem que

evadiu do sistema escolar público em 2022. Essa escolha ocorre para também reconhecer e destacar que as experiências juvenis são diferentes (e não menos importantes), uma vez que há na maioria dos casos uma relação entre a necessidade – por vezes obrigação - de trabalhar e não conseguir conciliar com os estudos.

- c) inserção no mercado de trabalho: O trabalho assume diferentes formas de acordo com a estrutura social vigente. Aqui, investigamos jovens assalariados/as, ainda que, também seja de interesse (mas não o objetivo central) conhecer se esses sujeitos exercem outras maneiras de trabalho, e exemplo do doméstico e/ou voluntário.

A partir disso, a pesquisa contou com a participação de dois professores (um também é membro do grupo de pesquisa Recidade; enquanto outro é um professor próximo do grupo) de duas escolas estaduais na cidade⁷, além de um aluno de graduação em Licenciatura Geografia que estagiava a época. Para as/os professoras/es e diretores/as das escolas foram enviadas uma carta convite (anexo 1) com a proposta e os objetivos principais da pesquisa. Na parte final das entrevistas, também foi perguntado se as/os entrevistados teriam outras indicações para participarem. Desse modo, a pesquisa alcançou também estudantes de outras escolas, além de um estudante que teve seu percurso escolar interrompido, como veremos mais à frente no capítulo IV.

Figura 1: Desenvolvimento da tática ‘bola de neve’ na pesquisa



Fonte: organizada pelo autor, 2023.

Após essa etapa, houve dois processos diferentes na aproximação com as/os estudantes. O professor da Escola verde, comentou sobre a pesquisa com uma turma e realizou o convite para a participação na pesquisa para aqueles/as que se encaixavam nos

⁷ Para garantir o anonimato dos/as entrevistados/as, conforme combinado durante as entrevistas, se opta por representar as escolas com nome de cores ao longo do trabalho.

critérios. Posteriormente, para aqueles/as que demonstraram interesse, foi solicitado seus contatos para serem apresentados de maneira formal à pesquisa, explicando que os procedimentos envolviam gravação de áudio, transcrição e anonimato, além de solicitação do termo de consentimento livre e esclarecido (anexo 2), para então as entrevistas serem realizadas.

Por sua vez, o professor da Escola Rosa, contou com um estudante estagiário - também próximo ao grupo de pesquisa - para apresentar a pesquisa para a turma. Após esse primeiro momento, ocorreu o convite por parte da escola para receber o pesquisador e realizar as entrevista nas dependências da escola durante os horários letivos.

É relevante destacar os esforços significativos desses sujeitos para realizarem suas entrevistas, em decorrência dos conflitos de horários. Diante disso, se optou por disponibilizar conforme a escolha do estudante sobre os melhores horários e locais que as entrevistas fossem realizadas, seja de maneira presencial (locais públicos que fossem próximos a sua escola, local de trabalho ou moradia) ou de maneira virtual.

Houve ainda cinco estudantes que apesar de demonstrarem interesse em participar da pesquisa, acabaram não participando da mesma. Em dois desses casos as/os jovens marcaram três vezes o horário e local para realizarem a entrevista mas, como trabalhavam com *bicos*⁸ foram chamados na última hora para trabalhar e acabaram desistindo de participar. Em outros dois casos, houve um interesse inicial em participar, mas, posteriormente, acabaram não retornando. Além disso, um jovem teve complicações de saúde no período de realização das entrevistas.

2.3 Sobre a coleta de dados: a utilização das entrevistas narrativas

Diversas são as possibilidades de realizar as coletas de dados junto a jovens, a exemplo da realização de grupos focais, grupo de discussão, observação participante, utilização de questionários, entre diversos outros. Tais métodos de coletas são amplamente realizados e representam importantes instrumentos de coleta e análise. De modo paralelo a esses, porém, também reconhecido e amplamente utilizado nas metodologias de pesquisas qualitativas, estão as Entrevistas Narrativas (EN), que durante

⁸ Bicos é um termo utilizado de modo frequente entre as/os jovens para se referirem a trabalhos informais que podem ocorrer de maneira esporádica, alternando dias, horários, funções, empresas.

a sua realização baseia-se em:

[...] conhecer a história de vida do/a informante ou partes dela, como, por exemplo, experiências relativas ao ciclo de vida e ao ciclo familiar do/a entrevistado/a e a relação destes acontecimentos com a estrutura social em que o/a portador/a da biografia está inserido. Em outras palavras, trata-se da reconstrução da perspectiva do indivíduo sobre a realidade social em que ele/a vive e que também é construída e modificada por ele/a. (WELLER, 2014, p. 356).

De acordo com a autora, que as EN possibilitam evidenciar os sujeitos como centro da ação, onde os mesmos (de diferentes faixas etárias, sejam adultos, jovens, crianças, idosos) e suas perspectivas são indispensáveis na compreensão dos fenômenos sociais. Isso é possível, pois tal reconstrução “revela percursos biográficos relacionados não só a trajetória individual, mas ao meio social, cultural e histórico do/a entrevistado/a” (WELLER, 2014, p. 357).

Tão logo, as estratégias metodológicas das ENs apresentam-se como uma importante ferramenta dentro das pesquisas qualitativas na área da Educação, composta por um conjunto de técnicas responsáveis por romper com modelos tradicionais de entrevistas descritivas.

A transformação da literatura, que permite contrastar narrativa e descrição, relaciona-se ao modelo social de cada época. [...] A descrição caracteriza uma tendência literária da segunda metade do século XIX e acompanha o caminho do capitalismo, sendo seu resíduo. Gradativamente, a descrição elimina a troca entre a práxis e a vida interior, características da narrativa. [...] A narrativa é uma forma artesanal de comunicar, sem a intenção de transmitir informações, mas conteúdos a partir dos quais as experiências possam ser transmitidas. [...] portanto, pode suscitar nos ouvintes diversos estados emocionais, tem a característica de sensibilizar e fazer o ouvinte assimilar as experiências de acordo com as suas próprias, evitando explicações e abrindo-se para diferentes possibilidades de interpretação. (MUYLAET *et al.*, 2014, p. 194).

Para Muylaet et al, inspirados/a na transformação da literatura a partir de trabalhos como de Lukács (1965) e Benjamin (1975) argumentam sobre as potencialidades que as EN e a oralidade representam na construção histórica da realidade. Isso acontece devido a sua capacidade de colocar as vivências em movimento, permitindo janelas que, por sua vez, podem indicar novas variáveis não observadas em modelos quantitativos. Além disso, ao evidenciar e analisar distintas narrativas individuais, destacam-se aspectos que são formadores de processos macros. Nessa perspectiva e à luz dos objetivos expostos anteriormente, se considera essencial compreender o cotidiano dos sujeitos entrevistados, na medida que:

Os usos do cotidiano do tempo podem ser estudados tanto de um ponto de vista qualitativo como de um ponto de vista quantitativo. [...] São as análises qualitativas dos usos do tempo as que melhor permitem evidenciar a vida cotidiana como um domínio de possível emergência e desenvolvimento de tensões e conflitos, latentes ou abertos, entre éticas e estruturas sociais e novos horizontes de realização individual (PAIS, 2003, p.16).

Inspirado nesses construtos, o processo de elaboração da EN, constituiu-se em elencar e valorizar aspectos da vida cotidiana de cada um dos sujeitos, que tinham em comum o fato de serem estudantes e trabalhadoras/es, ao mesmo tempo que resgata memórias recentes e possibilita conhecer os seus anseios e experiências.

Com base nisso, o trabalho ancora-se em Jovchelovitch; Bauer (2002) para compreender os processos de estruturalização das EN. Nesse trabalho, os autores elencam as suas principais fases, sistematizadas na tabela a seguir:

Tabela 1 – Fases principais da entrevista narrativa

Fases	Regras
Preparação	Exploração do campo de pesquisa, seguido da formulação de questões exmanentes.
Iniciação	Formulação do tópico inicial para a narração.
Narração Central	Não há interrupção do entrevistado por parte do entrevistador, apenas encorajando o sujeito a continuar a narração; Esperar os sinais de finalização da fala.
Fase de Perguntas	Não dar opiniões ou discutir contradições, realizar apenas perguntas do tipo “o que aconteceu?”; Ir de perguntas exmanentes para imanentes.
Fala conclusiva	Ocorre o término da gravação, podendo haver mais perguntas e anotações

Fonte: Jovchelovitch; Bauer (2002), organizado pelo autor (2023)

De acordo com os autores, a fase de preparação da entrevista, é o momento onde o pesquisador-entrevistador cria familiaridade com a temática a ser estudada e a partir disso elabora questões *exmanentes*, ou seja, que refletem o seu interesse. Por sua vez, as questões *imanentes* são temas e/ou acontecimento que surgem durante a narração, as quais o entrevistador precisa estar atento para poder inserir as questões exmanentes. A fase de iniciação é o momento em que ocorre a explicação da pesquisa para o/a participante, bem como os procedimentos que serão utilizados (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

Na fase de narração central, o/a narrador/a não deve ser interrompido até terminar seu relato. Nessa fase, o entrevistador se abstém de comentários, podendo realizar alguns sinais verbais que encoraja o/a narrador/a continuar sua história. Pode também tomar algumas anotações e perguntas futuras, caso isso não atrapalhe a entrevista. A fase de questionamento por sua vez, é o momento onde as questões exmanentes são introduzidas na entrevistas. Os autores destacam algumas regras importantes a serem seguidas nessa etapa, como por exemplo não apontar possíveis contradições nas falas. A fase conclusiva, por sua vez, é o momento onde o gravador é desligado e são realizados comentários e perguntas informais (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

Diante disso, a realização das entrevistas foram planejadas para abordar alguns aspectos da vida desses sujeitos. Para isso, no primeiro momento solicitamos que os/as participantes se apresentassem, falassem de si, suas histórias de vida e dos cruzamentos que existem entre escola e trabalho para eles. A partir disso, aprofundamos questionamentos acerca das suas experiências escolares, no trabalho e expectativas durante e pós ensino médio. Após concluída a gravação, houve o momento aberto para o/a narrador/a realizar perguntas sobre a pesquisa, indicar questões que sentiram falta ou se queriam complementar algo.

Consideramos importante destacar que para realização dessa etapa, existiam uma série de questionamentos previamente elaborados (questões exmanentes) que poderíamos usar ou não durante a entrevista (anexo 3). Além disso, tais questionamentos serviram como base para orientação do pesquisador-entrevistador, de modo que os mesmos não seguiram uma ordem cronológica, mas sofreram alterações e ajustes conforme o decorrer da pesquisa e na medida que outros novos foram durante a realização das entrevistas.

O que está em jogo no uso do método biográfico é a recuperação de memórias narradas do ponto de vista de quem as evoca. Mas em jogo está também a possibilidade de tornar visível o que – de um ponto de vista positivista – nem sempre é empiricamente detectável. São precisamente as dimensões invisíveis de um determinado fenômeno que, muitas vezes, nos permitem organizar o evidente. Os jovens entrevistados contam experiências de vida – memórias captadas dessas experiências – de apenas algumas, as que quiserem contar (PAIS, 2005, p. 83).

Destaca-se a partir da citação do autor sobre - conforme já comentado anteriormente - a importância de colocar os/as jovens entrevistados, a partir de sua perspectiva, como narradores de suas histórias. Os sujeitos não são tratados exclusivamente sobre as suas individualidades, mas são, e principalmente, incorporadas

suas interpretações acerca da realidade, ou seja, são colocados como sujeitos sociais e históricos construtores de conhecimento. Por outro lado, compreende-se também a partir do autor, que se trata de um método onde as memórias são seletivas e, por vezes, escolhidas de acordo com afetos do/a entrevistado/a sobre determinado assunto e/ou sobre momentos específicos da sua vida. Alguns desses casos que surgiram, foram classificados como temáticas emergentes.

2.4 Processos de análise das entrevistas narrativas

Ainda em Jovchelovitch; Bauer (2002), é possível entender que as EN são ferramentas metodológicas dentro da pesquisa qualitativa responsáveis pela geração de histórias ou fatos, onde as fases apresentadas anteriormente, auxiliam na coleta dos materiais. Entretanto, os processos analíticos que seguem essa coletas de dados, pode acontecer de maneira variada conforme cada pesquisa-entrevistador. Dentro das possíveis formas de realizar as análises, os autores destacam três mais comumente utilizadas:

Tabela 2 : Diferenças entre os métodos de análise das EN

Tipos de análise/ Autor	Focos metodológicos
Análise Narrativa (SHULTZ, 2010)	Focaliza a trajetória completa dos sujeitos. A proposta de análise consiste no tratamento do material coletado em 6 (seis) passos: Transcrição detalhada; Divisão do texto em materiais indexados e não indexados; Uso dos materiais indexados para realizar o ordenamento dos acontecimentos; Dimensões não indexadas são analisadas como “análise do conhecimento”; Agrupamento e comparação das trajetórias individuais; Trajetórias individuais são postas em contextos onde semelhanças são estabelecidas.
Análise Estruturalista (ABEL, 1993)	Focaliza elementos formais da narrativa. A análise consiste em combinações de duas dimensões: Dimensão paradigmática, onde são ordenados os elementos que aparecem na história (ex: começo, fins, conclusões morais); Dimensão sintagmática, elementos particulares são organizados; Comparação entre ambas dimensões através de representações de gráficos e teorias.
Análise Temática ⁹	Focalizado em desenvolver categorias a partir das narrativas individuais.

⁹ No trabalho realizado por Goss (2014), é possível encontrar que a tradução correta utilizada por Mayring como “Análise de conteúdo”. Entretanto, assim como a autora, optamos por manter a tradução referida no trabalho de Jovchelovitch; Bauer (2002).

(MAYRING, 2004) Para isso, propõe uma ‘redução’ do texto.
 Primeiro ocorre a transcrição completa e detalhada;
 Posteriormente é realizada uma condensação com apontamentos sobre temas;
 Após essas etapas, são selecionadas palavras-chaves que representem as temáticas.
 Por fim, ocorre a interpretação das entrevistas.

Fonte: Jovchelovitch; Bauer (2002), organizada pelo autor, 2023.

Nesse horizonte, existem outras inúmeras maneiras de realizar o tratamento de análise dos dados e cada uma apresenta a sua relevância dentro das pesquisas acadêmicas. No caso da pesquisa em questão, ancora-se em trabalhos como de Goss (2013) para realizar as análises temáticas. Referencia-se no método das temáticas para construção das análises por entender que

Esse tipo de análise temática é produtivo por dois motivos. Em primeiro lugar porque proporciona que os dados ou temas possam ser observados pela frequência com que aparecem nas entrevistas. O segundo aspecto é que, nesse processo, há mais de uma vez a necessidade de releitura das entrevistas, e isso contribui para um mergulho no universo discursivo dos pesquisa. (GOSS, 2013, p. 225).

Tendo esse referencial, as entrevistas possuem categorias consideradas ‘centrais’, como a relação dos sujeitos entrevistados com o trabalho, com a escola, dados gerais desses/as jovens, entre outros, conforme aparecerá nas análises. Além dessas, também ganham destaque as temáticas ‘emergentes’, na medida em que a subjetividade e os interesses de cada um/a despontou no decorrer das entrevistas.

Para elaboração das categorias, realizou-se no primeiro momento a transcrição completa das entrevistas. Durante o processo de transcrição, realizou-se códigos para características paralinguísticas, conforme indicado na tabela abaixo.

Tabela 3: Códigos utilizados na transcrição das entrevistas

Código	Significado
@	Término da fala do/a entrevistado/a
%	Mudança na entonação da voz: falas mais agitadas
!	Mudança na entonação da voz: falas mais

&	Mudança na entonação da voz: falas mais cadenciadas
#	Mudança na entonação da voz: falas mais baixas
{}	Mudança na expressão corporal: Sinal de bocejo e/ou cansaço
*	Mudança na expressão corporal: Sinais e gestos com as mãos
-	Mudança na expressão corporal: Sinal de negativo com a cabeça
+	Mudança na expressão corporal: Sinal de positivo com a cabeça
.	Pausa de 1 segundo
..	Pausa de 2 segundos
...	Pausa de 3 segundos
....	Pausa de 4 segundos
~	Risos
“”	Trecho da entrevista solicitado para não divulgar

Fonte: Weller (2014). Adaptado pelo autor (2023)

Posteriormente a esse etapa, elaborou-se quadros para cada entrevista, através de novas leituras das transcrições e suas divisões e a organização por frases chaves que representam categorias a partir de falas destacadas (WELLER, 2014).

3 JUVENTUDES

3.1 Juventudes: categoria histórica e social.

A temática Juventude tem alcançado na sociedade, através de autores/as de diferentes áreas, destaque ao longo do século XX e em especial nas últimas décadas no Brasil. É de relevância compreender que a juventude é reconhecida de maneira variada a depender do contexto histórico vivenciado. A puberdade, por exemplo, marcou a transição da infância durante séculos na sociedade, de modo que apenas a partir do século XIX, a Juventude passa a ser de fato aceita como uma fase da vida. Essa aceitação, entretanto, emerge de ciclos e momentos de tensões acerca desses grupos no interior dos estágios de desenvolvimento da sociedade moderna, seja em virtude do alargamento da faixa entre a infância e adulto, mas também para responder objetivamente a necessidade de acesso à educação, ao desemprego, entre outras questões. Em outras palavras, a juventude era encarada como uma fase propícia para cometer delitos e perturbar a ordem social estabelecida.

Em Groppo (2004), se encontra que:

Na verdade, existem ciclos, fases em que a preocupação com a juventude é enfatizada. [...] Conforme os efeitos sociais negativos do capitalismo industrial iam avançando, logo se impunha a questão da “juventude” desregrada, viciada, promíscua, indisciplinada, delinqüente, formadora de bandos criminosos etc., sem que ficasse claro para o discurso social e até para as ciências qual era a relação entre o avanço do capitalismo industrial, os problemas sociais daí decorrentes e a “questão da juventude (GROPPO, 2004, p.10).

Para o autor, na medida em que o capitalismo industrial se desenvolvia na sociedade Europeia, a juventude tornou-se uma ameaça constante para a manutenção do *status quo*, em uma época de efervescência política na Europa. Contudo, não eram todos sujeitos entendidos dessa maneira, há uma cisão com relação a sua classe, gênero, etnia e local de moradia.

[...] a oportunidade de retardar as responsabilidades da vida adulta não era para todas as classes sociais. A liberação do trabalho é destinada apenas aos jovens da burguesia. Aos filhos dos trabalhadores não era reservado o direito ao não-trabalho [...] O momento da juventude era completamente esvaziado de esperança e do sentido do futuro, pois eram vistos apenas como uma potencial ameaça. Dessa maneira, enquanto os jovens da burguesia eram liberados do trabalho e constantemente supervisionados pela família e pela escola, os filhos de operários, afastados da escola, eram precocemente inseridos no mundo do trabalho, quando não incorporavam a figura do delinqüente. (CASSAB, 2011, p.153).

De acordo com a autora, a escola assumirá um papel de centralidade na construção histórica e social da juventude, uma vez que irá substituir a família como principal *locus* de socialização. Caberia escola desse tempo, reforçar ensinamentos oriundos de suas casas, controle de indisciplina e “impulsos” da juventude.

Percebe-se que ao falar sobre juventude, não é possível desvincular a mesma da conjuntura histórica, social e econômica que determinados indivíduos ou grupos vivenciam a sua época. Nicolau Sevcenko (1998, p.5) ao analisar o caso das juventudes urbanas brasileiras no início do século passado, marcado de maneira contundente pela herança colonial e escravocrata e do recente desenvolvimento industrial e urbano, destaca para um processo de envelhecimento precoce entre esses sujeitos.

Tônicos para encorpar e ganhar peso, corantes para barbas e bigodes ralos, óculos e monóculos de vidros grossos e até uma sinistra pomada para amarelar dentes e unhas! Isso sem contar todo o repertório de recursos destinados a manifestar veneranda austeridade: suíças, cãs, casacas, cartolas, bengalas, cebolões, charutos, anéis de cabochão, polainas e comendas. Um vasto arsenal, cujo efeito cumulativo deveria somar a mais avançada idade possível para o portador. A regra era sempre mentir para mais, muito mais! [...] Como nesse mundo patriarcal e machista não se supunha que a mulher tivesse sequer visibilidade pública, seu destino era acompanhar o padrão estabelecido pelos varões. Daí, no caso delas também, todo um complicado acervo de enchimentos, anquinhas, nádegas e seios de borracha, espartilhos, camadas sucessivas de combinações, anáguas e saíotes, forros, estofos, rendas e musselinas, corado pelos cabelos presos e enrodilhados em pericotes, cobertos pelo véu ou por um chapéu que ocultava o rosto sob a gaze fina. Como se esperava que as mulheres casassem muito cedo, de preferência com homens muito mais velhos, deveriam, assim que consorciadas, assumir ares de matronas. (SEVCENKO, 1998, p.5)

Para o autor, era comum no início do século passado as/os jovens aparentarem, através de vestimentas e utilitários, serem mais velhos. Tal processo não ocorre de maneira em vão, mas em virtude de um mercado que se desenvolvia para esconder a rápida ascensão social dos beneficiários da revolução tecnológica e da expansão imperialista que, por sua vez, substituía as elites senhoriais da época.

A cultura do envelhecimento da juventude começa a alterar-se significativamente a partir da segunda metade do século passado. De modo mais recente, é possível observar processos antagônicos com o que ocorria na sociedade descrita por Sevcenko. A juventude que se “escondia” atrás de trajes para ser respeitada, na atualidade o que se destaca é o processo inverso, do rejuvenescimento como desejo. Seja na maneira de se vestir ou no modo de viver, pessoas buscam pela “fonte da juventude” em uma dissolução da vida adulta (DEBERT, 2010).

Esses opostos citados, que ocorreram com diferença de um século, se referem mais a cultura do consumo do que propriamente as culturas juvenis. Entretanto, se destaca em questão a Juventude enquanto uma categoria social e histórica, um símbolo presente no imaginário da sociedade brasileira¹⁰, ora de maneira positiva ora de maneira pejorativa. Essa é a posição assumida na sociologia, ao qual o trabalho se ancora.

A juventude é, na sociologia, uma categoria social. Social pelo fato de fazer parte da estrutura social, de formar um grupo, uma coletividade de sujeitos [...] Nos termos de Durkeim (2000), ela é uma representação social, conjunto de atribuições[...] A juventude é uma categoria histórica, enfim, porque está sujeita a transformações e a metamorfoses, a ponto de poder desaparecer quando dada sociedade se reconfigura –como na passagem das sociedades antigas às medievais, no mundo europeu. (GROPPO, 2017).

De acordo com o autor, a concepção teórica da Juventude enquanto categoria social e histórica emerge somente a partir da segunda metade do século passado, chamadas de teorias críticas. É importante destacar que antes disso, outras áreas do conhecimento, como a medicina e a psicologia, também ganharam destaque ao conceberem estudos acerca da juventude, sendo consideradas teorias tradicionais.

De modo sucinto, as teorias tradicionais concebem a juventude dentro da sociedade capitalista industrial como uma fase potencialmente perigosa. De acordo com Cassab (2011, p.156) essa “noção da juventude como um momento crítico é impulsionada também pelo avanço da medicina. Nesse período eram comuns as teses médicas sobre a puberdade, que recomendavam remédios para solucionar ou apaziguar os problemas da juventude”. Soma-se ainda os trabalhos na área da psicologia, que indicavam que as mudanças hormonais, corporais, psicológicas ocorridas dentro de uma determinada faixa etária são atributos intrínsecos da condição juvenil na adolescência¹¹. Essas características, por sua vez, poderiam desencadear sujeitos agressivos, desinteressados, impulsivos, entre outros adjetivos responsáveis por criar o discurso do jovem como um perigo para si e para a sociedade.

¹⁰Foi utilizado a nível de exposição apenas o século XX, porém é de conhecimento através do trabalho Casa-Grande e Senzala, de autoria de Gilberto Freyre, outras formas como a juventude era encarada no período escravocrata brasileiro. Aos olhos dos europeus e dos senhores de engenho (elite econômica brasileira da época), tanto homens como mulheres eram retratados através de sua aparência física, os homens pela vitalidade e força para os trabalhos braçais, enquanto as mulheres sofriam de modo constante com, além dos trabalhos na fazenda, casos de estupros por parte desses sujeitos.

¹¹ É importante destacar que o termo “adolescência” também é utilizado no campo da Sociologia da Juventude, seja como sinônimo para Juventude ou como um dos momentos dela. É possível afirmar, com base em Groppo (2017), que na psicologia o uso do termo está mais relacionado as mudanças biológicas e psicológicas, enquanto no campo da sociologia é calcado nos processos sociais e históricos.

A concepção teórica tradicional carrega esse nome por ser a primeira a identificar a juventude como uma fase da vida. A Escola de Chicago, importante impulsionadora dessa vertente, elenca como os principais balizadores da juventude: a) ser exclusivamente restrito a uma determinada faixa etária; b) ser uma mera transição a vida adulta, não interessando o agora apenas o que o sujeito virá-a-ser quando adulto; c) a juventude é reprodutora de padrões e normas estabelecidas; e d) risco de anormalidade e delinquência.

Para Dayrell (2003),

Sob essa perspectiva, há uma tendência de encarar a juventude na sua negatividade, *o que ainda não chegou a ser* (Salem, 1986), negando o presente vivido. Essa concepção está muito presente na escola: em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro. (2003, p. 40-41). [grifos do autor]

A concepção conhecida como tradicional da Juventude - também presente no interior de algumas instituições de ensino por meio das relações verticais que são construídas nesses espaços -, amarra uma subordinação dos sujeitos jovens em relação aos sujeitos adultos. É uma vertente que potencializa a coberta curta. De um lado afirma que os erros e acertos dos/as jovens são frutos de um período de experimentação, de libertinagem, de irresponsabilidades, onde estariam seguros para encontrarem o seu “vir a ser”; Por outro lado, descobre os sujeitos - leia-se oriundos da classe trabalhadora - de seus direitos plenos, esconde as desigualdades estruturais do passado e presente, responsabiliza individualmente por seus sucessos ou fracassos, e ainda criminaliza as/os jovens pobres por se tratarem de potenciais riscos para a sociedade.

Por sua vez, as teorias críticas desenvolveram-se ao longo da segunda metade do século passado impulsionadas pós Segunda Guerra Mundial, pelas Revoluções e as lutas sociais da época, que abalaram a relação do núcleo da família tradicional com os sujeitos jovens.

Da mesma forma que os movimentos por igualdade racial, as mulheres encabeçaram diversas lutas, com o objetivo de destruir os grilhões do patriarcado que a sociedade tenta perpetuar até o presente momento. Uma luta que vem sendo travada há muitos anos, que se expressou de forma mais contundente na luta pelo direito do sufrágio e se estendeu por outros campos da sociedade aonde a mulher era vista como subalterna. Dentro dessas lutas por afirmação e igualdade, é onde se levanta com mais visibilidade as lutas do que seria o movimento LGBT, demonstrando ao mundo o quanto o preconceito e a discriminação é violenta, ao mesmo tempo em que é hipócrita. A família nuclear ocidental clássica, com casal casado e filhos, começa a ser repensada e começa a cair em descrédito, assim como o divórcio aumenta a partir da segunda metade do século XX [...] (FERREIRA, 2018, p. 41).

As novas tensões das juventudes na sociedade destacadas pelo autor, promoveram debates no campo sociológico, ancorados em Marx (para compreender as contradições da realidade social dentro do sistema econômico capitalista) e em Karl Mannhein (e o seu conceito de geração) que resultaram no desenvolvimento dos debates teóricos críticos sobre a Juventude, que apresentam como característica a valorização do potencial questionador ou conservador dentro dos diferentes grupos existentes.

Para isso, apresenta argumentos sociais e históricos que rompem com o imaginário restritivo das mudanças biológicas e comportamentais como sinônimo de juventude (ou adolescência). Ao realizar esses movimentos, se destaca no interior desses grupos a pluralidade como elemento chave para as diversidades existentes nas maneiras e modos de ser jovem. Tais pluralidades, chamadas de subculturas juvenis, atentam para novos olhares, os quais as teorias pós-críticas irão renomear como tribos, identidades, estilos, entre outras (GROPPO, 2017).

Tão logo, as teorias críticas trazem à tona o caráter dialético das/os jovens na sociedade. São sujeitos sociais porque agem no tecido social, de modo revolucionário ou conservador, participam da vida política e estabelecem relações entre a estrutura econômica vigente e as suas experiências.

Para efeitos desta análise, assumi a definição de Charlot (2000, p. 33 e 51), para quem o sujeito é um ser humano aberto a um mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. Para o autor, o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, ao mesmo tempo, é produzido no conjunto das relações sociais no qual se insere. (DAYRELL, 2003, p. 42-43).

De acordo com o autor, há de se destacar nessa perspectiva que as/os jovens podem ser semelhantes quando levado em consideração seus grupos sociais e ao mesmo tempo únicos como seres singulares. São sujeitos que constroem suas personalidades e modos a partir das relações que estabelecem, além de outras já estabelecidas na sociedade antes mesmo desses sujeitos virem ao mundo. Ninguém nasce jovem, mas torna-se jovem carregados de especificidades e traços sociais e históricos característicos do contexto à época que vivenciam a sua condição juvenil.

A juventude é um dos processos constitutivos da vida, mas essa não se limita a uma transição para a vida adulta. Esses processos não são únicos e nem prontos de

fábrica. Na medida que são seres singulares, não existe uma maneira de ser jovem, mas, sim, múltiplas possibilidades. Por isso, se enfatiza ao longo da pesquisa a sua noção no plural - Juventudes.

Entretanto, é necessário atentar para não cair em possíveis ingenuidades da supervalorização ou romantização da condição juvenil. Como sujeitos sociais há de se ter um amparo de políticas públicas que possibilitem a esses sujeitos, especialmente aqueles/as oriundos/as das camadas populares da sociedade, o direito de vivenciarem plenamente suas juventudes.

3.2 A tríade Juventude-trabalho-educação nas recentes Políticas Públicas brasileiras

Com base na discussão realizada no tópico anterior, é possível observar os múltiplos modos de ser jovem existentes, seja no campo, na cidade ou nas florestas. Diante disso, retornamos ao recorte da pesquisa em questão, jovens urbanos estudantes e trabalhadores, com intuito de compreender suas condições contemporâneas macros.

Nesse sentido, ainda que a categoria Juventude seja uma construção social e histórica, a mesma é representada atualmente nas políticas públicas, tendo como base o Estatuto da Juventude/EJ (BRASIL, 2013), contemplando sujeitos na faixa etária entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos, o que corresponde há cerca de 50 milhões de brasileiros/as (BRASIL, 2019). Esse número expressivo despertou a necessidade de políticas públicas para a área, motivadas pelo protagonismo político assumido nas últimas décadas para a garantia de direitos.

É importante destacar, que a tríade em questão, juventude-trabalho-educação, ocorre de maneira diversificada dentro desse montante citado anteriormente, especialmente quando levadas em consideração recortes étnicos, de gênero, locais de moradia, entre outras questões. Essas diferenças são ainda maiores quando comparada com países europeus, por exemplo.

Enquanto no caso de países Europeus os estudos destacam o fim da etapa de escolarização como marcador, de modo geral, do ingresso no mercado de trabalho¹². Esse

¹² Essa realidade também encontra-se sob mudanças. É notável a quantidade de protestos que aconteceram na Europa de maneira recente em virtude do desemprego juvenil após o término do período de escolarização. A respeito disso, ver mais em: *A esperança em gerações de futuros sombrios* (2017), de José Machado Pais. Também, nesses lugares há forte presença de jovens imigrantes, que por sua vez, contrastam com realidades distintas.

modelo de transição linear entre escola-trabalho, se apresenta como uma das respostas aos períodos de crise e desemprego lá existentes, uma vez que há a promoção da extensão no tempo de frequência acadêmica. No caso brasileiro e latino-americano em geral, o trabalho é uma dimensão constitutiva da experiência juvenil. Isso significa dizer, que nesses lugares o trabalho está presente na vida da maioria dos sujeitos, sendo por vezes a única maneira que encontram para vivenciar a sua condição juvenil (PEREGRINO, 2014). O processo de escolarização ocorre de maneira concomitante com o mercado de trabalho, em sua maioria marcado por *bicos* ou outras formas de trabalhos informais e desprovidos de direitos. Além disso, o desemprego juvenil no Brasil e na América Latina é outro problema que assola esses grupos, sendo em média três vezes mais alto que em comparação com sujeitos adultos no país (UNESCO, 2014).

De acordo com Carrano e Sposito (2003), as primeiras políticas públicas voltadas para esses grupos no Brasil, remetem à década de 1950, com preocupações acerca da ocupação do tempo livre desses sujeitos e da ampliação escolar. Já as décadas de 1960-1980, são marcadas por políticas de repressão contra esses grupos, principalmente movimentos políticos e estudantis, em virtude da ditadura civil militar em curso no país. Durante a redemocratização, entretanto, os autores destacam a ênfase dada em políticas públicas que tinham como objetivo central a prevenção de delitos juvenis como estratégia para a mitigação da pobreza no país. Já na última década do século passado, se destacam as políticas de qualificação profissional, em especial para os/as jovens considerados em vulnerabilidade social.

Para Abromoway & Castro (2015),

A perspectiva que destaca os jovens como ameaça à paz social, como seres desviantes que precisam ser controlados ou como seres em formação que necessitam de auxílio para se desenvolverem, sob um viés assistencialista, é parte de um inconsciente coletivo que se reflete em ações do Estado. (ABROMOWAY; CASTRO, 2015, p. 20).

De acordo com as autoras, o que se observou nesse período foram políticas que se apresentavam como “salvadoras da juventude”, uma espécie de cartilha juvenil pronta para solucionar os problemas estruturais do desemprego juvenil, da violência urbana, da evasão do sistema de ensino etc. Por outro lado, nesse período, especialmente no início dos anos 2000, os grupos juvenis sacudiram essa lógica política e assumiram o protagonismo ao reivindicar de maneira contundente sua participação no processo de construção de políticas emancipadoras.

Durante esse período se observa em 2004, durante o primeiro mandato do

governo Lula (Partido dos Trabalhadores), a elaboração do Plano Nacional da Juventude pelo Projeto de Lei (PL nº 4350/2004) através da Comissão Especial da Juventude (CEJ). Já em 2005, foram criadas a Secretaria Nacional da Juventude (SNJ), o Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) e o Programa de Inclusão de Jovem (ProJovem), voltado para a inserção laboral de jovens (SANTOS; YAMAMOTO, 2017).

Toda essa estrutura foi fundamental para assegurar a maior participação civil durante o processo de elaboração da versão final do Estatuto da Juventude (EJ), elaborado a várias mãos a partir de 2004 (também via CEJ) e concluído apenas em 2013 através da Lei nº 12.852 (BRASIL, 2013). O EJ é uma vitória histórica das lutas populares das Juventudes Brasileiras. Além disso, é um marco jurídico importante no país, um dos únicos da América Latina em que ainda não existia uma legislação específica para esse grupo etário¹³ o reconhecimento como sujeitos de direitos, ou seja, houve a consolidação da política social da juventude como política de Estado.

Os direitos previstos no EJ estão divididos em 11(onze) seções, sendo: 1) Direito à Cidadania, à Participação Social e Política e à Representação Juvenil; 2) Direito à Educação; 3) Direito à Profissionalização, ao Trabalho e à Renda; 4) Direito à Diversidade e à Igualdade; 5) Direito à Saúde; 6) Direito à Cultura; 7) Direito à Comunicação e à Liberdade de Expressão; 8) Direito ao Desporto e ao Lazer; 9) Direito ao Território e à Mobilidade; 10) Direito à Sustentabilidade e ao Meio Ambiente; e 11) Direito à Segurança Pública e ao Acesso à Justiça (BRASIL, 2013)¹⁴.

No que diz respeito ao trabalho, é possível visualizar avanços nos programas realizados em âmbito federal, especialmente na primeira década do século XXI. É o caso do Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE), que ocorreu durante os anos de 2003-2010, durante os governos de Luiz Inácio Lula da Silva. O PNPE era dirigido a jovens entre 16-24 anos, que se encontravam desempregados e sem vínculo empregatício anterior, além de integrar jovens pertencentes a famílias com renda *per capita* de até meio salário mínimo, e frequentando a escola. Tinha como objetivo central a geração de postos de trabalhos para esses grupos. Uma de suas estratégias consistia em incentivos econômicos para empresas contratarem jovens com esse perfil. Tal estratégia

¹³ É válido destacar que o Estatuto da Criança e do Adolescente/ ECA (BRASIL, 1990) abrangia apenas uma parte desse grupo, sendo reconhecido adolescente pessoas entre 12(doze) e 18(dezoito) anos de idade.

¹⁴ Apesar dos importantes avanços que o EJ representa, o mesmo ainda contém sérias lacunas que devem ser levadas em consideração para respaldar as juventudes brasileiras. É o caso do acompanhamento integral às mães jovens; o problema do encarceramento em massa da juventude; a ressocialização pós-cárcere na sociedade, são alguns desses exemplos (ABRAMOWAY; CASTRO, 2015).

foi encerrada em 2007 sem razões bem definidas, mas com algumas hipóteses: a substituição de trabalhadores adultos por jovens; redução do custo do trabalhador; baixa qualificação dos jovens escritos dificultava sua contratação, entre outros (TOMMASI; CORROCHANO, 2020).

Já em 2005, o Programa Nacional de Inclusão do Jovem (ProJovem) ganha visibilidade. Com objetivo central de elevação da escolaridade, qualificação profissional e ações comunitárias entre jovens de 18-24 anos, que não apresentassem vínculos empregatícios e fossem residentes de capitais, regiões metropolitanas ou cidades com mais de duzentos mil habitantes.

Para Tommasi e Corrochano (2020), outro programa que é importante destacar, ainda que não destinado exclusivamente aos jovens, é o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). Tal programa, tinha como objetivo ampliar a oferta de cursos de Educação Profissional e Tecnológica, respondendo às urgências da preparação para o mercado de trabalho, por meio de parcerias público-privada. Ao analisar esses e outros programas na área, as autoras concluem que:

Os investimentos no campo da saúde, educação e proteção social, além da geração de empregos formais e transferência de renda, foram importantes para a queda das desigualdades nos governos Lula e Dilma (Comin, 2015). As alterações no mercado de trabalho produziram impacto positivo nos indicadores de inserção juvenil: entre 2006 e 2013 houve uma redução de 15,6% para 13% na taxa de desemprego entre jovens de 15 e 29 anos, e de 52,1% para 38,6% na informalidade (OIT, 2016). Também pode-se destacar a centralidade da qualificação profissional como direito e instrumento indispensável para inclusão e permanência no mundo do trabalho (Moraes, 2013). No entanto, o olhar para os programas aqui destacados evidencia a permanência de ações focalizadas nos jovens ditos “vulneráveis” e que, por seu caráter compensatório, avançam pouco em termos de garantia de direitos, ainda que possuam algum efeito em termos de socialização e educação cidadã. Soma-se a isso a frágil articulação com as políticas educacionais e com o Sistema Público de Trabalho, Emprego e Renda (Constanzi, 2009). Ainda que o Estatuto da Juventude reconheça o direito “à profissionalização, ao trabalho e à renda, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, adequadamente remunerado e com proteção social” (artigo 14), os programas não respondem aos desafios vividos pelos jovens. (TOMMASI; CORROCHANO, 2020, p. 358-359).

Para as autoras, um marco importante para o direito ao trabalho das Juventudes Brasileiras, inclusive recebendo um protagonismo mundial na área, foi a criação da Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude (ANTDJ), entre os anos de 2010 e 2015, foi coordenado pela SNJ, o Ministério do Trabalho e Emprego, centrais sindicais, confederações empresariais e contando ainda com a assistência da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

O conceito de trabalho decente utilizado para a construção da agenda, tem como referência os preceitos seguidos pela OIT, organizados de acordo com: 1) o respeito aos direitos no trabalho, especialmente aqueles definidos como fundamentais (liberdade sindical, direito de negociação coletiva, eliminação de todas as formas de discriminação em matéria de emprego e ocupação e erradicação de todas as formas de trabalho forçado e trabalho infantil); 2) a promoção do emprego produtivo e de qualidade; 3) a ampliação da proteção social; 4) o fortalecimento do diálogo social¹⁵.

Tendo como foco os jovens de 15 a 29 anos, a ANTDJ respeita as orientações já estabelecidas no Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (BRASIL, 2011), que define a idade mínima para qualquer inserção laboral no país seja a partir dos 16 anos de idade, exceto em situações de aprendiz, que de acordo com a Lei da Aprendizagem (Lei nº 10.097/2000), permite nesses casos específicos sujeitos a partir dos 14 anos de idade. Assim, como frutos dos anos de debate, a construção da ANTDJ se estruturou em 4(quatro) prioridades e cada uma com linhas de ação e programas sugeridos (BRASIL, 2011), conforme indicado a seguir:

Tabela 4: Prioridades sugeridas na ANTDJ

Prioridades	Objetivos	Linhas de ação
<i>Mais e Melhor Educação</i>	Elevação do acesso e qualidade em todos os níveis de ensino para os/as jovens, com igualdade de oportunidades e tratamento de gênero e raça, elevação da escolaridade, melhor ensino médio profissionalizante e tecnológico, ampliação do acesso ao ensino superior, mais e melhor acesso ao patrimônio cultural brasileiro; implementação de políticas públicas para garantir a observância efetiva da idade mínima de ingresso no mercado de trabalho conforme legislação brasileira vigente, e implementação da política pública de educação do, no e para o campo. (BRASIL, 2011, p. 36)	<ol style="list-style-type: none"> 1) Ampliar o acesso e promover a melhoria da qualidade da educação, com a permanência e progressão dos adolescentes e jovens no ensino fundamental, médio e superior. 2) Promover e qualificar a maior aproximação entre o mundo do trabalho e a educação. 3) Fortalecer o sistema público de educação profissional e tecnológica com qualidade. 4) Ampliar o acesso às tecnologias de informação e comunicação. 5) Garantir condições de ingresso e/ou permanência das jovens grávidas ou mães no sistema educacional, 6) Garantir a efetividade das Leis que asseguram a idades mínimas para inserção laboral.

¹⁵ Disponível em: <https://www.ilo.org/brasilia/temas/trabalho-decente/lang--pt/index.htm>. Acesso em : 07/03/2023.

Conciliação dos estudos, trabalho e vida familiar.

Ampliar as oportunidades e possibilidades de conciliação entre os espaços do trabalho, dos estudos e da vida familiar e em sociedade para os/as jovens trabalhadores e estudantes, de forma que o trabalho não se sobreponha ou mesmo prejudique as trajetórias educacionais e de integração social. (BRASIL, 2011, p.37)

- 1) Compatibilização de jornada de trabalho e permanência na escola;
- 2) Ampliar as oportunidades para jovens de ambos os sexos compatibilizarem trabalho, estudos e vida familiar.

Inserção ativa e digna no mundo do trabalho com igualdade de oportunidade e tratamento.

Mais e melhores empregos e outras oportunidades de trabalho para os/ as jovens com igualdade de tratamento e de oportunidades: a) ampliação das oportunidades de emprego assalariado e melhoria de sua qualidade; igualdade de oportunidades e de tratamento; promoção da saúde do/a trabalhador/a; combate às causas da rotatividade; acesso à terra, trabalho e renda no campo; b) melhorias na qualidade dos empregos, com ampliação das oportunidades no campo dos “empregos verdes”; c) geração de trabalho e renda através da economia popular e solidária (BRASIL, 2011, p.37).

- 1) Programas de inserção juvenil no mercado formal de trabalho;
- 2) Melhoria das condições de trabalho dos/as jovens ocupados/as;
- 3) Garantir aos e às jovens rurais e comunidades tradicionais o acesso à terra e às políticas de desenvolvimento rural sustentável;
- 4) Programas de apoio à economia popular e solidária;
- 5) Programas de apoio ao associativismo e empreendedorismo;
- 6) Igualdade de Oportunidade e combate à discriminação;
- 7) Ampliar a cobertura da rede de proteção social.

Diálogo Social

Ampliar e fortalecer o debate sobre as alternativas e condicionantes para a melhor inserção juvenil no mercado de trabalho; estimular as condições de participação juvenil urbana e rural nos instrumentos de defesa de direitos do trabalho, na organização sindical e nas negociações coletivas (BRASIL, 2011, p. 37).

- 1) Ampliar o diálogo social sobre a condição juvenil no mundo do trabalho;
- 2) Qualificar a gestão e implantação da Agenda Nacional de Trabalho Decente para a Juventude.

Fonte: Brasil, 2011. Organizado pelo pesquisador, 2023.

Destaca-se a partir da agenda uma série de ações e programas que evidenciam o

trabalho como parte constituinte da experiência juvenil brasileira e, como tal, expõe as necessidades da construção de programas que possibilitem uma vida digna para esses sujeitos, com trabalhos formais, assegurados de direitos trabalhistas, de direitos à saúde e segurança do trabalho, a participação política e sindical, consolidando uma proteção social para esses sujeitos, rompendo com a “polarização que vinha se configurando nas ações destinadas aos jovens – ora estimular a elevação da escolaridade e a qualificação com intuito de adiar o ingresso no mundo do trabalho, ora estimular a inserção no trabalho, muitas vezes em ocupações precárias” (TOMMASI; CORROCHANO, 2020).

Ainda de acordo com as autoras, apesar dos esforços realizados na construção da agenda e dos avanços contidos nela, a mesma acabou sendo ‘brecada’ em virtude das disputas e tensões dos diferentes grupos em torno de questões centrais, tais como o combate à informalidade, as jornadas de trabalho, a diferença de conceitos sobre qualidade de educação e trabalho, bem como a situação dos jovens que se encontram sem trabalho e fora do sistema escolar. É importante destacar que tais conflitos ocorreram entre 2015 e 2016, ou seja, em meio a uma conjuntura conturbada, marcada pelo *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff.

Por outro lado, durante a última década os/as jovens também conviveram com a informalidade crescente somado a repetidos discursos públicos sobre como gerar seu próprio emprego através do empreendedorismo. Essa individualização e precarização do trabalho, é acompanhada também de recentes políticas públicas, como as Reformas Trabalhistas e do Ensino Médio.

Na medida, todavia, em que o sistema capitalista se modifica e os sistemas educacionais se estruturam, assume nitidez a defesa da universalização dualista, segmentada: escola disciplinadora e adestradora para os filhos dos trabalhadores e escola formativa para os filhos da classe dirigente. (FRIGOTTO, 1995, p. 34).

De acordo com o autor, a expressão dos interesses da classe dominante no sistema educacional brasileiro é visualizado desde a primeira república, nas chamadas escolas de Ensino de Ofícios, passando pelas ações da Confederação Nacional da Indústria (CNI) que impactaram (e ainda impactam) na construção de projetos e políticas que apresentam em seus objetivos centrais a conformação dos/as estudantes oriundos das classes populares com as bases organizacionais dos meios de produção capitalista.

De acordo com Kuenzer (2007, 2011), há em curso uma nova forma de dualidade no Brasil. De um lado o que a autora chama de “exclusão includente”, por parte do

mercado de trabalho, que demite em massa os trabalhadores de seus postos formais e readmite em posição de terceirizados, desprovidos de diversos direitos. De outro lado, que opera articuladamente ao campo educacional, está a “inclusão excludente”, ou seja, os/as jovens deverão ser preparados a se adaptarem às condições de trabalho existentes.

No interior dessas relações de poder, ocorre a queda do mito da ascensão social que a escola proveria, pois é cada vez mais comum a pergunta entre os jovens: Estudar para quê? De acordo com Dayrell (2007), as tensões existentes entre as/os jovens e a escola são expressões das mutações que ocorrem na sociedade e afetam as instituições e os processos de socialização, agravadas nos últimos anos pelo isolamento social.

O ano de 2022 é marcado - entre outras questões - pelo retorno das aulas presenciais obrigatórias no estado do Rio Grande do Sul e o avanço da vacinação contra a COVID-19, acompanhada do aprofundamento na implementação da ‘*reforma*’¹⁶ do Ensino Médio (BRASIL, 2017). Sobre as mudanças no Ensino Médio, destacam-se a redução da carga horária de disciplinas com conhecimentos científicos, para implementação em seu lugar de disciplinas que não foram debatidas com a sociedade civil, alterando o papel central da escola no compartilhamento dos conhecimentos historicamente acumulados e sistematizados para um mero papel de adaptador das constantes mudanças do sistema produtivo.

Em curso no estado do Rio Grande do Sul, a reforma oferta “trilhas” disponíveis¹⁷ para as escolas escolherem suas atividades de carga horária complementar, onde é possível perceber a ênfase dada para o empreendedorismo na área das ciências humanas e sociais aplicadas. Além disso, a Lei nº 15.410/RS, de 19 de dezembro de 2019, institui a Política Estadual de Empreendedorismo a ser desenvolvida nas escolas técnicas e de nível médio¹⁸.

De modo recente, com base nos dados do Plano Nacional por Amostra Domiciliar Contínua (BRASIL, 2020), se observa um aumento nas relações de trabalho informal dentre as/os jovens, de 43,8% em 2012, para 29,2% em 2019. Durante os anos de 2020 e 2022, marcados intensamente pela pandemia de COVID-19, os dados ainda se fazem

¹⁶ A palavra é destacada por entender a partir de Freitas (2018) que a mesma sofre uma apropriação por grupos e aparelhos privados de hegemonia burguesa para ter conotações políticas positivas. Entretanto, trata-se de uma transformação em curso do Ensino Médio público brasileiro onde o setor privado passa a assumir sua gestão.

¹⁷ Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/seduc-disponibiliza-consulta-do-mapa-das-trilhas-de-aprofundamento-do-ensino-medio-gaucha>

¹⁸ São exemplos de empresas do terceiro setor que apoiam a implementação da reforma no estado: Instituto Lemann, Instituto Ayrton Senna; Sebrae; Instituto Iungo; entre outros.

pouco confusos e de difícil análise, em virtude do contexto complexo. Contudo, algumas pesquisas realizadas contribuem nessa discussão. Ainda que não seja o objeto de análise, é de suma importância destacar, uma vez que há um “antes e depois” da pandemia na sociedade.

É o caso por exemplo, em âmbito nacional, do relatório divulgado pelo Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE, 2021, p.40), em pesquisa realizada com mais de 60 mil jovens – também na faixa entre 15 a 29 anos - durante 2020 e 2021, onde revela que 47% dos jovens que participaram da pesquisa estão inseridos no mercado de trabalho, sendo que desses 46% também estudam. Além disso, o atlas também revela que 36% ingressaram no mercado de trabalho durante a pandemia, enquanto dos 16% que não estão trabalhando nem estudando, 13% se encontram procurando emprego (2021, p.15). Esses dados também dialogam com dados já referida pesquisa guarda-chuva “Juventudes (Escolares) em tempos afastamento social: estudos de casos na cidade do Rio Grande, RS” (p.18), aponta para relações de trabalho marcada expressivamente pela informalidade nas dos/das jovens, em sua ampla maioria oriunda das periferias da cidade.

Evidentemente, há especificidades que são próprias desse período histórico. Entretanto, algumas questões são importantes de serem mencionadas. Houve reduções drásticas na média da renda familiar brasileira, em alguns casos de perda total, o fim do curto auxílio emergencial, as reconfigurações do lar, entre outras questões, são exemplo de situações que empurram esses grupos ainda mais para a informalidade e/ou para o desemprego.

O início do século, marcado por importantes avanços nas políticas públicas brasileiras, tiveram nas/os jovens protagonismo na reivindicação e construção do EJ e na ANTDJ. Por sua vez, nos últimos anos, a retirada de direitos conquistados, bem como o abandono do poder público para o setor durante a pandemia, evidenciam as diversificadas formas de lutar e resistir desses sujeitos em contextos adversos.

Não é de pretensão aqui visualizar o *copo cheio*, principalmente em meio a tanta dor como foi a pandemia e as perdas que ela significa na vida desses sujeitos. O que se observa a partir dos relatos coletados nessa pesquisa, que seguem a partir do próximo capítulo, são outras experiências que, em suma, jogam luz para conflitos que existem na sociedade brasileira a décadas.

4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS NARRATIVAS

As Entrevistas Narrativas/EN aconteceram no segundo semestre de 2022. Ao todo foram realizadas oito entrevistas, durante os meses de outubro e novembro de 2022. Desse total, seis aconteceram de maneira presencial, enquanto as outras duas ocorreram de maneira remota com utilização da plataforma *google mets*. Os encontros presenciais, ocorreram em diferentes turnos e as entrevistas tiveram um tempo maior de duração com um número menor de questionamentos por parte do entrevistador. As entrevistas remotas, por sua vez, ocorreram ambas no período noturno, horário disponibilizado pelos/as entrevistados. Nesses casos, as entrevistas tiveram uma duração menor e o entrevistador precisou intervir com questionamentos de modo mais frequente.

Esse fato não implica que determinado ambiente foi mais ou menos importante, mas ressalta para diversos fatores que podem ter incidido sobre as/os entrevistados e o entrevistador no momento que foram realizadas, a exemplo da inserção do pesquisador com os sujeitos da pesquisa, o nível de cansaço que os sujeitos se encontravam, entre outros fatores. Tanto as entrevistas remotas como as presenciais, apesar de suas especificidades, demonstraram ser ferramentas importantes na realização das EN.

Observa-se na tabela n. 5, as informações dos oito participantes com relação a sua idade, gênero e raça.

Tabela 5 – Estudantes trabalhadores/as participantes das Entrevistas Narrativas por idade, raça e gênero¹⁹

Idade	Branca		Preta	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher
17	0	0	1	0
18	0	2	0	2
19	2	1	0	0

Fonte: Pesquisa, 2023.

Conforme apresentado na tabela 5, é possível observar que cinco (ou 62,5%) são mulheres, enquanto três (37,5%) são homens. Entre as mulheres, três autodeclararam

¹⁹ A autodeclaração utilizada teve como base o censo demográfico utilizado pelo IBGE(2020). Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/np_download/censo2022/questionario_basico_completo_CD2022_atualizado_20220906.pdf. Acesso em: 22/04/2023.

são brancas (60%) e duas são pretas (40%). Já entre os homens, dois são brancos (66,6%) e apenas um é preto (33,3%). A faixa etária está delimitada entre 17 e 19 anos, e dispostas da seguinte maneira: uma pessoa com 17 anos (12,5%), quatro com 18 anos (50%), três com 19 anos (37,5%). Já com relação aos locais de moradia, foram identificados sete bairros diferentes, em sua ampla maioria periferias da cidade, como indicado na Figura 2.

Figura 2: Bairros em que residem as/os entrevistadas/os



Fonte: Google maps - Pesquisa, 2023.

É possível perceber através da Figura 2, que a distribuição geográfica dos/as entrevistados ocorre em sete bairros diferentes (Bairro Getúlio Vargas, Cassino, Parque São Pedro, Parque Marinha, Vila Maria dos Anjos, Prado, Lar Gaúcho) alcançando áreas diversificadas. É importante destacar que em sua maioria (75%) são moradores/as de periferias da cidade. Nesses locais, a segregação social - de acordo com Castells (1983) - opera sob a lógica da reprodução das forças de trabalho de modo articulado aos interesses da estrutura social vigente. É a cidade um lugar de conflito de interesses, por sua natureza dentro do capitalismo.

Ao analisar as condições de trabalho, se observa que dos/as oito jovens entrevistados/as, dois estão no serviço militar obrigatório (responsável direto pela evasão de um deles e reprovação de outro); três possuem vínculo de jovem aprendiz; duas possuem vínculos informais (em um caso se considera autônoma, enquanto no outro caso

a jovem relata se sentir explorada pelo contrato informal de estágio formulado pela empresa), e há um caso de uma menina que é empreendedora junto com sua mãe. Na tabela 6, é possível analisar como estão distribuídos os vínculos de trabalho de acordo com gênero e raça.

Tabela 6: Vínculos de trabalho de acordo com gênero e raça

Vínculos de trabalho	Branca		Preta	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Jovem Aprendiz	0	1	1	1
Informal	0	2	0	0
Empreendedor	0	0	0	1
Serviço Militar obrigatório	2	0	0	0

Fonte: Pesquisa, 2023.

Além do trabalho, os estudos também estão no dia a dia desses sujeitos. De maneira geral, a carga horária diária somada entre essas duas atividades totaliza oito horas por dia. Entretanto, é possível observar na tabela 7 que, em alguns casos, esse número é maior, chegando a ultrapassar dez horas por dia. É importante ressaltar também, que nesse cálculo não estão incluídos os trabalhos domésticos e voluntários, outras formas de trabalho que também apareceram nas entrevistas.

Tabela 7: Carga horária diária de trabalho e estudo de acordo com gênero e raça

Carga horária de estudos + trabalho	Branca		Preta	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher
8 horas	1	2	1	1
9 horas	1	0	0	0
10 horas	0	1	0	0
+ de 10 horas	0	0	0	1

Fonte: Pesquisa, 2023.

Se tais atividades ocupam boa parte da rotina desses sujeitos, é importante atentar também para seus períodos de sono. De acordo com a pesquisa realizada por Felden *et al.* (2015) ao analisarem artigos publicados sobre a importância do sono em diferentes países, concluem que há uma relação significativa entre indicadores socioeconômicos com a qualidade do sono, onde “o baixo *status* socioeconômico reflete-se numa pior

percepção subjetiva da qualidade do sono e maior sonolência diurna (2015, p. 473)²⁰. Os autores ainda indicam a necessidade de ampliar estudos sobre a temática relacionando fatores étnicos, com intuito de construir políticas públicas e educacionais que melhorem a qualidade de vida dos/as jovens. Na tabela 8, por sua vez, é observado a relação da média de horas que cada estudante dorme por dia de acordo com gênero e raça.

Tabela 8: Quantidade de horas de sono por dia de acordo com gênero e raça

Horas de sono por dia.	Branca		Preta	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher
4 horas	0	1	0	0
5 horas	1	0	1	1
6 horas	1	1	0	1
7 horas	0	1	0	0
8 horas	0	0	0	0

Fonte: Pesquisa, 2023.

Para além desses desafios, outros também aparecem de maneira contundente, como relações com a família, amigos etc. Na tabela 9, é possível observar uma série de debates que emergiram a partir do interesse ou desafio dos/as estudantes. Ressalta-se que tais temáticas são frutos do processo de escutatória²¹ de uma amostragem relativamente pequena de estudantes, mas que demonstram a diversidade de possibilidades com que cada sujeito vivencia a sua juventude.

Tabela 9: Temáticas que emergiram das Entrevistas Narrativas

Temáticas Emergentes
- A escola atualmente é um espaço atrativo para as/os jovens trabalhadores/as?
- A escola e o direito dos animais.
- A qualidade e importância do sono, descanso, lazer e tempo livre para as juventudes.
- Baixo nível de concentração na readaptação após o Ensino Remoto.
- Diferentes metodologias avaliativas na escola.

²⁰ Ainda de acordo com os autores, no Brasil a única pesquisa realizada indica ao contrário da tendência mundial, jovens das camadas mais altas tem menos horas de sono. Contudo, os autores ressaltam para importância de mais pesquisas na área.

²¹ Tal expressão é atribuída a Ruben Alves, filósofo, teólogo e educador brasileiro.

-
- Gastronomia e educação alimentar na vida das/dos jovens.
 - Impacto do ensino remoto na comunicação das/os jovens.
 - Juventude, movimentos sociais e direito dos animais.
 - Mundo do trabalho *versus* Mercado de trabalho – quais postos de trabalho são ocupados pelas juventudes?
 - O Ensino Regular é um direito negado para os/as jovens trabalhadores/as?²²
 - Saúde mental de jovens na pandemia e no retorno as atividades escolares presenciais.
-

Fonte: Organizado pelo pesquisador, 2023.

Diante desse cenário, os/as jovens não se encontram submissos a um determinismo histórico, na verdade, a realidade se demonstra mais complexa que um binarismo entre ‘sucesso’ ou ‘fracasso’. Como veremos adiante, as/os jovens além de prospectarem o futuro, refletem sobre seu passado e presente, e constroem através das relações que estabelecem, suas próprias maneiras de resistir no cotidiano (SCOTT, 2011). São apresentadas a seguir as análises das EN, contando um pouco sobre cada uma, como a pesquisa chegou a cada sujeito, as maneiras que foram realizadas as entrevistas e os principais pontos elencados.

4.1 “Entrei em conflito com Ensino Regular... o EJA salvou meu ano” – Análise da entrevista com Camila

A pesquisa chegou até a Camila por meio da indicação de uma amiga que temos em comum, a qual já havia conversado com ela previamente e a mesma se demonstrou interessada em participar. Sua entrevista aconteceu próximo à praça Vicente, no Balneário Cassino, bairro que ela reside, estuda e trabalha.

Figura 3: Praça Vicente, local de entrevista com a Camila.

²² Tal questionamento é inspirado nos trabalhos realizados por Fraçois et. al (2019).



Fonte: Acervo do pesquisador, 2023.

Camila é uma jovem branca de 18 anos, estudante do terceiro ano do ensino médio, atualmente na modalidade de Educação de Jovens Adultos (EJA). Desde muito nova sempre teve em sua mãe e em sua avó as figuras maternas e paternas ao mesmo tempo, já que foi ter contato com o pai biológico apenas aos 13 anos e quando começou a ter convívio foi vítima de abuso sexual. Sobre esse episódio, destacou a importância e o cuidado que a escola teve no processo de acolhimento da denúncia. Ao final da entrevista, questionei a ela se gostaria de manter essa informação pessoal, a qual ela confirmou e apenas solicitou para retirar alguns detalhes, que foram ocultados na transcrição.

Desde nova, aos quinze anos, começou a realizar cursos e aprofundar seu conhecimento na área que trabalha hoje, onde é manicure. Durante a pandemia, teve sua inserção laboral, algo que para ela facilitou para conciliar estudos e trabalho, ao menos em nível de horários. Para ela, trabalhar e estudar é algo comum, estranho são as pessoas que não trabalham e pedem dinheiro aos seus pais, usando como exemplo o seu namorado.

Sobre o Ensino Remoto, se sentiu prejudicada em virtude dos poucos conteúdos passados. Nesse sentido, não recaí a culpa sobre os/as professores/as, na verdade inclusive enaltece a dedicação e empatia que muitos/as tiveram com ela, mas tece sua crítica na ausência de professores/as em algumas áreas, e na falta de preparação que receberam para trabalhar nesse ambiente.

Em 2021, como ainda era menor de idade, manteve um acordo com sua mãe e sua chef na época, conforme as aulas presenciais retornassem ela voltaria para a escola. Assim

aconteceu no segundo semestre, onde os conflitos de horário se acentuaram. Destaca que por vezes (e por sua opção) deixou de almoçar para fazer um dinheiro extra. Nesse processo, adoeceu fisicamente, desenvolveu gastrite, e psicologicamente ao ser diagnosticada com início de depressão. O estresse e as cobranças estavam presentes em seu dia a dia. Por ser ensino híbrido, por vezes optava por realizar as atividades passadas no ambiente remoto.

Quando retornou às aulas obrigatórias em 2022, ela havia interrompido o tratamento junto a sua psicóloga, mas estava atenta para alguns sinais e procurando manter algumas precauções. De acordo com seu relato, admite ter entrado em conflito com o ensino regular na metade do ano, uma vez que não estava dando conta do número de trabalhos e provas que eram exigidos. Somado a isso, conta que se encontrava com muita dificuldade de concentração, algo que prejudicou em sua readaptação nas aulas presenciais.

Na metade do ano ela solicitou sua transferência para o EJA, no turno noturno, algo que segundo ela “salvou” seu ano letivo, devido a liberdade e tratamento que a EJA acolhe as/os estudantes, por exemplo, caso precise se atrasar, os níveis de cobrança mais flexíveis e conseguir organizar sua rotina. Apesar de tudo isso, Camila tem o sonho de cursar psicologia no ensino superior.

Por fim, destaca que é importante a escola e os/as professores/as terem um conhecimento ampliado do/a aluno/a. Na sua opinião, há uma sobrecarga de demandas que exige do/a estudante um turno extra do horário letivo para suas resoluções. Isso, entretanto, para quem trabalha, faz cursos técnicos ou outras atividades fora da escola, muitas vezes se torna um impeditivo de continuar no ensino regular, como aconteceu com ela, que escolheu ir para a EJA.

Quadro 1: Síntese da entrevista com Camila

Categorias	Camila
Geral	<ul style="list-style-type: none"> - Jovem branca de 18 anos, estudante da Educação de Jovens e Adultos na escola Amarela. - Mora atualmente com sua mãe e padrasto. Tem na sua mãe e vó as principais figuras familiares. - Relata ter tido vários problemas com seu pai biológico, inclusive sendo

	<p>vítima de assédio sexual.²³</p> <ul style="list-style-type: none"> - Gosta de estudar e andar de bicicleta nas horas vagas. - Tem a Umbanda como religião.
Escola	<ul style="list-style-type: none"> - Sempre estudou em escolas públicas. - Teve o primeiro e segundo ano do ensino médio de modo remoto. - Não culpabiliza os professores, entretanto argumenta que não teve nenhuma dificuldade pois eram pouco trabalhadas as matérias. - No retorno às aulas presenciais, a rotina de trabalhar e estudar, teve muitos problemas na sua readaptação. - Quando mudou para a EJA, conseguiu organizar melhor seus horários, rotina e autocuidados. - Pretende realizar o ENEM para cursar psicologia.
Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalha como manicure; começou a se interessar pela área aos 15 anos. - Desde cedo busca sua independência financeira e considera estranho quem não busca esse objetivo. - Entretanto, o trabalho foi se tornando alienante, e em diversas oportunidades escolhia não almoçar para poder atender mais clientes. - Na pressão de conciliar trabalho e educação, desenvolveu gastrite e iniciou acompanhamento psicológico onde foi diagnosticada com estresse e depressão.
Temáticas Emergente	<ul style="list-style-type: none"> - Saúde mental de jovens na pandemia e no retorno as atividades escolares presenciais. - Baixo nível de concentração na readaptação após o Ensino Remoto. - O Ensino Regular é um direito negado para esses sujeitos?

Fonte: Organizado pelo autor, 2023.

4.2 A ONG de uma só pessoa– Análise da entrevista com Marta

Marta é uma das pessoas entrevistadas na Escola Verde. É uma jovem de 18 anos, preta e mora com a sua mãe e a namorada (a qual também considera sua mãe) em uma região próxima ao centro da cidade. Natural de Bagé, mudou-se em 2019 para a cidade do Rio Grande, após o falecimento de sua avó, à época responsável por seus cuidados.

²³ Após a gravação, foi questionado se gostaria de manter esse relato pessoal, e Camila confirmou.

Passando de escola em escola, conta que no primeiro ano na cidade, precisou estudar na EJA noturno, pois não havia mais vagas no ensino regular.

Como estudante do terceiro ano do ensino médio, Marta estudou o primeiro e o segundo ano na modalidade remota, em virtude da pandemia por COVID-19. Conta ainda que no início sequer conseguia acessar às plataformas de ensino e que sentiu muitas dificuldades para aprender as matérias, pois se considera uma pessoa que precisa da presença física de um/a professor/a para explicar. Tudo isso a leva a crer que esses dois anos foram ‘perdidos’ do ponto de vista da sua formação escolar e utiliza como exemplo o simulado que fez para o ENEM, onde não se saiu bem.

Nesse tempo, em 2020, recebeu o convite de suas mães para abrirem juntas uma *petshop*. No início sentia medo de trabalhar com gatos e cachorros. Entretanto, a experiência de vários anos na área, de uma de suas mães facilitou no processo de adaptação. Ao decorrer do trabalho, acabou se apaixonando pelos animais e na medida que recebiam animais vítimas de maus tratos, foi se tornando uma ativista pelos direitos dos animais.

Para ela, o processo de conscientização envolve afeto e amor pelos animais, mas que somente isso não basta, é necessário projetos e políticas públicas para eles. Sobre projetos, sinaliza para a escola (além da Prefeitura) como um espaço que poderia ser um catalisador dessas causas, trabalhando do ensino infantil até os anos finais. Apesar de conhecer projetos realizados na FURG (cita como exemplo a Bicharada Universitária²⁴), a ausência de tais projetos e dos debates com pessoas da sua idade, causam sentimentos de isolamento nessa luta e, por isso, se autodenomina como a ONG de uma pessoa só.

Ainda sobre a escola, Marta sentiu ter que se readaptar de maneira rápida, apesar de estar em uma constante *corrida* para recuperar conteúdos que não foram aprendidas no ensino remoto. Fora isso, em virtude do trabalho ser na casa onde mora e pelo fato de ser sócia de suas mães, consegue conciliar os horários de modo a conseguir estudar e ter tempo para seu lazer. Por fim, ressalta que na sua opinião falta às escolas e em especial os/as professores/as o exercício da escuta para/com as/os estudantes, e dessa relação atentar para questões que estão para além dos muros escolares.

²⁴ A Bicharada Universitária é uma ONG que trabalha com adoção e tratamentos veterinários de cães e gatos que vivem no Campus Carreiros da FURG. Para saber mais, acessar: <https://www.instagram.com/bicharada.furg/>.

Quadro 2 - Síntese da entrevista com Marta

Categorias	Marta
Geral	<ul style="list-style-type: none"> - Jovem preta de 18 anos, estudante do terceiro ano do ensino médio da escola rosa; - Natural de Bagé, mora desde 2019 (após a morte de sua avó) em Rio Grande, junto com suas duas mães. - Tem como <i>hobby</i> sair para lugares com música e pessoas conversando;
Escola	<ul style="list-style-type: none"> - Passou por várias escolas recentemente, algo que considera ter atrapalhado em algumas situações. - Durante o ensino remoto, afirma ter sido extremamente negativo, pois se considera uma pessoa que precisa do contato presencial com professores/as para aprender; - Sente que está constantemente correndo atrás das matérias que foram trabalhadas nos anos de ensino remoto, principalmente em relação a preparação para o ENEM, pois deseja realizar para cursar Medicina Veterinária; - Considera que o seu processo de readaptação no ensino presencial foi relativamente rápido, porém argumenta que os/as estudantes deveriam ser mais ouvidos pela escola.
Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - Junto com suas duas mães, é sócia de uma pet shop. No início não sabia muito sobre esse trabalho, inclusive tinha medo de animais. - Durante a pandemia conseguia conciliar melhor o trabalho, pois a pet é na casa onde moram. Agora, com o retorno das aulas ainda está se adaptando na rotina.
Temática Emergente	<ul style="list-style-type: none"> - Juventude, movimentos sociais e direito dos animais. - A escola e o direito dos animais.

Fonte: Organizado pelo autor, 2023.

4.3 A escola é um lugar, mesmo que eu goste de estudar, que vários dias eu não quero estar – Análise da entrevista com Sabrina

Sabrina é uma jovem de 18 anos, preta, que mora em uma periferia da cidade junto com sua mãe, padrasto e irmão. Inicia sua entrevista, contando que recebe apoio de sua família para realizar a sua rotina de três turnos como trabalhadora e estudante. Logo cedo, no início da manhã, ela trabalha como jovem aprendiz em uma fábrica do Distrito

Industrial da Barra²⁵, onde trabalha na área de segurança e medicina do trabalho, realizado a parte administrativa de fiscalização, inspeção e contabilização de documentos.

Após almoçar na fábrica onde trabalha, vai para o segundo turno, estudar no último ano do ensino médio na escola Rosa. A noite ainda estuda em um curso particular preparatório para o ENEM. Encerra seu dia retornando para a casa de ônibus, e cansada acaba tendo de escolher entre jantar ou tomar banho ou quando escolhe os dois, sabe que seu período de sono e descanso será menor.

Isso, no entanto, para Sabrina, simboliza a sua busca por independência, algo que busca desde muito nova. Antes desse trabalho, trabalhava como recepcionista e com o dinheiro que recebia investiu na sua formação em um curso de inglês. Da mesma forma, na época da entrevista, o trabalho significava a possibilidade de bancar seus estudos no período noturno para ingressar na sonhada vaga no curso de Engenharia Química. Aliás, aos finais de semana, além de descansar, gosta de aproveitar o tempo para realizar leituras e andar de bicicleta.

Quando questionada sobre o ensino remoto, afirma que não conseguiu aprender e considera a presença do/a professor/a como algo essencial para o desenvolvimento escolar dos/as estudantes. Mas não apenas a nível de conteúdos; ela também sentiu falta do convívio social com seus/suas colegas. Mesmo se considerando uma pessoa extrovertida, ela destaca que os dois anos que foram apenas com o convívio em casa, a tenha prejudicado na comunicação e organização coletiva.

Por fim, destaca que apesar dos esforços dos/as professores/as, percebidos e destacados por ela, sente falta de um apoio maior que auxilie as/os estudantes a tomarem suas decisões. De acordo com ela, há nos estudantes, em especial do terceiro ano, um sentimento coletivo de estarem perdidos, não saberem para onde ir. Alega que em função de muitos não terem pais com ensino superior, a universidade se apresenta como uma realidade distante. Para ela, esse *limbo* poderia ter uma melhor resolução com o apoio da escola. Entretanto, ela destaca que falta esse apoio e, em virtude disso, encerra essa parte da entrevista com uma afirmação forte: “[...] falta empatia às vezes, a escola é um lugar, mesmo que eu goste de estudar, um lugar que vários dias eu não quero estar”.

²⁵ O Distrito Industrial da Barra, é uma zona na Cidade do Rio Grande onde concentram-se diversas empresas multinacionais que produzem e escoam seus produtos utilizando o porto da cidade. Nessa área da cidade também se situa o estuário da Laguna dos Patos, um ecossistema importante na reprodução e crescimento de diversos animais marinhos. Por esse fato, esse também é um local utilizado por pescadores artesanais para garantirem seus sustentos. Em virtude disso, é um local caracterizado por haver uma série de conflitos socioambientais envolvidos.

Quadro 3: Síntese da entrevista com Sabrina

Categorias	Sabrina
Geral	<ul style="list-style-type: none"> - Jovem preta de 18 anos, estudante do terceiro ano do ensino médio da Escola Rosa; - Mora em um bairro periférico da cidade, junto com sua mãe, padrasto e irmão, que incentivam em sua jornada de estudante e trabalhadora; - Gosta de ler livros, andar de bicicleta e aprender novos idiomas; - Considera-se uma pessoa extrovertida.
Escola	<ul style="list-style-type: none"> - Durante o ensino remoto se sentiu prejudicada, pois não conseguia prestar atenção nas aulas, ainda que houvesse bastante flexibilidade por parte dos/as professores/as - No retorno das aulas presenciais, a falta do convívio social nesses quase dois anos de aulas remoto, prejudicou também na comunicação com seus/suas colegas. - Valoriza a importância dos/as professores/as no desenvolvimento dos/as estudantes. - Pretende realizar o ENEM para Engenharia Química. Está se preparando através de cursos particulares no turno da noite. - Destaca sentir falta de uma aproximação entre universidade e escola. - Além disso, apesar de gostar de estudar, considera que a escola não é um lugar atrativo.
Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - Atualmente trabalha como estagiária na área de segurança e medicina do trabalho em uma empresa do polo industrial da Barra; - Destaca que começou a trabalhar ainda menor de idade, em busca de autonomia para conseguir bancar seus custos com cursos. - Antes disso, havia trabalhado durante a pandemia como recepcionista.
Temática emergente	<ul style="list-style-type: none"> - A escola atualmente é um espaço atrativo para as/os jovens trabalhadores/as? - O impacto do ensino remoto na comunicação das/os jovens.

Fonte: Organizado pelo autor, 2023.

4.4 Luto e Luta pós-pandemia – Análise da entrevista com Gustavo

Gustavo é um jovem branco, de 19 anos, morador de periferia, estudante do

terceiro ano noturno e que, atualmente, trabalha como marinheiro recruta. Natural de Porto Alegre, veio morar com sua mãe e irmão em Rio Grande após a separação de seus pais. Essa não é a primeira experiência dele de trabalho; anteriormente já havia feito alguns *bicos* como auxiliar de mudanças, auxiliar de instalação de internet e, também, jovem aprendiz.

A entrevista aconteceu no turno da noite, após o trabalho do jovem. Nesse dia, ele não iria ter aula na noite, algo que possibilitou a entrevista, que iniciou por volta das 21h:45 min. e teve duração de cerca de vinte minutos. Visivelmente cansado, destacou que esse era o melhor dia e horário para ele, pois nos dias que está de serviço ou que tem aula, tem pouco tempo para descansar antes de iniciar novamente o dia.

Como sempre gostou de estudar, destaca que o trabalho aparece como uma possibilidade para continuar estudando. Salienta que reprovou apenas uma vez, no ano que ingressou na Marinha, em virtude do cansaço físico e psicológico que os recrutas passam em seu primeiro ano de serviço.

Nesse período também perdeu seu pai, vítima da COVID-19. Preferiu não entrar em detalhes sobre o ocorrido, mas relatou após a entrevista (e concordou em divulgar) que eram bem próximos. A perda de familiares ou entes próximos durante esse período, marcam também a experiência juvenil e a formação desses sujeitos que, como discutido anteriormente, são sujeitos sociais e históricos.

Apesar disso, parar de estudar ou trabalhar, nunca foi uma opção. Ainda que o ensino remoto seja algo que em sua opinião também prejudicou sua formação escolar, onde relata que as aulas eram ‘escassas’, isso quando ocorriam, e não abandonou em nenhum momento seu sonho de ingressar no Ensino Superior para cursar Educação Física.

No seu retorno às aulas presenciais, percebe que caso houvesse atendimentos extras, para sanar dúvidas (poderiam ser coletivos e mesmo de modo remotos), os mesmos poderiam contribuir para diminuir a defasagem proporcionada no período das aulas remotas. Destacou também a importância de outros modelos avaliativos para além das provas tradicionais, utilizando como exemplo os saraus realizados pelo professor de geografia da sua escola, onde se debate com as turmas diferentes temáticas, além da entrega de uma parte escrita.

Quadro 4 - Síntese da entrevista com Gustavo

Categorias	Gustavo
------------	---------

Geral	<ul style="list-style-type: none"> - Jovem branco de 19 anos, estudante da escola Amarela. - Natural de Porto Alegre, mora há 10 anos em Rio Grande. - Morador de periferia. - Gosta de estudar e praticar atividades físicas. - Perdeu o pai durante a pandemia por complicações da COVID-19.
Escola	<ul style="list-style-type: none"> - Reprovou apenas uma vez, no ano que ingressou na Marinha. - Pretende realizar o ENEM para cursar Educação Física. - Durante a pandemia, afirma ter sofrido ‘um vácuo’ em sua formação. - Destaca a importância do/a professor/a. - Salienta a necessidade da escola abrir outras formas de diálogo com os/as estudantes. - Tece críticas às provas como principal (e por vezes única) maneira de avaliação. - Sente-se sobrecarregado com a quantidade de aulas que algumas matérias possuem na carga horária semanal.
Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - Atualmente trabalha como Marinheiro. - Desejava servir à Marinha por alguns exemplos próximos, apesar de não querer seguir carreira. - Possui conflitos de horários que dificultam a conclusão do ensino médio. - Além disso, sua rotina de sono varia de acordo com a quantidade de trabalho, mas, em média, afirma dormir de 5 a 6 horas por dia. - Anteriormente, havia trabalhado como Jovem Aprendiz e instalador de internet.
Temática Emergente	<ul style="list-style-type: none"> - Diferentes metodologias avaliativas na escola. - Outra temática que se destaca e carece de atenção se trata da perda de seu pai durante a pandemia. Esse momento tão doloroso ainda é recente e se faz presente na vida de milhares de jovens brasileiros.

Fonte: Organizado pelo autor, 2023.

4.5 Não é só questão de saber cozinhar, é sobre ter uma vida saudável – Análise da entrevista com Danilo

Danilo é um jovem, branco, de 19 anos, natural do Rio Grande. É o único

dentre os entrevistados que teve sua trajetória escolar interrompida em 2022, em virtude de ter sido selecionado para o serviço militar obrigatório, algo que destaca ser contra a sua vontade. Entretanto, em virtude da sua experiência na área - havia sido auxiliar de cozinha e garçom em restaurantes anteriormente, hoje trabalha como cozinheiro no Quartel em Rio Grande. Antes disso, destaca que conciliava suas experiências de trabalhador e estudante.

A entrevista com ele ocorreu de modo remoto, a noite, único horário disponível, após um dia de serviço, ele estava visivelmente exausto e talvez por isso teve curta duração. Durante a entrevista, primeiro ressaltou as atividades e uma rotina com pouco sono e lazer. Em seguida, explicou como, apesar dos seus esforços, o período de internato no Quartel e as regras existentes nesse espaço impossibilitaram a permanência dele no Ensino Médio e no curso de técnico que fazia à época.

Apesar disso, seu sonho de infância é ter um restaurante próprio, algo que segundo ele tem influência da família, já que seus pais que já tiveram lancheria, petiscaria, entre outros serviços. Para isso, tem em mente retomar os estudos concluir o ensino médio e ingressar no ensino superior para cursar Gastronomia.

Para ele, a gastronomia está no dia a dia das pessoas e deveria ser mais valorizada. Não se trata apenas do ato de cozinhar, envolve uma série de questões sobre ter uma vida saudável, citando a diferença entre alimentos enlatados e orgânicos. Atravessa também questões de gênero pois, de acordo com ele, a sociedade ensina que cozinhar é uma tarefa das mulheres. Para ele, esses debates - e outros - também poderiam estar dentro da escola, mesclando mesmo teoria e prática, ao invés de apenas focar nas matérias que preparam para o Enem.

Quadro 5 - Síntese da entrevista com Danilo

Categorias	Danilo
Geral	<ul style="list-style-type: none"> - Jovem Branco de 19 anos. - Morador de periferia. - Gosta de estudar gastronomia.
Escola	<ul style="list-style-type: none"> - Abandonou, contra a sua vontade, o ensino médio no último ano por conta do serviço militar obrigatório. - Pretende realizar o ENEM para cursar Gastronomia. - O Ensino Remoto foi muito prejudicial, pois não se sente preparado

	<p>para realizar o ENEM.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Teve apenas uma semana de aula presencial, pós ensino remoto, e logo foi recrutado pelas forças armadas. - Ressalta a importância da escola, porém realiza críticas sobre os conteúdos, onde segundo ele, valorizam mais as provas do que o cotidiano do/a estudante.
Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - Atualmente trabalha como cozinheiro de um hotel de trânsito das forças armadas. - Aprendeu muito pouco nesse local, em especial devido a maneira em que as relações de poder acontecem. - Antes disso, teve outros trabalhos, todos na área da gastronomia, seja como garçom ou auxiliar de cozinheiro.
Temática Emergente	<ul style="list-style-type: none"> - O jovem faz provocações sobre como a gastronomia está relacionada em nosso dia a dia e possibilita abordar uma série de questões sociais que a escola também poderia/deveria trabalhar, como a relação de gênero, alimentação saudável, agricultura, finanças, economia, entre outros assuntos. - Gastronomia e educação alimentar na vida das/dos jovens.

Fonte: Organizado pelo autor, 2023.

4.6 “Faltam projetos de conscientização que poderiam passar pela escola” – Análise da entrevista com Pâmela

Pâmela é uma jovem de 18 anos, branca, que mora com sua mãe, padrasto e irmã mais nova em uma área de periferia da cidade. Atualmente trabalha como jovem aprendiz no SENAI, mas esse não é seu primeiro emprego, antes disso fazia bicos como segurança de eventos. Praticante de taekwondo, tem nos esportes uma de suas paixões, se dedicando diariamente aos treinos.

É, dentre os sujeitos entrevistados, a única pessoa que está no segundo ano do ensino médio. Isso a difere dos demais por ter estudado no ensino fundamental e médio durante o ensino remoto. No seu último ano do ensino fundamental praticamente não teve aula, à exceção de geografia. Uma vez por mês, as matérias eram disponibilizadas na plataforma digital junto com as atividades. No ensino médio, a dinâmica era um pouco diferente, os conteúdos e atividades eram inseridas semanalmente. Contudo, admite ter se esforçado apenas nas matérias que já tinha interesse antes da pandemia, enquanto que nas outras procurava no google as respostas.

Com relação ao retorno as aulas presenciais, considera ter sido tranquilo, apesar de sentir a ausência dos conteúdos dos anos anteriores. Destacou as metodologias avaliativas usada por professores no lugar das provas. Contudo, ressaltou que, em alguns casos, são exigidos trabalhos que demandam tempo extra além da escola, e assim como outros estudantes que trabalham, Pâmela não possui livre.

Apaixonada por animais, conta ter dezenove cachorros em casa, além de outros animais. Ela e sua mãe, começaram com trabalhos voluntários acolhendo animais machucados e/ou doentes, com a intenção de doá-los posteriormente. No entanto, conforme se apegam sentimentalmente ou pelo fato de, por vezes, não conseguirem adoção responsável, acabam por ficar com os animais.

Assim como destacado por Marta anteriormente, Pâmela também sente falta de projetos para debater o direito dos animais na cidade. Tais projetos, aponta ela, poderiam ocorrer por meio da escola. Nesse ponto, é interessante destacar, que ambas estudam na mesma escola, em anos diferentes, e compartilham de anseios semelhantes acerca da potencialidade que a escola pode acrescentar nesses debates. Pâmela também destaca ao longo da entrevista que tem a vontade de cursar Química Forense no ensino superior.

Quadro 6: Síntese da entrevista com Pâmela

Categorias	Pamela
Geral	<ul style="list-style-type: none"> - Jovem branca de 18 anos, estudante do segundo ano do ensino médio na Escola Rosa. - Mora em um bairro periférico da cidade, junto com sua mãe, padrasto e irmão pequeno. - Gosta de praticar atividades físicas, principalmente taekwondo e volei. - Alega ter uma rotina cansativa, dividida entre trabalho doméstico, trabalho como jovem aprendiz e a escola.
Escola	<ul style="list-style-type: none"> - Estudou o ensino fundamental em outra escola, onde reprovou no sétimo ano. - Estava no último ano do fundamental quando iniciou o ensino remoto. Afirma que aprendeu muito pouco nesse período, salvo os conteúdos de geografia. - Já no primeiro ano do ensino médio, na escola onde está atualmente, já estava mais acostumada com o ensino remoto e conseguiu desempenhar melhor as atividades, principalmente nas áreas que tem interesse. - Já o seu segundo ano de médio, primeiro presencial, está sentindo dificuldade para elaborar redações e realizar provas, afirmando preferir outros tipos de avaliação.

	- Pretende realizar o ENEM para cursar Química Forense.
Trabalho	- Trabalha como jovem aprendiz em mecânica industrial contratada por uma empresa do polo industrial da Barra. - Antes disso, realizava <i>bicos</i> como segurança em eventos regionais. - Tem uma rotina cansativa para conciliar trabalho, escola e lazer.
Temática emergente	- Diferentes metodologias avaliativas. - Juventude, movimentos sociais e direito dos animais. - A escola e o direito dos animais.

Fonte: Organizado pelo autor, 2023.

4.7 O corre é contra a maquina e o ‘tempo perdido’ na pandemia - Análise da entrevista com Daniel

Daniel e eu nos conhecemos através da indicação de um dos professores próximo ao grupo RECIDADE, responsável por comentar a pesquisa para ele e, visto o interesse, repassar o número do *whatsapp* para que pudéssemos conversar melhor sobre as motivações, questionamentos, objetivos entre outros interesses da pesquisa. Após a etapa de apresentação da pesquisa e envio do termo de consentimento de participação (assinado por sua mãe, uma vez que Daniel é menor de idade), combinamos de nos encontrar após o seu trabalho na Praça Saraiva para realização da entrevista.

Figura 4: Foto da Praça Saraiva, local da entrevista com Daniel



Fonte: Autor, 2023.

Daniel é um jovem preto e periférico de dezessete (17) anos, estudante do terceiro ano do ensino médio que atualmente também trabalha como Jovem Aprendiz no Senai. Com orgulho, conta que nunca reprovou na escola e em nenhum momento pensou em abandonar os estudos, pelo contrário, pretende seguir para o ensino superior. Contudo, sente-se muito prejudicado pelo ensino remoto, onde segundo ele, não conseguiu aprender nada e agora corre contra a *máquina e o tempo* para tentar recuperar os conteúdos de dois anos nessa modalidade.

Na condição de morador de periferia, relata que vários amigos e ex-colegas da escola hoje se encontram no crime, e essa nunca foi uma opção para ele. Desde muito novo ajuda seu pai na marcenaria, e ainda que recebesse por isso, nunca visualizou como um trabalho justificando por não ser todos os dias, mas apenas de acordo com a demanda de encomendas que seu pai recebia.

A relação com seus pais é algo que elenca de maneira constante durante sua apresentação. Desde os dez (10) anos convive com a separação dos pais e a guarda compartilhada. As semanas que passa na casa de sua mãe são bastante agitadas, especialmente por morarem oito (8) pessoas na mesma, sendo duas (2) delas recém nascidas. As semanas que mora com seu pai, por sua vez, costumam ser mais tranquilas, principalmente por morar mais próximo a sua escola e isso facilita um pouco seu dia-a-dia.

Seja na casa de sua mãe ou na de seu pai, Daniel se sente cansado da sua rotina. Pela manhã acorda as 07:00 horas (às vezes mais cedo, quando passa o final de semana com a sua mãe na casa de campo) para se arrumar e ir de bicicleta a escola, volta “voando” (termo usado por ele) para a casa após o término da aula (12h:30 min) para almoçar e se arrumar para ir trabalhar das 13h:30min até as 17h:30min. Chegando em casa após essa dupla jornada, se depara com trabalhos domésticos, necessidade de estudar e realizar tarefas da escola e/ou do trabalho e, posteriormente, vai descansar dormindo, de acordo com ele, uma média de quatro a cinco horas por noite.

Quando questionado sobre o que gostava de fazer no seu tempo livre, primeiro fez uma cara de surpresa e depois sorri, dizendo que gostava de “gastar” esse tempo lendo e jogando. A sua relação com o tempo livre é algo que desperta atenção. Assim como ocorre com outros jovens, as horas diárias dedicadas ao sono, descanso e lazer, são poucas.

Contudo, a partir da expressão do jovem no momento do questionamento, é possível observar também a sua percepção em relação à rotina.

Ao ser surpreendido com as palavras tempo livre, e ao destacar que precisa correr contra a máquina nota-se que os cuidados com tais questões, acabam por ser realizadas de maneira automática, ou ainda ao menos secundária na rotina do dia a dia. Correr atrás da máquina, para ele, é a possibilidade mais palpável, e talvez única viável, para poder ingressar no ensino superior.

Quadro 7: Síntese da entrevista com Daniel

Categorias	Sujeito: Daniel
Geral	<ul style="list-style-type: none"> - Jovem preto de 17 anos, estudante do terceiro ano da Escola Verde. - Mora uma semana com sua mãe e outra com seu pai, ambos na periferia de Rio Grande. - Gosta de estudar, ler e jogar <i>online</i>. - Pratica esporte poucas vezes na semana, quando faz, gosta de jogar futebol. - Tem a Umbanda como religião.
Escola	<ul style="list-style-type: none"> - Estudou sempre na mesma escola. - Nunca reprovou ou pensou em trancar ou abandonar os estudos. - Pretende realizar o ENEM para cursar Engenharia de Controle e Automação. - Durante a pandemia, se sentiu como se estivesse em ‘coma’, pois aprendeu muito pouco dos conteúdos. - Além disso, sentiu muita falta dos/as professores/as presencialmente, especialmente para as explicações e sanar dúvidas. - Sente esses impactos no retorno ao ensino presencial, uma vez que sentiu-se perdido em relação aos conteúdos que estão sendo apresentados. - Considera que os conteúdos escolares estão sobrecarregados esse ano (presencial), pois precisa retomar outros que teoricamente foram vistos nos anos anteriores (remoto). - Destaca perceber esse sentimento também entre seus/suas colegas.
Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - Atualmente trabalha como Jovem Aprendiz no curso de Soldador Multiprocesso. - Valoriza a oportunidade por tratar-se de um curso profissionalizante que assina sua carteira de trabalho em um cenário de desemprego para os/as jovens.

	<ul style="list-style-type: none"> - Argumenta que por se tratar de um módulo teórico e prático, sente-se mais confiante para apresentar trabalhos em grupos. - Contudo, apresenta cansaço da rotina de trabalhar e estudar, mantendo uma média diária de sono de apenas quatro a cinco horas, - Não é seu primeiro emprego, anteriormente auxiliava seu pai com os trabalhos na marcenaria.
Temática emergente	- A qualidade e importância do sono, descanso, lazer e tempo livre para as juventudes.

Fonte: Organizado pelo autor, 2023.

4.8 “Hoje em dia a gente trabalha só para viver, né? Quem é pobre pelo menos” – Análise da entrevista com Beatriz

Beatriz é uma jovem, branca, de 19 anos, estudante do terceiro ano do ensino médio. A sua entrevista teve curta duração, aconteceu de modo remoto, no período da noite, onde estava visivelmente cansada após um dia de estudos e trabalho. Outra questão observada foi a divisão de atenção que aconteceu, entre a entrevistada e os afazeres domésticos. As poucas horas de sono que dorme em média por dia, a deixam constantemente cansada e sem tempo para fazer o que gosta.

Mora com seu namorado há pouco mais de um ano (na época da entrevista), e resolveu sair da casa de sua mãe após uma briga que tiveram. Por esse motivo, afirma que o trabalho para ela é uma questão de independência para pagar as contas que divide com seu companheiro. Mas não somente, é também a possibilidade de continuar estudando para concluir o ensino médio e ingressar no superior e realizar o sonho de cursar enfermagem. Trabalhando em um comércio no centro da cidade como estagiária, ressalta se sentir explorada, pois, segundo ela, fez os cálculos de horas trabalhadas e divididas pelo valor do salário que recebe, e as contas não batem. O contrato de estágio, inclusive, é redigido pela própria empresa, com duração de seis meses que podem ser renovados.

Sobre seu percurso escolar, conta ter reprovado apenas uma vez no ensino fundamental. Já no ensino médio, o primeiro e segundo ano ocorreram por meio do ensino remoto que, em sua opinião, foi péssimo e não conseguiu aprender nada, e resolvia os trabalhos enviados utilizando o google. Além disso, esses dois anos também deixaram ela sem confiança e insegura para fazer o Enem.

Quadro 8: Síntese da entrevista com Beatriz

Categorias	Beatriz
Geral	<ul style="list-style-type: none"> - Jovem branca de 19 anos, estudante do último ano do ensino médio na Escola Verde. - Mora com seu namorado em uma casa de aluguel no centro da cidade. - Está no terceiro ano do ensino médio. - Um dos motivos de escolher essa autonomia, foi a relação com sua família que estava cansativa e hoje está melhor; - Gosta de ver séries e filmes. Sente que deveria fazer mais atividades físicas, porém não encontra tempo e se sente constantemente cansada.
Escola	<ul style="list-style-type: none"> - Estudou a vida inteira na mesma escola, sente-se à vontade lá pois conhece todo mundo. - Reprovou apenas uma vez, no sexto ano do fundamental. - Pretende realizar o ENEM para enfermagem. - Considera que o ensino remoto foi muito ruim, pois se sentia perdida em relação às matérias, algo que a motivou a retornar ao presencial ainda em 2021, quando era optativo esse retorno. - Valorizou o trabalho dos/as professores/as e a sua escola nesse período.
Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalha como estagiária em uma loja de roupas no centro da cidade. - Sente que seu trabalho é desvalorizado pelo valor que recebe em comparação com as horas que trabalha. - Argumenta que a necessidade de trabalhar é em virtude da sua autonomia financeira, seja para poder pagar aluguel, mas, também, como maneira de consumo. - Apresenta cansaço da rotina de trabalhar e estudar, mantendo uma média diária de sono de apenas quatro horas.
Temática emergente	<ul style="list-style-type: none"> - Os tipos de postos de trabalho ocupados pelas juventudes brasileiras.

Fonte: Organizado pelo autor, 2023.

Observamos que as relação entre trabalho e educação se apresentam enquanto projetos de futuro para esses sujeitos, onde há uma sobreposição de um sobre outro a depender do momento de sua vida e, de modo especial, na vida presente, ao cursarem o Ensino Médio. Em suma, o ensino superior se apresenta como o horizonte mais próximo para todos/as os/as jovens entrevistados. Tão logo, a existência dos desafios que compõe

seus cotidianos, sinaliza para formas de resistências epistemológicas na medida que não caem em um fatalismo histórico de impedimento da continuidade de seus estudos. Entretanto, é importante ressaltar que há dentro do atual modelo de produção da sociedade um antagonismo na forma em que são apresentados trabalho e educação para esses sujeitos, na medida em que não está em consonância com o trabalho em sua forma ontológica e, tampouco, a educação está voltada para a emancipação desses sujeitos além de não oferecer condições materiais e políticas públicas para que as/os jovens possam vivenciar plenamente suas juventudes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática acerca da “juventude”, ganhou destaque no Brasil nas últimas décadas, com os jovens entrando nas pautas das políticas públicas, primeiro em virtude do crescimento da violência no país e, de maneira mais recente, como sujeitos sociais e de direitos. No campo das pesquisas acadêmicas, a vertente crítica da sociologia da juventude destaca a mesma como uma categoria histórica e social. Isso por sua vez, implica no reconhecimento das múltiplas formas de ser jovem, que variam de acordo com suas subjetividades, mas, também, de acordo com marcadores sociais de etnia, classe, gênero, locais de moradia, entre outros.

Nesse sentido, à luz do problema de pesquisa “que desafios se apresentam na relação trabalho e educação através da experiência de jovens trabalhadores/as e estudantes do ensino médio em Rio Grande/RS?” e dos objetivos propostos, a investigação com jovens estudantes do ensino médio público da cidade, inseridos no mercado de trabalho, em um ano marcado pelo retorno das aulas presenciais obrigatórias, demonstrou o caráter diversificado de jovens que, além conciliar diariamente o trabalho com o estudo - em suas diversas motivações ou mesmo necessidades-, ressaltam os desafios enfrentados em suas experiências juvenis ao passo que desvelam temáticas contemporâneas para a área da Educação.

Utilizando a abordagem qualitativa das Entrevistas Narrativas, foi possível identificar com tal abordagem metodológica alguns dos desafios da relação trabalho e educação nas experiências contemporâneas apontados pelos/as oito entrevistados/as. É importante destacar a rede de parcerias estabelecidas entre escolas, professores/as da rede pública, o grupo de pesquisa Recidade, estudantes de graduação e o pesquisador que facilitaram na integração dos sujeitos com a pesquisa.

Entre os desafios que apareceram na pesquisa, o Ensino Remoto, apesar da compreensão da sua necessidade em determinado momento histórico, desponta como uma das problemáticas centrais destacadas. De acordo com todas/os as/os oito estudantes trabalhadoras/es entrevistadas/os, essa modalidade proporcionou um déficit educacional em suas formações escolares, que ganharam maior repercussão no retorno às aulas presenciais; a falta de professores/as presenciais para elucidação de conteúdos, a ausência do convívio com outros/as colegas, o desinteresse nessa modalidade, o adoecimento psicológico e físico nesse período, foram os principais fatores elencados. Tais

apontamentos sobre o ensino remoto não se limitam ao passado recente, mas se refletem no presente desses sujeitos, nos desdobramentos em seus estudos sequenciais.

Sobre a readaptação ao Ensino presencial, houve relatos que colocam novos desafios para pensar o ambiente escolar pós pandemia. Há em curso, uma crise entre instituição de ensino (através de métodos de ensino e avaliação tradicionais) e os/as estudantes que se acentuou nesse retorno. Essas tensões estão mais relacionadas às mudanças em curso na sociedade, do que propriamente a um desgaste na relação entre professor/a e estudante. É possível observar que, por vezes, esses sujeitos não se sentem escutados dentro do espaço escolar, em especial por não se sentirem escutados/representados nas decisões escolares, seja avaliativa, seja na construção de projetos dentro da escola. Soma-se a isso outras questões que são reflexos de dois anos de afastamento social, como a dificuldade para comunicação e realizar trabalhos em grupo, falta de atenção e compreensão dos conteúdos, além de sentimentos de insegurança e despreparo para realizar o ENEM, apesar de ser o ensino superior um horizonte que todos/as entrevistados/as almejam estar.

As diferentes temáticas que emergiram nas narrativas dos/as jovens estudantes trabalhadores, somada à outras oriundas de outros grupos, podem auxiliar na construção de projetos que fomentem as diversidades de culturas juvenis existentes, ao mesmo tempo em que potencializam a autonomia, a escuta no espaço escolar ao espaço escolar, o desenvolvimento coletivo e a participação democrática nesses espaços.

Outra questão que ganha destaque diz respeito ao período de sono e descanso desses/as jovens. Em média, esses sujeitos alegam dormir de cinco a seis horas por dia, sendo que em alguns casos chegam ter de escolher entre dormir uma hora a mais ou tomar banho e conseguir jantar. Considerando o sono como função vital para o desenvolvimento físico, biológico e psicológico, a precária qualidade na juventude interfere nos níveis de atenção, aprendizagem e hábitos. A saúde dos/as jovens que já estava em evidência na sociedade há alguns anos (muito em virtude da violência urbana associada aos jovens), ganhou novos contornos após dois anos de isolamento social. O direito ao sono e o lazer são também questões de saúde pública para esse grupo social, visto que, muitos deles/as possuem uma média baixa de horas diárias de descanso e lazer.

Conciliar estudos e trabalhos não é exceção dentro das juventudes brasileiras. Sposito (2005), destaca que no Brasil o trabalho também faz a juventude. Diferente da moratória social que ocorre em países europeus, onde o término escolar sinaliza para a

entrada no mercado de trabalho (uma transição linear), no caso brasileiro, trabalho e educação estão presentes na vida do/a jovem, não de maneira antagônica em que uma anula a outra (apesar de em alguns casos também acontecer), mas em forma de projetos que se sobrepõe, onde, a depender de determinado momento da vida do sujeito um ou outro acabam por ganhar maior ou menor destaque. É possível perceber essa multiplicidade nos relatos das/os jovens entrevistadas/os. Enquanto para alguns o trabalho aparece como maneira de vivenciar a juventude, para outros representa a independência financeira em relação a sua família. Ainda, se apresenta também como a possibilidade material para continuar seu percurso escolar e acadêmico, pois sonham ingressar no Ensino Superior.

O estudo demonstra a essencialidade de retomar as discussões que marcaram os quinze primeiros anos, deste século, sobre as políticas públicas para esses grupos no Brasil. O Estatuto da Juventude, que simboliza um importante reconhecimento perante a sociedade, precisa ser respeitado, ampliado e ter políticas que incentivem projetos de fomento aos direitos assegurados nesse documento.

No âmbito das políticas educacionais, se faz necessário a revogação da Lei 13.415/2017 que institui as reformas curriculares do Ensino Médio. Ainda que não tenha sido objeto direto da investigação realizada e que as/os jovens da pesquisa não sejam estudantes desse modelo, suas aspirações, lutas, sonhos e as temáticas que emergiram, não dialogam com tal reforma. Já com relação às políticas públicas de trabalho para a juventude, é importante romper de vez com o dilema ‘ter trabalho ou ter direito’ que está ainda em alta em alguns setores da sociedade e encurrela os/as jovens, principalmente oriundos das periferias para condições precárias de trabalho. Como apresentado nos relatos, as/os jovens querem trabalho e educação; mas não se trata de qualquer trabalho e nem qualquer educação, querem trabalho digno e uma educação que tenha relação com as demandas atuais da/ na sociedade. Para isso, a Agenda Nacional do Trabalho Decente para a Juventude, fruto de anos de debates na sociedade, se apresenta como um importante instrumento na luta por qualidade de vida para as/os jovens brasileiros.

A educação como formação humana não está voltada para os conteúdos pragmáticos ou mesmo para “itinerários formativos”, mas, sim, na concepção que o processo educativo está nos sujeitos com quem atuamos, no caso dessa pesquisa, os/as jovens – as juventudes escolares. Reconhecer esses sujeitos, suas realidades, experiências, são essenciais nesse processo.

Tendo isso como base, e em busca da resolução do problema de pesquisa, foi possível observar ao longo do trabalho os desafios e as prospecções dos/as entrevistados/as que emergiram na pesquisa. É relevante ressaltar que essa amostragem da pesquisa, que contou com a participação de de oito (08) estudantes, não esgota as inúmeras outras possibilidades e recortes de trabalhar com juventudes, apenas demonstra a importância de compreender as diversidades existentes entre grupos e sujeitos jovens. Assim, deseja-se que a pesquisa dialogue com a formação de professores/as e possa contribuir no desenvolvimento de práticas educativas emancipatórias.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEL, Peter. Alguns aspectos do método narrativo. **Journal of Mathematical Sociology**, 1993.

ABROMOWAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. Ser jovem no Brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira. **Cadernos Adenauer**, 2015.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**. São Paulo, Boitempo, 2020.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jürgen. **Os pensadores**. São Paulo: Editor Victor Civita, 1975.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de Junho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 18/03/2023.

_____. Lei nº 10.097, de 19 de Dezembro de 2000. **Lei de Aprendizagem**. Brasília, DF, 2000. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110097.htm. Acesso em: 18/03/2023.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, DF: Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica, 2012.

_____. **Plano Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil**, 2019.

_____. **Agenda Nacional de Trabalho Decente**. Brasília, DF: MTE, 2011. Disponível em: <http://acesso.mte.gov.br/data/files/8A7C812D2E7318C8012FE53F261E58FB/Agenda%20Nacional%20do%20Trabalho%20Decente%20para%20a%20Juventude.pdf>. Acesso em: 18/03/2023.

_____. BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/novembro-2018-pdf/102481-rceb003-18/file>. Acesso em: 18/03/2023.

_____. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. **Estatuto da Juventude**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm Acesso em: 18/03/2023.

_____. Lei nº 13.415, de 16 de Fevereiro de 2017, Brasília, DF, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 18/03/2023.

_____. Lei nº 13.467, de 13 de Julho de 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm. Acesso em: 18/03/2023.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017.

CARRANO, Paulo; FÁVERO, Osmar. **Narrativas Juvenis e espaços públicos**: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais. Niterói; Editora UFF, 2014.

CARRANO, Paulo; SPOSITO, Marília Pontes. Juventudes e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Dez 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/dH674czshpNpQDsJ8vsJHLh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18/04/2023.

CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. **Revista de história**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 145-159, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/nugea/files/2010/09/Locus.pdf> Acesso em: 18/03/2023.

CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CONJUVE. **Atlas da Juventude**: evidências para a transformação das juventudes, 2021. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/> Acesso em: 18/03/2023.

CORREA, Alisson Souza; CHAIGAR, Vânia Alves Martins. Juventudes escolares e pandemia: o que as/os jovens contam sobre o ensino remoto em Rio Grande, RS? **XX MPU**, Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Rio Grande, RS, 2021.

CORROCHANO, Maria Carla; NAKANO, Marilena. Jovens, mundo do trabalho e escola. In: SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **Juventude e escolarização (1980-1998)** Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

_____; ABRAMO, Laís Wendel. Juventude, educação e trabalho decente: a construção de uma agenda. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.22, n.47, p. 110-129, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4789> Acesso em: 18/03/2023.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, 2003, 40-52. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04> Acesso em: 19/03/2023.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**. Campinas, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18/03/2023.

DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/Ns9LnNkmBzcLFfdwQNd6Yf/?lang=pt>. Acesso em: 18/03/2023.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 15.410 de 19 de Dezembro de 2019**. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repLegisComp/Lei%20n%C2%BA%2012.616.pdf>. Acesso em: 10/03/2023.

FELDEN, Érico Pereira Gomes, *et. al.* Sono em adolescentes de diferentes níveis socioeconômicos: revisão sistemática. **Revista Paulista de Pediatria**, 2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rpp/a/TkZ79MxDG5p8BdYgyXmPtxc/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 18/03/2023.

FERREIRA, Samuel Crissandro Tavares Ferreira. **E se acidade fosse nossa?** A educação popular contribui na emancipação das juventudes na cidade? 278p. (Dissertação de Mestrado). Rio Grande, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, 2018.

FIOCRUZ. **Convid Adolescentes:** Pesquisa de Comportamentos. Disponível em: <https://convid.fiocruz.br/> Acesso em: 18/03/2023.

FRANZOI, Naira Lisboa; FISHER, Maria Clara Bueno; SILVA, Carla Odete Balestro; BARROS, Analia Bescia Martins de. O estudante trabalhador na escola pública: Um direito negado? **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 27, n. 136, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14507/epaa.27.4068> Acesso em: 20/3/2023.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a Crise do Capitalismo Real**. São Paulo: Cortez, 1995.

GOSS, Karine Pereira. Trajetórias militantes: análise de entrevistas narrativas com professores e integrantes do movimento negro. In: WELLER, Wivian (Org). **Metodologias de pesquisa qualitativa em Educação:** Teoria e Prática, 2013.

GROPPO, Luís Antonio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de educação do Cogeime**, n. 25, p. 9-22, 2004.

_____. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012 - 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?edicao=20653&t=downloads>>. Acesso em 20/04/2023.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.

LUKÁCS, Georg. Narrar ou descrever? In: KONDER, Leandro (Org.). **Ensaios sobre literatura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1965.

MANSKE, Cione Marta Raasch **A venda pomerana no Espírito Santo:** lugar sociopolítico, econômico e identitário (1857-2021). 238p. Tese (Programa de Pós-Graduação em História). Universidade Federal do Espírito Santo, 2021.

MARX, Karl. **Teorias da mais-valia:** História Crítica do Pensamento Econômico 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987. (Volume I).

MAYRING, Phillip. **Qualitative sozialforschung**. Munique, Gundlagen und Techniken, 2004.

MUYLAET, Camila Junqueira *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisas qualitativas. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, n. 48, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/re USP/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYct/?lang=pt>. Acesso em: 18/04/2023.

KUENZER, Acácia Zeneida. Da dualidade assumida à dualidade negada: o discurso da flexibilização justifica a inclusão excludente. **Educação e Sociedade**, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/sB3XN4nBLFPRrhZ5QNx4fRr/?lang=pt>. Acesso em: 18/03/2023.

_____. Ensino Médio e Educação Profissional na produção flexível. A dualidade invertida. **Revista Retratos da Escola**, 2011. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/46>. Acesso em: 18/03/2023.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

_____. **Ganchos, tachos e biscates: Jovens, Trabalho e Futuro**. Porto, Portugal: Ambar, 2005.

PEREGRINO, Mônica. Juventude, Trabalho e escola. In: FÁVERO, Osmar (Org.). **Narrativas Juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais**. Niterói: Editora UFF, 2014.

SANTOS, Luana Isabelle Cabral dos; YAMAMOTO, Oswaldo Haime. Juventude brasileira em pauta: analisando as conferências e o estatuto da juventude. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 16, n. 2, p. 657-668, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11600/1692715x.16201> Acesso em: 18/03/2023.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v.12, n. 34, p.152-180, 2007.

SCOTT, James. Exploração normal, resistência normal. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 5. p. 217-243, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/SYTFQnDjn3vRSDJzghnnpd/?lang=pt> Acesso em: 18/01/2023.

SEVCENKO, Nicolau. O grande motim. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 set. 1998. Caderno Mais! p. 5. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs20099805.htm> Acesso em: 18/03/2023.

SHULTZ, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). **Metodologia da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SPOSITO, Marília Pontes. **O povo vai a escola**: a luta popular pela expansão do ensino público em São Paulo. São Paulo: Loyola, 1984.

SPOSITO, Marília Pontes. Indagações sobre as relações entre juventude e a escola no Brasil: institucionalização tradicional e novos significados. **Jovens: Revista de Estudos sobre Juventud**, México, DF, v. 9, n. 22. México, 2005.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TOMMASI, Livia de; CORROCHANO, Maria Carla. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. **Estudos Avançados**, p.353-37-, 2020. Disponível em: doi: 10.1590/s0103-4014.2020.3499.021 Acesso em: 28/04/2023.

UNESCO. **Juventude, participação e desenvolvimento social na América Latina e Caribe**: Escola Regional, 2014. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232530>. Acesso em: 18/03/2023.

WELLER, Wivian. Narrativas biográficas de jovens: o que seus destinos revelam? In: FÁVERO, Osmar (Org.). **Narrativas Juvenis e espaços públicos**: olhares de pesquisa em educação, mídia e ciências sociais. Niterói, RJ: Editora UFF, 2014.

7. TRANSCRIÇÕES COMPLETAS DAS ENTREVISTAS

Tabela 3: Códigos utilizados na transcrição das entrevistas²⁶

²⁶ Com relação as transcrições das entrevistas, é recomendado lembrar a lista de códigos utilizados para

Código	Significado
@	Término da fala do/a entrevistado/a
%	Mudança na entonação da voz: falas mais agitadas
!	Mudança na entonação da voz: falas mais
&	Mudança na entonação da voz: falas mais cadenciadas
#	Mudança na entonação da voz: falas mais baixas
{}	Mudança na expressão corporal: Sinal de bocejo e/ou cansaço
*	Mudança na expressão corporal: Sinais e gestos com as mãos
-	Mudança na expressão corporal: Sinal de negativo com a cabeça
+	Mudança na expressão corporal: Sinal de positivo com a cabeça
.	Pausa de 1 segundo
..	Pausa de 2 segundos
...	Pausa de 3 segundos
....	Pausa de 4 segundos
~	Risos
“”	Trecho da entrevista solicitado para não divulgar

Fonte: Weller (2014). Adaptado pelo autor (2023)

7.1 Transcrição completa da entrevista com Daniel

A: Daniel, boa tarde. Primeiro gostaria de te agradecer pelo interesse e disponibilidade na participação da pesquisa. Como conversamos anteriormente (nesse caso, via whatsapp), a pesquisa tem como objetivo investigar os desafios de ser estudante e trabalhadora atualmente em Rio Grande.

D: Sim, certo.

sua melhor interpretação. Por esse motivo, optou-se por apresentá-la novamente.

A: Mas não apenas isso, também conhecer melhor quem são esses sujeitos. Poderia começar contanto a tua trajetória de vida, onde mora, com quem mora, idade, enfim, se apresentando de maneira geral e depois disso comentar sobre teus tramos e estudos?

D: Claro (...). Desde o começo basicamente(..), eu nasci em Rio Grande, no cedro, cresci, morei, ainda to lá. (..). Meus pais eram casados até meus 10 anos de idade, depois eles se separaram, dai início não ficou tão distante, minha mãe continuou morando na mesma rua, depois começou a aumentar a distancia, ela foi morar mais longe mas ainda no mesmo bairro. (...)

- A: hmm

- D: Agora ela ta morando no Bolacha, só que ai o que acontece, (..) ta bem dificil, por causa que é uma semana para cada um, a guarda é compartilhada. Semana do meu pai eu moro da (rua) 2 no cedro e fica mais perto, a uma ou duas quadras do colégio.

A: aham

D: Na semana da minha mãe fico na casa da minha irmã, que mora junto com ela, na (rua) 7, um pouco mais distante. Só que aos finais de semana tenho que ir lá para o bolaxa (...), ai sexta-feira acaba o trampo cinco e meia (17h30min) e tenho que ir direto pro bolaxa, e na segunda tem que vir super cedo do bolaxa, as vezes até me atraso pra aula e fica bem puxado isso ai.

- A: uhum

- D: Na semana da minha mãe, a gente ficamos na casa da minha irmã, e fica bastante apertado, fica minha irmã, o esposo, e as 3 filhas dela, minha mãe e outros 2 irmãos, sendo que duas são crianças pequenas, fica bastante gente na mesma casa.

- A: Sim.

- D: Além disso, meu padrasto é pai de santo, então posso dizer que sigo a doutrina da umbanda, (...) que não tem como fugir, porque o terreiro é bem lá em casa, então eu sigo a matriz africana.

- A: hmm

- D: Sobre a rotina, na semana do meu pai primeiro, geralmente é a mais fácil (&). De manhã acordo as 07:00 horas, vou para aula de bicicleta que é para acelerar o processo, solto 12:30 horas, aí chego em casa tenho que comer correndo, arrumar as coisas e sair para estar 13:30 horas no serviço (...).

-A: uhum.

-D: Na semana com a minha mãe já é muito mais puxado, porque acordo mais cedo já que é mais longe, vou voando pra casa e mesmo assim as vezes ainda me atraso. Quando é segunda, é ainda mais puxado, pelo que falei antes sobre estar no bolaxa aos finais de semana(&), então preciso acordar muito mais cedo, aí fico cansado na aula e o dobro de cansado no trabalho. Na noite ainda preciso estudar as coisas da escola e do curso. (@)

- A: E no teu tempo livre, o que gostas de fazer?

- D: (\O/) O tempo livre eu gasto jogando no computador ou lendo. Agora estou lendo a coleção do Julio Verne. Também alguma coisa sobre mitologia, histórico ou folclórico. E jogo League Of Legend (LOL), virtual.

-A: uhum.

-D: Normalmente uma vez por semana também saio pra jogar futebol com meus amigos (...). Tenho tido pouco tempo, até para dormir. Em média durmo 5 horas por dia, hoje foi um pouco menos até, por causa que tenho que conciliar os trabalhos da escola e os trabalhos do curso de soldadar multiprocessado (@).

- A: uhum. E sobre a escola, nos conta um pouco sobre tua trajetória.

- D: Eu estudo no colégio Augusto Duprat, na vila militar desde o pré até agora concluindo o ensino médio, estudei minha vida toda lá. Eu nunca reprovei nenhum ano, nem pensei em abandonar os estudos, (...) por causa que (..) eu sempre me destaquei nas aulas, apesar de não gostar muito de estudar, sou muito curioso sobre qualquer assunto e se despertar minha curiosidade, já pega minha atenção e acho que isso ajuda bastante. (..) Além disso, nunca pensei em parar também porque eu quero ter um futuro e tem vários colegas que já deixaram de estudar e eu vejo nas esquinas, vendendo droga, com armas, esses negocios e eu vejo que essa não é uma opção pra mim. Eu quero continuar estudando(...).

- A: uhum.

- D: Tipo(..), inscrito no ENEM, então pretendo fazer a prova agora em novembro, mas talvez não consiga fazer o curso que eu quero, Engenharia de Controle e Automação, e tentar usar a nota para o outro ano (@).

- A: Massa. E pensando no ENEM, como foi para ti o ensino remoto e está sendo esse retorno as atividades presenciais?

- D: Pra mim foi horrível, ter o o contato com o professor é outro mundo(..). Se to fazendo um negócio e tá com dúvida pergunta e ela vai la e tira. Já computador nas aulas remota, ba (#) eu não entendia nada, não aprendia nada, esses dois anos para mim é um breu, parece que eu fiquei em coma (!).

- A: Imagino.

- D: Por exemplo, muitas matérias que estou vendo no curso era tipo, ensino básico do ensino médio e são coisas que já era pra ter visto e saber, e eu não faço ideia do que do vendo (#). E não é somente comigo, todos os meus colegas também passaram por isso, foi algo pancada, e agora tenho que correr contra a máquina (...)

-A: aham..

- D: É muito ruim tu ver algo que já era pra tu saber, que outros já sabem e tu não, muitas vezes algo simples mas que por não ter um professor perto fica pra trás, (#) eu tive muita dificuldade para fazer a distancia.

- A: Uhum.

- D: Sobre o retorno, eu acho que mudaria a organização de tempo das aulas. São 50 minutos onde tem muito conteúdo, não sei como está a grade de ensino que os professores estão recebendo, mas parece que é muito conteúdo para pouco tempo.

- A: Uhum.

- D: Agora nesse bimestre por exemplo, a gente vai ver geometria espacial e um colega de outra escola já viu isso e vai ver outro conteúdo (!), e eu fico pensando, a gente mais uns 2 ou 3 meses de aula e ainda não vimos nada perto do que ele já viu. Disso eu fico pensando, como será que o professor consegue encaixar isso, vamos ver tudo isso até o final do ano? Isso é preocupante e ao mesmo tempo massante (..). Poderiam ou diminuir os conteúdos ou distribuir melhor as matérias.

- A: Uhum.

- D: Outro exemplo, quando um professor propõe um trabalho de pesquisa, ele já tem estipulado o que ele quer que tu pesquise, mas no ponto de vista é relativo, por exemplo, eu posso pesquisar algo que me chame atenção e o professor queria outro, mas mesmo assim é do mesmo tema (&).

- A: hmm.

- D: Mas só porque não é do jeito que ele queria eu acho que ele pesa mais a mão na

hora de dar a nota, e isso desestimula os alunos a pesquisar o que eles gostam. Assim como nas provas, posso estudar a partir de algumas coisas que me chamaram a atenção, mas que pode não cair na hora da prova, mas isso não significa que não aprendi nada (..).

- A: uhum.

- D: Usando como exemplo a matemática, porque estou usando muito no curso e já vi matérias que o professor de matemática tá recém passando (#), então eu acho que tá bem atrasado, eu teria muito mais facilidade, (..), no geral, na minha turma do curso, o pessoal não sabe fazer, com excessão de alguns poucos.

- A: uhum.

- D: É um ano de curso, mas posso dizer que em um mês de curso já aprendi muito mais coisas que no ano inteiro no colégio, com certeza (! Seguido de @).

- A: Pode crer. E como funciona o curso/trampo que estás fazendo?

- D: Eu estou fazendo o curso de soldador multiprocessado, que é dividido em módulos. O primeiro módulo é matemática, para aprender conversões. (..). No segundo módulo fizemos desenhos técnico; por exemplo, eu faço um desenho e todos tem que conseguir entender, porque as normas são as mesmas, tanto aqui como no exterior, atualmente estou nesse módulo (...).

- A: Uhum.

- D: O terceiro módulo se não me engano é de materiais, para saber qual material pode soldar o que, o que pode ir preso no que, assim como o que não pode. Já no quarto módulo é simbologia, ao invés de descrever os processos anteriores com contas e escrita, utilizamos apenas simbolos. O último módulo é a parte prática do trabalho com a solda, produção de material, de peças, treinamento, provas, projeto de TCC.

- A: uhum.

- D: Antes disso, tinha trabalhado com meu pai na marcenaria dele, mas não era algo contínuo dependia do fluxo de serviço dele (.), e como ele também tinha um ajudante as vezes eu era um peso porque tinha que dividir por mais um. Já no Senai é de segunda a sexta da 13:30 até às 17:30, 4 horas por dia, com carteira assinada (@).

- A: Uhum.

- D: E lá no curso por exemplo, a gente precisa fazer todos os dias o DDS (Diálogo Diário de Segurança), que é pegar algo relacionado a segurança do trabalho e levar para a turma toda. Aí tem que fazer uma pesquisa sobre algum EPI (Equipamento de Proteção Individual) e apresentar a turma (#). Eu não tenho dificuldade em apresentar, pq no colégio era com pessoas conhecidas, mas lá onde não conhecia ninguém, foi diferente, e aos poucos fui conseguindo entender e apresentar melhor.

- A: Hmm.

- D: Diferente do colégio onde a gente está sendo avaliado, lá é algo para a segurança. Então posso dizer que está me ajudando a ser mais comunicativo porque eu era bem tímido com todos (!), mas quando tu vê a importância do que tá fazendo é mais fácil comunicar para outras pessoas. (...)

- A: Aham.

- D: Então imagina, não está tendo oportunidade de emprego para adulto, imagina para jovem, que tá estudando ainda. Os patrões vão pensar, pô tem que estudar não vai poder se dedicar no trabalho (@).

- A: Sim. Boto fê. Tem mais alguma coisa que tu queira colocar ou alguma pergunta que gostaria de fazer?

- D: Não, acredito que consegui falar bastante sobre como tem sido meus *corres*.

- A: Gostaria de te agradecer por compartilhar esses *corres* com a pesquisa.

- D: Eu que agradeço.

Fim da entrevista.

7.2 Transcrição completa da entrevista com Camila

A: Camila, boa tarde. Primeiro gostaria de te agradecer pelo interesse e disponibilidade na participação da pesquisa. Como conversamos anteriormente (nesse caso, via whatsapp), a pesquisa tem como objetivo investigar os desafios de ser estudante e trabalhadora atualmente em Rio Grande. Mas não apenas isso, também conhecer melhor quem são esses sujeitos. Poderia começar contanto a tua trajetória de vida, onde mora, com quem mora, idade, enfim, se apresentando de maneira geral e depois disso comentar sobre teus tramos e estudos?

C: Bom (...), eu sou de Rio Grande, moro no Cassino. (..) Sou criada por mãe e vó, toda minha criação tive mais presença da minha vó porque minha mãe estudava (..) e por ter sido mãe jovem, aos 17 anos ela me teve, sempre teve essa correria de estudar e trabalhar para manter uma filha, com o auxílio da minha vó.

A: Aham.

C: Nunca tive presença de pai, sempre tive presença de mulheres na minha criação, (..) quando muito um tio ou outro (&). Sempre estudei em escola pública, quando eu completei meus 15 anos eu comecei a me interessar pela área a qual eu trabalho.

A: Sim.

C: Eu estudava normal, (..) e quando chegava as férias me dedicava a isso. Na época nem era como trabalho, sabe? Mas como hobby, fazendo minhas próprias unhas. No meu aniversário de 15 anos, onde tem aquela "tradição" do baile de 15 anos, eu não quis o baile e no lugar dele pedi como presente um curso para trabalhar dentro da área de unhas (%). Ali foi onde eu iniciei o processo de entrar no mercado de trabalho (*).

A: Uhum.

C: Primeiro, fiz um curso no SENAC. Esse curso se prolongou, já que no meio do caminho entrou a pandemia e durante a pandemia o curso foi trancado porque não tinha como continuar já que muita coisa era presencial(..) tinha muito treino era uma parte muito mais prática. Um curso que era pra ser de poucos meses durou mais de um ano (&).

A: Sim.

C: Durante a pandemia eu já estava no ensino médio, no primeiro ano. Fiz todo o primeiro e segundo ano no ensino remoto, no qual (...) eu não vou te falar que eu tive dificuldade porque sem professor não tem como ter dificuldade, né? (~)

A: Boto fê.

C: E também por ser escola pública, (..) faltavam muitos professores, então sem matéria e sem conteúdo, o que eu vou estudar? (*) vou ter dificuldade em que? (-) foi algo de ir levando, acho que todo mundo na pandemia foi assim, levando o ensino médio.

A: Sim.

C: Quando as coisas retornaram, eu retornei ao curso, finalizei e após finalizar fiquei um pouco perdida né? Para onde eu vou agora? Como é que eu trabalho? (%).

A: Acham.

C: Isso tudo ainda levando o ensino médio no ensino remoto, tudo online, eu me dediquei muito mais ao trabalho, justamente por não ter um ensino médio, (...) praticamente, era tudo o básico do básico, isso quando tinha alguma coisa. Matemática, por exemplo, nós não tivemos professores na pandemia.

A: Sim.

C: No meio disso, encontrei uma moça que me auxiliou, me colocou na prática, me ensinou a trabalhar.

A: Sim.

C: Nesse período tinha a dinâmica de estudar em casa pelas manhãs e na tarde trabalhar (*). Foi entrado em consenso entre eu, a minha chefe, minha mãe e a dona do salão.

A: Sim.

C: Até aí, tudo bem, estava conseguindo me organizar. (...) Aí voltaram a ter aulas híbridas no segundo semestre de 2021. Nessa época, o salão no qual a gente trabalhava fechou e aí a minha chefe abriu o estúdio (%). Eu estou com ela desde que era um projeto até hoje (1 anos). E continuou uma dinâmica parecida.

A: Uhum...

C: Começou a ficar mais puxado já que estava mais presencial, (...) mesmo que faltassem professores, o meu papel como estudante era estar lá para aprender o que tivessem para me ensinar (*). Então algumas matérias puxavam um pouco mais, outras não, já que

sempre tive um pouco mais de facilidade em humanas (...). Já nas exatas sempre tive mais dificuldades, ainda mais por não ter a base de primeiro e segundo ano (...).

A: Sim.

C: Eu entendia que os professores tinham empatia com a turma, mas, ao mesmo tempo, tinham que cumprir o trabalho deles, que é colocado pela Secretaria, os conteúdos que eles precisam dar e o tempo que precisam cumprir a agenda que é dada (...).

A: Uhum.

C: Então eram professores que tentavam levar, mas que ao mesmo tempo tinham que entregar conteúdo porque é cobrado deles, então ficou difícil para todo mundo, tanto para os professores como para a gente (% seguido de *).

A: Sim.

C: Por exemplo, o processo avaliativo não foi provas, (...) agora no meio desse ano começou a ser provas, mas, antes eram presença, colaboração em aula, participação e interesse. Essa era a avaliação, até aí estava bem tranquilo, (...) é, entre aspas (~).

A: Hum...

C: Como era híbrido, conseguia ainda levar, mais puxado que o remoto, mas não foi tão difícil. Quando retornamos das férias para esse ano, o ensino regular voltou 100% presencial, o que dificultou muito, foi péssimo a readaptação. (...)

A: Uhum.

C: O professor tem que entregar matéria, mesmo que (os estudantes) estejam sem base. Foi desafio para eles e para nós. (...)

A: Sim.

C: Eu entrei em conflito com o ensino regular porque para um aluno que trabalha e estuda a dificuldade de cumprir os trabalhos que são entregues é enorme (-).

A: Sim.

C: Não quero jamais diminuir o trabalho dos professores, eles são essenciais, mas, por exemplo, quando era dado um trabalho em grupo, como eu vou me juntar com outras 4 pessoas que nunca bate horário? Porque tenho outros colegas que também trabalham ou fazem cursos, sabe? (..)

A: Sim.

C: Então era algo muito exigido para pouco tempo. Claro, em uma turma sempre tem os grupinhos, né? (~ seguido de ...). Tem uma galera que é um pouco mais infantil, tem a galera que não é interessada, tem a galera estudiosa, eu andava com a galera que estuda e trabalha e a gente se virava em 30 para conseguir dar conta, entende? (..)

A: Sim.

C: Tinha vezes que era uma pessoa que fazia o trabalho enorme e colocava o nome de todo mundo, outras vezes era outra pessoa (%). A gente ia levando como conseguia. (..) Os colegas do ensino regular que ainda trabalham ainda estão lá, mas estão passando um trabalho no qual eu não quis passar, sabe? (- seguido de ...)

A: Entendo.

C: Muito devido a essa cobrança dos trabalhos, porque assim, (..) prova é ruim é um processo injusto que tu decoras, mas não aprende, (...) mas tantos trabalhos eu também acho injusto porque não cabe dentro da nossa realidade. Onde vou tirar tempo? (!). Eu sou manicure, designer de unhas, trabalho com processos diferentes e delicados que exigem tempo de estudo e preparação também.

A: Sim.

C: E lá são mais de 10 disciplinas e cada uma delas davam dois ou três trabalhos, muitas vezes que eram para entregar no dia seguinte. Como eu vou fazer isso se eu saio da aula, almoço em meia hora e vou pro trabalho? Saio do trabalho oito horas da noite, vou para casa me deitar e dormir.

A: Uhum.

C: Então no meio do ano eu decidi que não dava para permanecer dessa maneira, como eu vou permanecer se eu não consigo entregar os trabalhos e não estou aprendendo nada? (..) Com uma média que cada vez baixava mais, não iria passar de ano e por consequência não encerro esse período que eu preciso encerrar para quem sabe cursar uma faculdade (%).

A: Sim.

C: Mesmo com o ensino que a gente está tendo, ainda ficou muita coisa pra trás, coisas que eu vou recuperar com cursinho pra fazer o ENEM, porque caso contrário não teria como competir com alunos de escolas particulares que tiveram aulas durante toda a pandemia com professores que receberam cursos e se adaptaram muito melhor, (..) não dá para comparar essas realidades (!), enquanto a gente estava sem professores e tendo que trabalhar os alunos das escolas particulares estavam no mesmo ritmo. (..)

A: Sim.

C: No meio do ano então eu passei para o EJA para conseguir terminar o ensino médio com mais facilidade, e agora está mais tranquilo, eu tenho mais tempo para dedicar ao estudo, dedicar para mim também, porque bem ou mal a gente tem que se cuidar também né? (~) Não adianta a gente ficar na correria do dia a dia e a nossa saúde ir se desgastando que era o que estava acontecendo.

A: Sim.

C: Agora eu consigo ter a manhã para mim, consigo me dedicar um pouco mais pro trabalho, estou conseguindo conciliar com mais tranquilidade com estudo (% seguido de *). No noturno, ainda tem trabalhos, mas aplicados em dinâmicas diferentes, os conteúdos são mais resumidos, mas explicados da mesma forma, (...) e é muito conversado sobre o ENEM também. O EJA vai fazer eu conseguir salvar o ensino médio para não ter que repetir essa fase eu devo ao EJA.

A: Sim.

C: Sério, eu não tenho como parar de trabalhar. Quando a gente começa a trabalhar temos nossas conquistas, coisas que os pais muitas vezes não conseguem entregar (%), não que eles não queiram, mas por condições financeiras.

A: Uhum.

C: E no EJA se eu me atraso para chegar na escola, por me prender no trabalho, seja por conta de algum procedimento mais detalhado ou até mesmo por alguma cliente se atrasar para chegar, (.) quando eu chego na escola peço licença e é tranquilo, não tem um tratamento diferente só porque estou chegando atrasada, coisa que no ensino regular não acontece, se chegar atrasado tu perdes um período ou até volta para casa e perde o dia inteiro de aula, sabe? (..)

A: Sim.

C: E novamente, isso não é culpa dos professores, (#) eu tenho uma tia que é professora e na pandemia eu vi o sofrimento dos dois lados, eu como aluna via a falta que o ensino médio me causava e ela como professora se via de braços atados já que não tinha o que fazer dentro de uma escola pública que não oferece auxílio para os professores fazerem os trabalhos deles da melhor maneira.

A: Sim.

C: Não tem remuneração para conseguir realizar um trabalho de qualidade, não só salarial, mas (...) estrutural também. A estrutura do ensino público é algo totalmente antigo (%), de outra época, não cabe mais hoje em dia, tem que evoluir, melhorar, porque se não evoluir e não melhorar vai ficar cada vez mais pra trás, o que já tá acontecendo (*).

A: Sim.

C: No meio disso, começou a pandemia e os professores (das escolas públicas) não tiveram nenhuma preparação para eles dar aulas e terem didáticas para as aulas online e a gente no susto teve que se adaptar (@).

A: Sim. Tu comentaste sobre saúde mental um pouco antes, quer falar mais?

C: Posso sim, claro. Eu iniciei um processo de tratamento com uma psicóloga, na qual eu não mantive por irresponsabilidade total minha (*). No diagnóstico dela, revelou muito estresse com um nível de depressão. Eu estava deprimida, mas não estava em uma depressão profunda, entende?

A: Sim.

C: Eu estava deprimida, no qual essa depressão entrou por motivação do estresse, que estava altíssimo, estava estressada por causa da demanda que estava tendo, (..) não é influenciada só pelos estudos, mas por ter que conciliar estudos com uma média alta, com trabalho, conciliar tudo isso me deixou estressadíssima e aquilo começou a me deprimir (!). Níveis de ansiedade alto, mas alto normal ainda, sabe?

A: Hum.

C: Não estava a ponto de entrar em um psiquiatra. Junto com isso um pouco de depressão também, mas sem medicação. Eu estava um pouco deprimida, muito estressada e um pouco ansiosa. Ai a gente iniciou uma conversa para entender o que estava acontecendo, (..) e tudo resultou nisso, a minha vida estava muito corrida, não estava tendo tempo para me cuidar.

A: Sim.

C: Porque assim, (..) eu sempre fui uma pessoa muito vaidosa (*), sempre me cuidei e isso sempre me fez bem, me manteve equilibrada. No momento que eu passei de me cuidar para cuidar dos meus estudos, não é que eu não deva cuidar dos meus estudos, mas tudo tem que ter equilíbrio, e eu comecei a me dedicar somente a estudo e trabalho.

A: Uhum.

C: Chegava domingo, eu não conseguia fazer nada para mim, não conseguia me divertir com nada, não conseguia desfocar daquela rotina (-), única coisa que eu conseguia fazer era ir para a casa do meu namorado passar o dia lá (&). Mas eu não conseguia aproveitar nem um minuto com ele, nem com a família, porque a minha cabeça não parava. E o que eu fazia para a cabeça parar? Dormia. Eu não fazia mais nada, só dormia e acordava na hora de ir embora. Essa era minha rotina, semana correndo, sábado e domingo dormindo. Não tinha outra coisa para fazer porque não conseguia fazer mais nada.

A: Sim.

C: Agora eu consigo me cuidar um pouco mais(..). Teve épocas que eu não almoçava para trabalhar, era uma escolha minha, jamais foi imposto, por priorizar dinheiro. Hoje em dia já me sinto bem mais leve, priorizando mais a saúde (..). Interrompi o processo com a psicóloga por vários motivos, era longe da minha casa, estava incomodo sair da minha casa e me deslocar mais de 20 km de ônibus, perdia praticamente um turno todo (*). Mas todo esse processo de encontrar os motivos de estar estressada, me fez bem, o processo de achar soluções, sabe?

A: Uhum.

C: Em comparação com antes, posso dizer que hoje tenho me exercitado mais (..). Para trabalhar normalmente vou a pé ou de bicicleta, é algo que já dá um *up*, tu sais um dia bonito, tu está de bicicleta, vê uma galera se exercitando, uma galera vivendo, tu pensas

nossa que legal estou no meio dessa galera (~). Antes eu não estava nem no meio dessa galera. Então eu consigo aproveitar os momentos, aprendi a apreciar o momento que vivo (...).

A: Que massa.

C: Sim (!). Passar por esse caos que passei, de estresse emocional e psicológico, me fez chegar em um ponto de pensar que cada minuto que estou vivendo, tenho que estar prestando atenção no que está acontecendo, eu poderia não tá vivendo isso aqui. Eu poderia ter deixado aquele caos rolar até chegar em uma depressão profunda e não conseguir sair. Eu tive sorte de ter um estalo e pensar olha para onde estou indo, (...) não é para um lugar legal.

A: Sim.

C: Ainda no meio desse caos, que estava te contando, desenvolvi gastrite também, meu corpo respondendo ao estresse que estava tendo. (..) Isso foi lá por agosto de 2021. O que eu fazia para me manter em pé era basicamente beber café (..). Estressada eu não podia surtar na frente de clientes e nem de professor, então eu tomava café para ficar de boa (*). Isso me causou uma gastrite aguda. Nessa época não estava fazendo nenhuma atividade física e nem tinha começado o acompanhamento psicológico ainda (...).

A: Uhum.

C: Depois disso, a minha sogra, que é enfermeira, que alertou para parar. Não era algo espiritual, não é culpa tua, é o corpo dando sinais para parar (%). Aí lá pelo final do ano eu fui na psicóloga. E foi muito bom porque eu também acabei descobrindo como lidar melhor com outras coisas.

A: Hum.

C: Tipo, (...) eu tive muito pouca convivência com meu pai, quando tive foi aos treze anos quando fui vítima de abuso sexual por ele (-). Então, tipo, foi chocante porque nunca

tive convivência e atenção, quando fui ter um pouco descobri realmente quem era meu pai (!). Hoje em dia vejo ele como um monstro, quando aconteceu isso nós denunciemos, minha mãe e meu padrasto me deram um apoio surreal, que eu tinha medo de falar e não ter o apoio, mas eu tive o apoio deles, tive um apoio escolar, estava sem reação do que tinha acontecido comigo na noite anterior do abuso, e na outra manhã ainda estava processando o que tinha acontecido, (...) eu era uma criança de treze anos e não sabia direito o que tinha acontecido, só sabia que não estava certo (&), sabe?

A: Imagino.

C: E aí foi na escola, na época era fundamental ainda, que eu contei para uma amiga minha e ela me levou ao banheiro e me pediu para mostrar o que ele havia feito. (...) Quando eu mostrei ela disse que não era normal, que era abuso sexual e que precisava ser denunciado. E eu tinha uma irmã pequena na época, filha dele com uma mulher que era amante dele, na época era um bebê, que foi um gatilho para eu denunciar (*). Eu não posso deixá-lo perto da minha irmã (!).

A: Sim.

C: Fui em uma professora que eu confiava e contei, ela chamou a direção, que chamaram minha mãe e meu padrasto, no qual já fui encaminhada para a polícia civil, depois fui para a delegacia da criança e do adolescente e até hoje não fui chamada. O apoio da escola foi muito importante, o acolhimento da escola, sabe? Além da minha amiga que me deu esse auxílio.

A: Sim.

C: E trabalhar tudo isso na psicóloga foi muito bom pra mim (..). Mas voltando (~), ao que a gente estava conversando antes, apesar disso tudo, eu acho a coisa mais normal do mundo trabalhar e estudar, eu acho estranho quem não tem essa rotina (..). Por exemplo, meu namorado não tem essa rotina, ele só estuda. Eu acho isso muito fora da realidade ter que pedir dinheiro para os pais. (..) Desde nova aos doze, treze anos por aí, eu me negava a pedir dinheiro para minha mãe, eu sabia a situação. Nunca chegamos à situação

de passar fome, mas eu reconhecia que a gente não poderia se dar ao luxo. Então por ter essa experiência talvez seja fora da minha realidade ter que pedir dinheiro para os meus pais (*).

A: Uhum.

C: E ao mesmo tempo eu jamais pensei em sair da escola, eu não posso sair, eu tenho que melhorar, se sair estagna. Vou fazer o ENEM esse ano, vou tentar psicologia, mas não tenho certeza de nada, se der certo deu (~ seguido de @).

A: Sim. E como está sendo para você esse retorno às aulas presenciais?

C: Essa readaptação está sendo bem puxada, tive muita dificuldade em me concentrar, sempre fui dispersa (~), não consigo me concentrar em meio a barulho, ou ambientes mais fechados, só que eu tinha essas limitações antes, depois que eu perdi totalmente o ritmo, na pandemia, eu tive muito mais dificuldade de concentração (..) eu não estava mais acostumada a entrar em uma sala de aula, então assim, até agora não consigo me concentrar como gostaria, sabe?

A: Entendo.

C: Também não sei onde está aí o porquê, ter pausado por tanto tempo (..). Na pandemia eu evitava ver notícias, fiquei meses sem ver meu namorado, sem ver minha vó, meu padrasto é da área da saúde então era um risco grande de trazer o vírus para dentro de casa (@).

A: Sim. Camila, tem alguma coisa a mais que queira dizer ou perguntar?

C: Queria dizer que tem vezes que eu acho que os professores têm uma ideia limitante o aluno é aluno e só, não tem uma vida fora da escola. É necessário mostrar que é uma realidade que existe. As vezes o professor acha que a obrigação é estudar e deu, mas não é assim (%). Antes a maioria só estudava, hoje em dia já tá revertendo as coisas,

seja fazendo técnico, especialização, ou trabalhando mesmo, então é uma realidade que precisa ser exposta e o professor precisa entender também, não é trabalho dele estar o dia inteiro disponível porque seria para o aluno? (@)

A: Sim. Camila, gostaria de te agradecer novamente por essa conversa, pela disponibilidade e o interesse em participar da pesquisa.

Fim da entrevista.

7.3 Transcrição completa da entrevista com a Marta

A: Boa tarde, Marta. Antes da gente começar, gostaria de te agradecer pelo interesse e disponibilidade na participação da pesquisa. Como conversamos anteriormente (apresentação na sala de aula), a pesquisa tem como objetivo investigar os desafios de ser estudante e trabalhadora atualmente em Rio Grande. Mas não apenas isso, também conhecer melhor quem são esses e essas jovens. Poderia começar contando a tua trajetória de vida, onde mora, com quem mora, idade, enfim, se apresentando de maneira geral e depois disso comentar sobre teus tramos e estudos?

M: Eu me chamo Marta, tenho 18 anos, sou natural de Bagé e moro desde 2019 em Rio Grande. Amo frequentar o Canalete, lugares com música e gente conversando. Trabalho em uma petshop onde sou sócia junto com a minha mãe, nós começamos a dois anos atrás e desde então eu estou tentando, é (..) conciliar a escola com o trabalho, o que é bem difícil, na pandemia era mais fácil, (..) pelo fato de estar todo o dia em casa, daí agora complicou um pouquinho (..).

A: Uhum.

M: Por eu ser sócia, eu consigo dar uma equilibrada (.), alguns dias eu não trabalho, e assim eu vou indo. Como a petshop é na nossa casa, no parque residencial Salgado Filho junto com minhas duas mães, isso facilita bastante também (@).

A: Tu podes contar um pouco como é a tua rotina diária de estudar e trabalhar?

M: Posso sim, claro. É (.) uma rotina bem monótona na verdade (~), faço isso todos os dias. Eu me acordo as sete horas (07:00 horas), pra conseguir abri a petshop oito horas. Como eu trabalho onde moro, fica mais fácil para fazer tudo com mais calma, tomar café. Dependendo do dia é bastante agitado, nas quintas e sextas é bem provável que eu chegue atrasado no colégio, são normalmente os dias mais agitados (&). Depois, chegando do colégio, de tardezinha, quase a noite, eu termino de estudar ou continuar trabalhando (...).

A: Sim.

M: E basicamente é isso há dois anos, quando a anos, a ideia surgiu com uma das minhas mães. Ela já tinha experiência de trabalhar com pet há mais de 10 anos (..), e daí quando ela se casou com a minha mãe, ela acabou abrindo o olho que estava recebendo menos que deveria.

A: Uhum.

M: No início eu não sabia exatamente nada (~). Aprendi tudo com ela, a dar banho, tosar e tudo mais. Daí em setembro de 2020 a gente abriu, achamos que não iria dar certo, por sermos empreendedoras de primeira viagem, mas tá ai firme e forte (..).

A: Sim.

M: No início eu tinha até medo dos animais (~), até por conta de algumas alergias que tenho e tudo mais. Daí quando fui passar um tempo com meu pai em Bagé, acabei me acostumando mais com gatos, depois começamos a adotar. Mas quando eu recebi a proposta delas, eu fiquei um pouco com o pé atrás. Será que vou dar conta? Morria de medo de cachorro (~).

A: Sim.

M: Mas foi bem tranquilo, hoje eu acho bem legal, (..) ter a oportunidade de mexer diretamente com cachorro, toda vez que tu vai pegar um é uma alegria, ou um desespero (~), porque dependendo de como eles estão é desespero puro. E de um jeito ou de outro, a gente acaba se tornando uma ativista porque é assim ó (..), eu não sabia muito sobre esse mundo, mas depois que eu comecei a trabalhar, sempre que eu posso eu to falando das causas animais (@).

A: Vamos conversar um pouco mais sobre então, como tu percebe a questão dos animais aqui em Rio Grande e nas tuas experiências.

M: Olha (..), infelizmente, o pessoal da minha idade não tem muitos, ali entre dezessete e dezoito anos (%). Eu vejo que falta muita informação e muitos projetos que já existem cidades grandes e aqui é muito pouco, e os que tem não são divulgados. (..) Eu descobri que tinha mais gente porque a maior parte das nossas clientes é da FURG e pegaram da bicharada os cachorrinhos. Então nessa parte foi quando eu comecei a ver muito de (..), cachorro que foi abandonado, cachorro que levou tiro, é horrível, sabe?

A: Uhum.

M: Foi aí que eu me conscientizei, gente pra que fazer isso? Tem muita gente que ainda compra animais, esse termo ainda é usado e eu tenho pavor disso, por que não adotam? Não tem dinheiro que compre o amor que tu sente por eles. E nisso, eu fui percebendo (..) que muita gente não tá familiarizada ou não tem informação o suficiente pra saber sobre tudo isso (*).

A: Sim.

M: Uma coisa que eu acho um absurdo total, é a pessoa pegar e depois largar. (..) E essa foi uma das minhas maiores conscientizações, pra me tornar uma ativista, porque é impossível tu ver tudo isso e não lutar pelo direito deles. Eu digo que eu sou uma ONG de uma pessoa só (~). Como são só três anos aqui, eu ainda não to muito acostumada aqui em Rio Grande e tudo mais, eu não sabia que tinha mais gente nessa profundidade pra falar sobre isso, então eu comecei a pesquisar no instagram, facebook, e realmente tem

muitos trabalhos, eu já seguia a bicharada mas ainda estou conhecendo outros (%).

A: Uhum.

M: Então tipo, eu acho que faltam projetos na prefeitura e nas escolas, porque a única coisa que tem aqui é técnico em meio ambiente, mas é um técnico não um projeto, então de uma forma ou de outra acaba dando uma entristecida por não ter (-). E não tem muita gente ainda que lute, se tivesse eu acho que teria mais força para fazer aqui dentro, não só aqui dentro mas em outras escolas, de todas que eu passei nunca teve algo, nem estadual, nem municipal, nunca teve (&). Eu acho que tá mais presente em universidades federais e cidades grandes.

A: Tu comentaste que veio para cá em 2019, não é? Conta para nós um pouco sobre tua trajetória escolar e dessa mudança para Rio Grande.

M: Sim, eu vim pra cá em 2019, no final do nono ano, ali entre final de agosto e início de setembro. Acabei pegando EJA por não ter mais vagas no fundamental normal de dia. Quando eu tava lá (em Bagé) eu morava com a minha avó e a escola era próxima. Quando ela faleceu eu 2018 eu morei um tempo com meu pai e daí eu precisei mudar de escola, duas vezes para ficar mais perto. Então se a gente colocar já aqui o médio, em três anos eu passei por cinco escolas diferentes (@).

A: Boto fé. Sobre trabalhar no ensino remoto e também nesse retorno ao presencial, comenta um pouca mais, por favor.

M: Em relação a escola foi bem difícil (&). Eu não consigo pegar a matéria, ela (..) no caso no telefone ou somente em folha, eu preciso de alguém explicando, falando, entendeste?

A: Uhum.

M: Então, para mim foi muito difícil essa parte, tanto que para mim aprender eu tinha que arrumar um horário em que estivesse livre eu e uma das minhas mães, para elas poderem

me explicar (*). Só que tipo, isso acontecia uma vez por mês no máximo (!). Então a pandemia acabou totalmente (..), como posso dizer, foi bem ruim, eu não consegui pegar nada.

A: Sim.

M: Mas no trabalho já foi melhor porque eu conseguia ficar todo o dia. Conseguia acumular mais dinheiro, mas em compensação a minha aprendizagem ia lá em baixo (#). Eu sei que isso foi bom por um lado, mas prejudicial por outro. Eu fiquei em recuperação em quase todas as matérias no primeiro ano.

A: Boto fé.

M: Já a volta, como foi meio que de supetão, vamos voltar e daí um mês antes resolveram voltar, eu entrei um pouco em choque, até por conta de não estar mais acostumada a me relacionar assim, com tantas pessoas e olhar na cara e tudo. Mas (..), acho que depois de umas duas semanas eu já tinha me readaptado, só estava correndo atrás ainda das matérias que tinha perdido e tal, de restante acho que me adaptei bem (..).

A: Sim.

M: As matérias ainda estou correndo atrás até hoje na verdade. No ano passado, eu achei nossa, consegui um pouco, mas quando eu entrei no terceiro ano muitas matérias que passaram eu não tinha conseguido pegar. Então esses dois anos primeiros anos foram meio perdidos pra mim, eu até pensei em refazer o segundo ano por conta disso (..). Mas aí comentaram que pro meu currículo não era legal, ainda mais porque eu quero depois cursar medicina.

A: Uhum.

M: Então, até para o ENEM me prejudicou. Eu fiz um simulado na semana passada e muita coisa que eu tinha visto na prova foram coisas que caíram nos anos passados e eu não lembrava de absolutamente nada (%). E eu vejo que não houve também uma (..) como

é a palavra, uma readaptação dos professores e dos alunos (@).

A: Pode comentar mais?

M: Tipo, dos professores porque muita coisa que foi vista por cima no remoto eles chegavam e diziam que não iriam ver a matéria. (..) E isso, pra quem é que nem eu, que só pega ouvindo, é horrível. No início mesmo das aulas EAD, a plataforma era horrível de mexer, até aprender foi um tempo e para quem não tinha esse tempo, para pegar os papéis, porque quase ninguém sabia ou conseguia usar, a minha plataforma mesmo travava de uma forma que não tinha condições de usar. (..) E quando a gente volta, daquela forma, de supetão, tinha professores que eu nem sabia quem eram e já ficavam passando matéria, de certa forma faltou empatia (%).

A: Boto fé.

M: Então as vezes falta ouvir mais os estudantes. A maior parte dos estudantes de escolas públicas não tem uma vida só na escola, tem uma vida fora também, tem gente que sai daqui para cuidar o irmão e não vai ter condições de fazer um trabalho fora do colégio, ou que precisa escolher entre dinheiro ou seguir estudando, e muitas vezes vai escolher o dinheiro, então essa falta de empatia acho que também é uma falta de acreditar nos alunos (@).

A: Boto fé. Marta, estamos nos encaminhando para o final, queria saber se tu gostaria de fazer alguma pergunta sobre a pesquisa ou complementar algo que faltou?

M: Acho que não porque acho que na conversa as minhas dúvidas, até coisas que eu não sabia que eu pensava foi dito.

A: Gostaria de agradecer novamente pela tua participação e a disponibilidade.

M: Obrigado.

Fim da entrevista.

7.4 Transcrição completa da entrevista com a Sabrina

A: Sabrina, boa tarde.

S: Boa tarde.

A: Antes da gente começar, gostaria de te agradecer pelo interesse e disponibilidade na participação da pesquisa. Como conversamos anteriormente (apresentação na sala de aula), a pesquisa tem como objetivo investigar os desafios de ser estudante e trabalhadora atualmente em Rio Grande. Mas não apenas isso, também conhecer melhor quem são esses e essas jovens. Poderia começar contanto a tua trajetória de vida, onde mora, com quem mora, idade, enfim, se apresentando de maneira geral e depois disso comentar sobre teus tramos e estudos?

S: Eu nasci aqui em Rio Grande, estudo na Escola Rosa, trabalho como jovem aprendiz em uma empresa no polo industrial, tenho 18 anos (~), moro no Bairro América junto com minha mãe, meu padrasto e meu irmão (*). Minha relação com eles é tranquila, eles de geral me incentivam e sentem orgulho que eu viva três turnos, né? Então eles me apoiam bastante a estudar, a continuar nos meus objetivos (@).

A: Massa. Conta um pouco sobre a tua rotina.

S: Claro (...). Eu acordo as seis horas (6 horas), pego o ônibus da firma, né (*)? Depois eu trabalho das sete e meia (07:30 horas) até as onze e meia (11:30 horas), e almoço na própria fábrica. Depois eu pego o ônibus de linha, normal, venho pra escola onde fico da uma e meia (13:30 horas) até as cinco e cinquenta (17:50 horas). Depois da escola eu ainda vou pro cursinho que é das sete (19 horas) até as dez e meia (22:30 horas), pego o ônibus de linha novamente e chego em casa onze horas da noite (23:00 horas) (@).

A: Sim. E costuma fazer alguma coisa quando chega em casa?

S: Não (!). Eu chego muito cansada então eu tenho meio que decidir, (..) ou eu janto, ou eu tomo banho (~), ou eu faço os dois e vou dormir muito tarde e minha noite de sono é péssima (@).

A: Uhum. Quantas horas de sono tu tens por dia em média?

S: Umas cinco, no máximo (! Seguido de @).

A: E quando está de folga, o que tu gostas de fazer?

S: Eu gosto bastante de estudar, então eu estou sempre lendo algum livro ou andando de bicicleta. (..) Gosto de aprender novos idiomas também. (..) Então aos finais de semana eu costumo tirar pra estudar, normalmente aos Sábados, às vezes também no Domingo. Procuro dormir o máximo que consigo pra recuperar o sono da semana (!). E eu fico muito tempo em casa, é muito difícil eu sair, ainda mais nesse meio tempo de ENEM, então eu basicamente só fico em casa, estudo e descanso (@).

A: Tu comentaste que gostas de estudar, não é? Conta um pouco sobre a tua trajetória acadêmica.

S: Sim, (..) eu sou formada em um curso de língua estrangeira, falo inglês fluente, e além disso estou tentando ingressar pelo o ENEM para engenharia química (..). Eu fiz meu ensino fundamental em outra escola, era mais próxima de casa. Aí agora estou aqui no ensino médio, nunca reprovei e (...) acho que é isso (@).

A: E sobre o ensino remoto e essa retorno as aulas presenciais esse ano, como foram pra ti?

S: Pra mim o ensino remoto não valeu de nada (..). Muitas pessoas não estavam preparadas para encarar o ensino e não tem disciplina para encarar o ensino remoto (%). E também tem a questão da aprendizagem, não é? Tu não consegue prestar atenção (...) tu não entende o que o professor está querendo passar através de (..) de repente uns

exercícios ou uma vídeo aula que tenha feito. O professor em si é essencial para o desenvolvimento do aluno (...).

A: Sim.

S: Eu me senti bastante prejudicada, porque como eu te falei, eu gosto de estudar, gosto de aprender, (.) e remotamente eu aprendi superficialmente, não é algo que eu sei fazer, não, eu aprendi por cima ali e só. E foram dois anos, o primeiro e o segundo ano, então imagina (...).

A: Uhum.

S: No primeiro ano ainda tivemos umas três semanas de aula e foi para o ensino remoto. No segundo ano em novembro e dezembro eu já vinha às aulas presenciais. Já eram aulas optativas, então eu optei voltar porque sentia a falta do professor, (..) sentia falta de alguém explicar, (..) porque o ensino remoto, aqui na escola pelo menos, não tinha aula todos os dias, ao vivo, normalmente eram exercícios ou trabalhos, que tu deveria ler e fazer (*).

A: Uhum.

S: e eu sentia falta também do convívio social não é (!)? De conviver com os colegas, dessa troca que acontece. Não que tenha sido fácil. Foi bem difícil voltar e ao presencial também (&). Eu passei dois anos por conta própria, não é? Fazendo as coisas sozinhas, sem nenhum tipo de convívio social, a não ser com a minha família, e quando eu cheguei aqui foi (..) nossa, meu Deus, pessoas (* seguido de !), posso conversar com todo mundo, quis conhecer todas as pessoas, saber o que elas faziam, foi bem diferente do que a gente tinha uns anos atrás, que a gente ia para a escola normal e convivia até com as mesmas pessoas as vezes, mas é que eu saí totalmente da minha zona de conforto para conhecer outras realidades (..).

A: Sim.

S: Eu me considero uma pessoa um pouco extrovertida, gosto de falar e me comunicar (..), mas eu acredito que esses dois anos também tenham me prejudicado em como chegar nas pessoas, como (...) falar com elas, como lidar com as pessoas também, até porque a gente estava apresentando um trabalho em grupo na semana passada na aula, e eu tinha perdido isso, de organizar para todo mundo trabalhar junto, em equipe, sabe? Trabalhar em equipe fez muita falta e na volta isso foi muito difícil também (...).

A: Uhum.

S: Fora isso, eu acho que os professores foram bastante flexíveis, não é? Até porque no momento de pandemia ninguém esperava viver tudo o que viveu (*). Mas eu também acho que poderia ter mais ajuda para o aluno a entender determinado conteúdo, porque a gente tinha certeza que uma hora a pandemia iria acabar e que iríamos voltar e continuar enfrentando o ENEM, concurso público, vestibular, provas, e eu acho que faltaram explicações, era apenas entrega de matéria e a gente se virava meio sozinho (!). E ainda são assim, talvez um resquício do ensino remoto (..).

A: Sim.

S: E eu acho que as vezes falta apoio, sabe? Os alunos precisam de mais apoio e até auxílio para tomar decisões. O aluno sempre vai lembrar do professor. (..) Acho que facilitar os conteúdos, dar experimentos, é muito essencial para nós. A prática ajuda muito. A escola como um todo na verdade, ter projetos que ajudem os alunos a se entender (%). Porque depois do terceiro ano é um limbo, né?

A: Sim.

S: A gente não sabe para onde ir, tem pessoas aqui que não conhecem sequer os cursos da FURG, e a gente precisa ser apresentado a esse mundo (*). Muitos colegas aqui não tem pais com ensino superior completo, alguns sequer têm pai, então acho que nessa readaptação também sinto falta disso, desse apoio ao aluno até nas decisões mesmo. Então falta empatia às vezes, a escola é um lugar, mesmo que eu goste de estudar, um lugar que vários dias eu não quero estar (@).

A: Boto fé. E sobre o teu trabalho, pode contar um pouco?

S: Eu trabalho na área de segurança e medicina do trabalho, (...) eu trabalho como disse antes, pela parte da manhã, eu trabalho mais com a parte administrativa (~), como também os técnicos de segurança de trabalho, eu trabalho tipo, dentro da fábrica mas não com a parte da produção. Faço inspeção em selos de aprovação, por exemplo (.), precisa ser feito um trabalho em altura vejo se a pessoa tem o treinamento adequado para fazer esse trabalho, se tem a gente identifica, coloca um selo, aplicamos uma prova para ver se realmente está apta para esse tipo de trabalho (...). Eu também contabilizo documentos, contabilizo as provas, (...) lá tem algumas inspeções com fitas e lacres determinados para ferramentas, enfim, eu ando em vários setores da empresa, porque eu visito todos para ter esse controle de segurança e o diálogo de segurança de como funciona, faço de tudo um pouco ali (~). Como já havia trabalhado antes, de recepcionista durante a pandemia, eu acho relativamente tranquilo. Desde nova sempre procurei independência e para conquistar minhas coisas então a gente corre atrás.

A: Sim.

S: Eu comecei a trabalhar, por exemplo, para pagar meu curso de inglês, eu tenho minha mãe que me ajuda em tudo que pode e até o que não pode, meu pai também, apesar dele morar em Porto Alegre, mas eles sempre me incentivaram a trabalhar, correr atrás, e até hoje é assim (@).

A: Sabrina, a gente está chegando no final, queria saber se tu **tens** alguma dúvida a mais sobre a pesquisa, quer completar alguma coisa ou se acha que faltou alguma questão.

S: Não, eu achei bem completa, consegui falar bastante coisa, achei importante porque muitas pessoas não param para ver a mente de uma pessoa que estuda e trabalha, muitas vezes, que nem eu, faz três turnos então está sempre cansada, mas ali tentando, e é legal saber a rotina e tentar melhorar (@).

A: Massa. Queria te agradecer novamente aceitar participar da pesquisa, pela atenção

dada, a disponibilidade e te desejar boa sorte no ENEM.

S: Muito obrigado (~)

Fim da entrevista.

7.5 Transcrição completa da entrevista com Gustavo

A: Gustavo, boa tarde. Primeiro gostaria de te agradecer pelo interesse e disponibilidade na participação da pesquisa. Como conversamos anteriormente (nesse caso, via whatsapp), a pesquisa tem como objetivo investigar os desafios de ser estudante e trabalhador atualmente em Rio Grande. Mas não apenas isso, também conhecer melhor quem são esses sujeitos.

G: Sim.

A: Poderia começar contanto a tua trajetória de vida, onde mora, com quem mora, idade, enfim, se apresentando de maneira geral e depois disso comentar sobre teus tramos e estudos?

G: Meu nome é Gustavo, eu estudo atualmente na noite, não nasci aqui (em Rio Grande), vim para cá com 9 anos, vim quando meus pais se separaram (..) aí desde os 9 anos eu estou aqui, já vai fazer 11 anos que estou aqui em Rio Grande/RS (...).

A: Sim.

G: Minha profissão é marinheiro recruta da Marinha do Brasil. Já trabalhei com outras coisas informalmente, (...) fiz jovem aprendiz na carteira assinada. Gosto de praticar esportes e relaxar nos tempos vagos, assistir uma série ou ver um filme. (@)

A: Pode crer. Com que frequência tu consegues fazer essas atividades que tu gostas?

G: No meu próprio trabalho a gente tem um tempo para a prática de esporte, chamado de TFM (treinamento físico militar), aí por conta disso eu sou “privilegiado” (aspas utilizadas pelo entrevistado) e consigo eu fazer nesse tempo que eles dão, se não tivesse esse tempo só aos finais de semana, nas folgas, por que dias de semana não tem como conciliar o trabalho com estudos e mais atividades físicas ou qualquer outra coisa que queira fazer (...) ou teria que sacrificar o meu sono que já não é (#), já não é (..) muito adequado, já não é muito bom. (@)

A: Quantas horas mais ou menos em média dorme?

G: Eu durmo entre 5 e 6 horas no máximo (...) por conta da rotina de trabalho e estudo. (@).

A: Conta um pouco mais sobre essa rotina.

G: É (..) eu acordo (..), na marinha é divergente, tem dias que eu estou de serviço e tem dias que eu não estou de serviço. Quando estou de serviço eu tenho que acordar às 05:30 da manhã porque tenho que estar às 07:20 formado, já com o uniforme. (...) Como vou de moto para lá, saio mais ou menos umas 06:15 para dar tempo de tomar café lá.

A: Aham.

G: Aí nesses dias eu durmo lá, fico 36 horas desde a hora que eu cheguei até o outro dia às 16 h da tarde que é a hora que eu solto (...), aí por conta disso, eu tenho aula depois às 19 h.

A: Sim.

G: Mas não é sempre que solto às quatro (16 horas), não dá para saber sempre a hora certa, a hora do licenciado é às quatro (16 horas), mas às vezes solta às cinco ou seis (17 e 18 horas). Quando estou de boi (..), boi é o militar escalado para a saída comandante, que é o cara que manda em tudo lá, daí todo dia tem gente escalada, hoje, por exemplo,

eu estava escalado, daí fui sair da marinha eram sete da noite (19 horas). Então minha aula é esse horário, conseqüentemente até eu saí, eu já chegaria atrasado na aula. (...)

A: Aham.

G: E aí a aula acaba vinte para as onze (22:40hrs), aí eu vou chegar em casa perto da meia noite. Quando não estou de serviço é um pouco mais relaxante, porque tenho que estar 08:15 na marinha, daí consigo dormir um pouco mais e chegar lá tranquilo. (...) Essa escala é 3 por 1, então acontece mais de uma vez na semana normalmente. (!)

A: Aham.

G: Então, tipo, se eu estou de serviço (plantão) na segunda, chego às 07 horas da manhã eu vou sair terça às 16 horas, a gente conta mais ou menos umas 36 horas, não dá o certo isso, mas mais ou menos é isso (...) aí, conta quarta, quinta, na sexta já estou de serviço de novo. (@)

A: Aham. E quanto tempo tu estás na marinha?

G: Na marinha faz sete meses que estou lá. No comando fazem quatro (...) no semestre passado que eu reprovei já estava na marinha, o que influenciou totalmente. (...)

A: Podes contar um pouco mais?

G: Como eu estava no recrutamento base era mais cansativo fisicamente e psicologicamente, e isso tudo abalou o tempo de estudo, cansaço, não tinha nem vontade de estudar (...) e aí coincidiu de ter rodado. (@)

A: Sim.

G: Daí, como reprovei, eu vou terminar na metade do ano que vem se eu não reprovar outra vez. (...)

A: Aham.

G: Daí, antes da marinha, eu trabalhei na firma da Vetorial, onde era auxiliar de instalação de internet. Trabalhava bastante com o público, o que achava muito legal essa parte, aprendi bastante. A rotina era desgastante, mas ainda tinha mais tempo para, por exemplo, se eu quisesse dar uma estudada no celular, entre um percurso e outro. Trabalhava pela manhã e tarde e já estudava na noite.

A: Sim.

G: No meu primeiro semestre no médio eu tirei só notas altas, ainda não trabalhava. Aí se pegar o segundo semestre onde já trabalhava nessa empresa, as notas deram uma grande baixada. Já no terceiro semestre, quando entrei na marinha, eu reprovei em uma matéria, que acabou trancando minha formatura. (@)

A: Parte disso foi na pandemia?

G: Sim (!).

A: E como foram para ti as aulas remotas?

G: Na pandemia foi corrido, a gente não está acostumado não é (! Seguido de *). Tipo, já tinha ensino remoto. Acho que foi falho o ensino remoto porque às vezes tinha aula, às vezes não tinha, às vezes tinha trabalho, atividade, outras não tinha. Acredito que isso influenciou no meu ensino para realizar o Enem, por exemplo. (...)

A: Aham.

G: Sinto que poderia ter sido melhor, (-) mas entendo que não posso cobrar da escola porque tem certas coisas que ela não consegue. Ainda mais em uma pandemia que os próprios professores não estavam acostumados a dar aulas daquela forma, não tem como cobrar muito. (...)

A: Sim.

G: Além disso, também perdi meu pai (# seguido de -) que me abalou muito no meio disso. (“”)

A: Sim.

G: Mas, fiz o Enem no ano de 2021 e minha opção era o curso de educação física (...) e pretendo fazer o Enem esse ano. (...)

A: Que massa!

G: Sim (*). Fora isso, também trabalhei com bicos e carteira assinada. Na carteira assinada, eu fiz o SENAI o curso de eletricista industrial. Isso eu já estava no primeiro ano do ensino médio. O curso era de 1 ano, mas se estendeu em quase 2 por conta da pandemia. (@)

A: Aham.

G: Aí, por exemplo, agora nesse retorno (...) eu acho que a escola poderia ter mais atendimentos, talvez até não presencialmente, já que a gente aprendeu também a usar o remoto, para resolver dúvidas (*). Essas dúvidas talvez sejam coletivas, então pensar em uma forma que não se torne desgastante também para o professor, para não acabar dando esses atendimentos somente para uma ou duas pessoas. (...) Então talvez um atendimento extra para os alunos trocarem uma ideia fora da sala de aula também. (@)

A: Sim. E como está sendo essa readaptação para você?

G: Para mim, foi diferente a readaptação, porque foram 2 anos de aulas onde se eu tivesse dúvidas não tinha nenhum professor por perto (!). As aulas também eram muito escassas, chegou a ter aula de matemática de uma vez por semana. Já no retorno, eu tenho 5 aulas de matemática por semana, por exemplo. (..) Às vezes nem era remoto ao vivo, a aula era

gravada e tinha entre dez e quinze minutos e tinha que se virar com o que tinha na internet, aulas de outro professor, enfim. (%).

A: Uhum.

G: Então por exemplo, a questão do ensino médio, (.) eu acredito que não tem como mudar (...) até tem (...), tinha uma coisa na aula de geografia que eu gostava muito, o professor aplicava uma prova só por trimestre e não tinha tanto peso como a outra atividade que ele pedia que era um sarau. ({}).

A: Que legal. E como funcionava o sarau?

G: No sarau, tu conversavas com a turma sobre determinado ponto, (..) isso pra mim era a melhor avaliação de todas as matérias, tanto que eu gostava muito de geografia por conta disso. (..) Claro, tu te forçava a estudar porque vai se apresentar para a turma, as vezes era para todas as turmas do ano e tu não quer passar vergonha, tens que realmente aprender o conteúdo e a falar. Já na prova eu acho que a gente decorava as questões, e as respostas, o que não aprendi tanto quanto estudando para apresentar esses sarais. (%)

A: Sim.

G: Esses saraus eram temáticos, a turma era dividida em grupos e cada grupo pegava um tema. (..) Eu lembro que peguei o tema de geopolítica, outra vez peguei sobre as diferenças do comunismo e do capitalismo, o que achei muito legal, porque são temas que a gente tá acostumado a ver no jornal, mas não vê a base do que é, e nessa proposta eu acho que aprendi bastante. (%)

A: Sim.

G: Também tiveram outros que ficaram mais sobre as diferenças geográficas do Brasil. Não sabia tanto do Nordeste, Centro-Oeste, enfim. (...) Nessa avaliação também tinha uma parte escrita, e também tinham questões que eram para responder do outro grupo.

({}) Ou seja, a gente estudava para apresentação, para a parte escrita e se preparava para prestar atenção aos outros grupos para poder também responder. (*)

A: Aham.

G: Eu por exemplo, não tinha facilidade em apresentar trabalho (!). Mas depois que comecei a apresentar é a melhor coisa, prefiro mil vezes apresentar um trabalho do que fazer uma prova, estudar para uma prova, decorar fórmula, questões. ({}). Prefiro muito mais interagir com o professor, com a turma, do que decorar para prova e amanhã ou depois esquecer. (@)

A: Gustavo, já são dez e quinze da noite, vejo que estás bem cansado. Quer comentar mais alguma coisa?

G: Sim, como disse estava de serviço, então agora bateu a lombeira (~). Não tenho não, acho que consegui falar sobre minha rotina e dar exemplos.

A: Sim, foi excelente a conversa, queria agradecer imensamente pela disponibilidade de ficar até tão tarde conversando com a gente e contando um pouco das tuas experiências.

G: Eu que agradeço, precisando só chamar.

Fim da entrevista.

7.6 Transcrição completa da entrevista com a Pâmela

A: Boa tarde, Pâmela. Antes da gente começar, gostaria de te agradecer pelo interesse e disponibilidade na participação da pesquisa. Como conversamos anteriormente (apresentação na sala de aula), a pesquisa tem como objetivo investigar os desafios de ser estudante e trabalhadora atualmente em Rio Grande. Mas não apenas isso, também conhecer melhor quem são esses e essas jovens. Poderia começar contando a tua trajetória de vida, onde mora, com quem mora, idade, enfim, se apresentando de maneira geral e depois disso comentar sobre teus tramos e estudos?

P: Bom, eu tenho 18 anos, estou no segundo ano do ensino médio, trabalho como jovem

aprendiz. Pratico taekwondo, participo de campeonatos, gosto de jogar vôlei, não que eu saiba jogar, mas eu gosto (~). Moro com minha mãe, meu padrasto e minha irmã de 5 anos perto do Shopping Praça, no Bairro Prado (@).

A: Massa. Pode nos contar um pouco sobre a tua rotina diária?

P: Ela é cansativa (~). Eu durmo em média 7 horas por dia e (..) a hora que acordo, bom (..) eu tenho dezenove cachorros né, então eu tenho que cuidar dos bichos pela manhã, daí vou para o trabalho, depois vou direto para a escola. Depois disso, vou direto para os treinos de taekwondo. Isso é basicamente de segunda a sexta (*). Aos sábados eu jogo vôlei e domingo aproveito para descansar, geralmente (@).

A: Tu comentaste que tem dezenove cachorros, não é? De onde surge vocês terem esse número grande?

P: Isso. Então (..), no começo a intenção era pegar cachorros doentes, machucados, tanto é que tenho cachorros que não tem pata, outros com problemas cardíacos e outras doenças (%). A gente pega eles de rua para cuidar e a intenção era doar, mas muitos a gente não consegue doar por serem velhos ou terem alguma doença, e outros a gente acaba se apegando também e não consegue doar (@).

A: Uhum. E a quanto tempo que começaram esse trabalho? E como tu enxerga essa questão dos animais aqui na cidade?

P: A minha mãe já faz bastante tempo, mas desde 2014 que a gente foi morar lá que ela começou a pegar mais cachorros (...). É, eu acho que tem muito abandono aqui e o maior problema são as pessoas não castrarem, não é (!)? Porque tem o castramóvel e mesmo assim deixam as cadelas engravidarem e soltam com filhotes sendo que era só agendar uma castração. Isso resolveria 60% dos problemas (...).

A: Uhum.

P: Acho que também faltam alguns projetos de conscientização, que poderiam passar pela

escola também, porque eu nunca vi nada na escola, para incentivar a castrar e não abandonar, pegar o animal (.) só se tiver condições realmente de criar, a pessoa precisa saber quando adota que vai ter gastos, se ficar doente tem que levar no veterinário, não tem o que fazer (..), porque têm pessoas que quando o bicho adocece só deixa, não é? Dá um remédio sem levar no veterinário; muitas vezes só piora a situação (@).

A: Sim. E tu tens outros bichos?

P: Eu tenho um mini zoológico (~). Na minha tenho duas gatas também, no sítio da minha avó lá no Povo Novo tem alguns gatos, bastantes na verdade (~). Tem um lago com doze peixes, galo, galinha, passarinho, pombos que vão lá visitar (~). Tenho uma relação forte com os animais, são vários (@).

A: Conta para nós um pouco sobre a tua trajetória escolar.

P: Então, eu fiz o fundamental em outra escola, onde eu repeti o sétimo ano. No nono ano começou a pandemia, no primeiro do médio já aqui (na escola Rosa) foi quase todo EAD, daí em novembro voltou presencial e estou aqui ainda e pretendo continuar (@).

A: Pode contar como foi para ti o ensino remoto, se já trabalhava, e a tua readaptação ao presencial?

P: Sim, já trabalhava. Foi complicado, porque no fundamental, por exemplo, a gente não teve, não é? Foi a professora de geografia, de vez em quando postava alguma coisa no aplicativo, (..) aí no meio para o final do ano eles inventaram aquela plataforma (...), Educar, acho que era esse o nome, aí uma vez por mês os professores colocavam matérias lá e a gente tinha o mês inteiro para fazer aquilo.

A: Uhum.

P: Então eram nove matérias, e tinham nove atividades por mês, era basicamente isso. Aqui no (Rosa), já foi mais organizado, tinha toda semana atividade e as atividades avaliadas, que eu pegava na escola (...), no começo fazia pela internet, aí meu computador

estragou e eu achava ruim pelo celular, então vinha até a escola para pegar. Mas sinceramente (...), as matérias que eu gostava eu estudei mesmo, tipo química, física, português, história e geografia, que são áreas que pretendo continuar no superior, meu sonho é química forense, mas (.) as matérias que não gostava eu só procurava no google, não me interessei tanto, se eu tivesse me interessado talvez não tivesse me prejudicado tanto (@).

A: Sim.

P: O retorno foi até que tranquilo, tirando a parte de estudar para as provas. Foram dois anos sem e aí tem algumas matérias que eu fiquei com um pouco mais de dificuldade, tipo redação, no nono ano é onde a gente mais tem, né? Pelo menos era assim na outra escola, então eu não tive, ano passado tivemos uma ou duas só, e esse ano tem bastante. E tipo, o professor de física nosso, não passa prova, são trabalho e apresentações e eu acho mais legal. Mas tem outros, que exigem um tempo que eu não tenho (@).

A: Sobre o teu trabalho, pode contar mais o que tu fazes e se já trabalhou antes também?

P: Então, (...) eu sou mecânica industrial contratada pela empresa X, onde eu recebo para fazer um curso de um ano no SENAI e depois um ano na empresa, quem passar em todos os módulos e fizer a prova final e passar é contratado como mecânico da empresa (%). Eu estou no último módulo do SENAI, ano que vem já começo na empresa. Então é carteira assinada (...)

A: Uhum.

P: Antes disso, o dindo da minha irmã é segurança, aí ele faz a segurança em eventos e eu ficava na parte das revistas femininas, revistando as mulheres e pegando os bilhetes.

A: Pâmela, tu tens alguma pergunta para fazer sobre a pesquisa, quer complementar alguma parte?

P: Não, está ótimo.

A: Bom então queria te agradecer novamente pela disponibilidade e o interesse em participar da pesquisa.

Fim da entrevista.

7.7 Transcrição completa da entrevista com Danilo

A: Danilo, boa noite. Antes da gente começar, gostaria de te agradecer pelo interesse e disponibilidade na participação da pesquisa. Como conversamos anteriormente (via whatsapp), a pesquisa tem como objetivo investigar os desafios de ser estudante e trabalhadora atualmente em Rio Grande. Mas não apenas isso, também conhecer melhor quem são esses e essas jovens.

D: Ok.

A: Poderia começar contanto a tua trajetória de vida, onde mora, com quem mora, idade, enfim, se apresentando de maneira geral e depois disso comentar sobre teus tramos e estudos?

D: É bem básico na real, tipo (...) tenho 19 anos, eu (..) sempre morei aqui em Rio Grande, (..) acho que tipo (.) uma das únicas coisas que eu gosto e me interessa de fazer é cozinhar, sempre foi um bagulho que eu gostei, (...) e tipo talvez seja única coisa que eu tenha interesse de trabalhar mesmo e estudar assunto sobre é cozinha.

A: Aham.

D: A parte de estudo mesmo (..), eu estudava ali na escola Amareal, (#) e meio que isso não tenho muito a mais que me apresentar. (@)

A: Conta um pouco sobre onde tu moras.

D: Eu moro com meus pais ainda. (@)

A: Como tu descreve a tua rotina diária?

D: Ultimamente? (..) ultimamente anda sendo meio que isso, só trabalho. (..) Eu acordo ali, umas 06:00 da manhã, pego o ônibus, aí (..) chego no hotel lá, faço café da manhã, (..) faço almoço, eu sou cozinheiro lá do Hotel de Trânsito do Quartel. Aí (..), eu chego umas 06:40 por aí, faço o café e almoço, aí na tarde a função é fazer janta, café da tarde (..)

A: Uhum.

D: Aí quando acaba isso, é limpeza geral, limpeza de salão, da cozinha. Daí acaba que eu volto tarde para a casa, e como normalmente como tenho que acordar cedo (&), acabo chegando em casa, leio um livro alguma coisa alí e já durmo de novo para trabalhar no outro dia (.)

A: Sim.

D: ({}) Quando eu tô de serviço, aí é tipo 24 horas (..), aí tipo, acaba o expediente umas 5 (17:00 horas), e eu (..) o pessoal de serviço continua, aí só saio no outro dia. (@)

A: E como fica o ensino médio no meio disso?

D: Quando entrei no quartel (..), a primeira função alí do Quartel é o internato de 1 (um) mês, não é? Então (..) já estava tendo as aulas e alí eu tive que parar de estudar nesse mês, por causa do internato.

A: Aham.

D: Alí, tipo (..), alí não podia ter acesso a nada. Daí quando acabou o internato, ainda tiveram umas duas semanas, eu acho, de EAD, (...) eu estava tentando, nos dias que não estava de serviço conseguia fazer, nos dias de serviço a gente não pode mexer no celular

nem em nada lá no quartel. (..)

A: Sim.

D: Então o dia que não estava de serviço eu conseguia fazer uma ou outra matéria (...).
Aí, tipo, acabou, a escola cancelou a parte do EAD (#) e não deu mais de fazer nada,
porque são horários diferentes, não é? (@)

A: Sim

D: Além do ensino médio, estudava fabricação mecânica.

A: Sim.

D: Daí eram dois turnos também, manhã e tarde. (...)

A: Sim.

D: Isso aconteceu na metade ali no mês três ou quatro. (@)

A: E tu pretendias servir ao quartel?

D: Não, Não (...). Eu não queria servir ao quartel, meu foco era terminar o médio e
começar uma faculdade. Mas tive que trancar esse ano, no terceiro ano do médio. (..)

A: Sim.

D: Mas ainda penso em voltar a estudar e cursar gastronomia. (@)

A: Massa. E nos dois anos anteriores, no caso que ainda era remoto, como foi para ti?

D: Eu trabalhava também, não era no quartel, mas já trabalhava. (..) Assim, no primeiro
ano de pandemia eu trabalhei no final do ano só, como garçom na época. (..) E aí, no ano

passado (2021), eu trabalhei de cozinheiro. (@)

A: Isso tudo conciliando com os estudos remotos?

D: Sim, só que foi bem ruim. (..) No primeiro ano de pandemia, a gente não teve ensino remoto (...).

A: Sim.

D: Aí, quando começaram as aulas remotas, cada professor fazia do seu jeito de ensinar, não era um padrão para todas as matérias, sabe?

A: Aham.

D: Então, para algumas matérias foi meio que questão de qualquer *site* que achavam e as vezes conseguiam dar aulas (...), ensinar mesmo, sabe?

A: Sim.

D: Aí eu fiz, então, o primeiro ano presencial, o segundo ano em 2020 não teve, somente em 2021 remoto, mas que eu ainda conseguia fazer, (..) e o terceiro que seria presencial também, eu consegui pegar apenas uma semana de aula. (@)

A: Sim. E tu comentaste que tu tens interesse na gastronomia não é, podes falar um pouco mais?

D: Desde pequeno eu sempre quis ter um restaurante (..), ficar aprendendo coisas diferentes, sabe? (..) Acho que isso vem com influência da família também, porque meus pais, quando eu era pequeno, tiveram lancheria, depois a petiscaria, então eu sempre puxei um pouco para essa área.

A: Sim.

D: Mas tipo, (..) eu aprendi muito mais nos outros serviços que tive do que lá no quartel. Apesar de trabalhar só na cozinha lá, a maneira de tratar as pessoas é diferente, sabe? (..) Bem mais fechada. (@)

A: Boto fê. E como tu foste conciliando esse gosto pela gastronomia com os estudos e trampo?

D: Tipo, (..) com trabalho foi através das experiências mesmos, sabe? De trabalhar em restaurantes e tal. (..) Já na escola, eu acho que não tem nada, não é? Talvez até a escola como a ideia é formar para o futuro da pessoa, às vezes acontece da pessoa sair para morar sozinha e não sabe um básico de cozinha. (..)

A: Uhum.

D: Até agora no quartel eu vejo que várias pessoas que estão ali não sabem fazer um arroz, sabe? E isso não envolve só isso, também tem a ver com alimentação que tu queres para tua vida, se usa coisas orgânicas ou enlatadas, sabe? (...) a relação até mesmo de plantar, o cuidado que se tem, enfim (...)

A: Sim.

D: Eu acho que a escola as vezes foca nas matérias que vão cair no vestibular ou nas provas, e não matérias que vamos usar mesmo pra vida, como é o caso que eu disse da parte da cozinha, que exige teoria e prática (...), até para ir ao mercado e fazer cálculos de compra e tal, sabe? ({})

A: Sim.

D: E tem uma parada de gênero aí no meio também, a sociedade ensina que só as mulheres precisam saber cozinhar e isso está muito errado (..). Então olha quanta coisa poderíamos falar na escola e nada disso se ver (..). Não é só questão de saber cozinhar, é uma questão de ter uma vida saudável (@).

A: Sim.

D: E além de não ver na escola, eu ainda fui prejudicado por conta do serviço obrigatório e ter que interromper meus estudos. (@)

A: Sim. Danilo, da minha parte era isso. Acho que a gente conseguiu abordar bastante coisa. Queria saber se tu tem alguma dúvida ou se gostaria de complementar alguma informação.

D: Não, não.

A: Bom, aproveito então para novamente agradecer a tua disponibilidade e interesse em participar da pesquisa.

D: Eu que agradeço.

Fim da entrevista.

7.8 Entrevista completa da entrevista com Beatriz

A: Beatriz, boa noite. Primeiro gostaria de te agradecer pelo interesse e disponibilidade na participação da pesquisa. Como conversamos anteriormente (via whatsapp), a pesquisa tem como objetivo investigar os desafios de ser estudante e trabalhadora atualmente em Rio Grande. Mas não apenas isso, também conhecer melhor quem são esses sujeitos. Poderia começar contanto a tua trajetória de vida, onde mora, com quem mora, idade, enfim, se apresentando de maneira geral e depois disso comentar sobre teus trampos e estudos?

B: Atualmente eu estou morando com meu namorado, mas (.) antes eu morava com a minha mãe.

A: Sim.

B: *Aí* eu tive que sair de casa por motivos pessoais que eu tive com ela, brigas, e *aí* (...) hoje eu moro de aluguel com meu namorado já vai fazer um ano. (...) Basicamente é isso, eu não faço nada da minha vida de interessante. (~)

A: Boto fê.

B: Isso foi bom para minha relação com a minha mãe, (...) hoje em dia eu e minha mãe a gente se trata muito bem, mas quando morava com ela, ela gostava das coisas do jeito dela e *aí* tipo a gente brigava muito, eu precisava limpar a casa e cuidar dos meus irmãos, o que me deixava sobrecarregada com tudo, até o dia que eu briguei muito feio e saí de casa. (@)

A: Entendi. E pode nos contar um pouco sobre a tua rotina diária?

B: Basicamente eu me acordo 6:30 horas, (...) na verdade (...) isso varia o quanto eu estou cansada. (...) Depois disso, eu me arrumo, umas 7:20 horas saio de casa, chego em ponto no colégio e *aí* lá a rotina de sempre, estudar, ir na merenda.

A: Aham.

B: *Aí* eu solto 12:30 horas e vou direto para casa, chego quase uma hora, largo as coisas da escola, pego a outra mochila, já preparo as coisas que eu vou levar para o trabalho e saio. No trabalho eu pego a 13:30 horas e solto às 19 horas.

A: Sim.

B: Chegando em casa ainda preciso fazer as coisas de casa, por exemplo, hoje me atrasei para conversa contigo porque estava no supermercado até agora (...).

A: Sim.

B: Então, muitas vezes eu chego tão cansada que eu não consigo estudar direito, porque eu vou abrir o caderno e pego no sono ali mesmo, os meus olhos nem conseguem ficar

abertos de tanto sono. (* seguido de @)

A: E como você se sente com relação a isso?

B: Bastante cansada, ultimamente não tenho dormido muito, praticamente uma média de 4 horas por dia, não dá tempo para fazer o que eu gosto quase.

A: O que seria?

B: Eu gosto de ficar assistindo série, não sou muito de sair, sou mais caseira. (...) Às vezes até tento fazer uns exercícios em casa, instalo aqueles aplicativos, mas sempre faço um ou dois e paro. (..) Mas eu vou começar.

A: Boto fê.

B: Que mais eu posso falar, (..) estudo na Escola (Verde), onde comecei no terceiro ano. (..) Antes disso havia estudado na Fraternidade. Desde então eu estudo na (Escola Verde), conheço todo mundo de lá, todo mundo me conhece e a minha mãe (@).

A: Sim. Podes comentar um pouco mais sobre a escola?

B: Bom (..) eu reprovei apenas uma vez (-), no sexto ano quando eu saí do quinto ano, que bem dizer era uma bagunça, a gente fazia o que queria na aula, brincava (*). Já no sexto ano foram 9 matérias e professores diferentes, para mim foi uma coisa muito nova, eu não copiava e nem fazia nada.

A: Sim.

B: Lembro que fiquei muito triste e desde então nunca mais rodei. (...) Posso dizer que tenho interesse em matemática, é (..) me considero de exatas (~), porque eu acho fácil, português sou péssima não sei fazer uma redação direito. (@)

A: Sim. E como foi para você o ensino remoto?

B: Eu achei bem ruim (!).

A: Podes contar mais?

B: Ah (...) basicamente por conta que eles (professores/as) mandavam muitos trabalhos (-), era todo dia trabalho, e eles davam prazo e a pessoa não tinha muito tempo para fazer. (..) Foi muito ruim de aprender, posso dizer que no primeiro e segundo ano não aprendi nada (*) e quando voltei no meio do segundo, (&) eu e um colega que voltamos, (..) o resto preferiu ficar em casa, eu quis voltar porque não estava aprendendo nada nas aulas né, então pra mim ficou melhor (..).

A: Sim.

B: Daí no final do ano quando todos foram obrigados a retornar, foi bem ruim para os outros, pois não sabiam nada. (..) Já nós, no presencial, sabíamos algumas coisas já. As aulas que eram pelo Meet, remotas, eram muito ruins, todo mundo pegava na internet as respostas.

A: Aham.

B: Mas mesmo assim eu considero minha escola muito boa, só acho que poderia ser um pouco ser mais puxado (*), principalmente por conta da pandemia, tem coisas que a gente viu e precisamos ficar retomando matéria do oitavo ano (@).

A: E depois que terminar o médio?

B: Aí eu pretendo continuar estudando, fazer faculdade, vou fazer Enem esse ano, não estou muito confiante mas vou fazer.

A: Massa. Já tem algum curso em mente?

B: Sim, meu sonho é fazer enfermagem, mas se não passar penso em fazer contabilidade

ou até administração.

A: Sim. E com relação ao teu trabalho?

B: Bom (...), eu trabalho em uma loja no centro, (.) é de estágio, não é? Tem problema?

A: Nenhum.

B: Ótimo. (..) eu trabalhei primeiro arrumando as roupas, mas depois fui para o estoque. (..) Lá eu acho bom até, sabe?

A: Por quê?

B: Ahh, (..) porque basicamente eu tenho que abrir sacos e dobrar roupas. (..) É cansativo também, às vezes vem muitos sacos e altos e eles te dão um tempo. Só que a gente dobra, tem eu e uma colega, cada uma no seu setor, a gente fica dobrando roupa basicamente. (..) Antes disso, eu arrumava casa de um parente e até ganhava dinheiro, mas esse eu considero meu primeiro emprego.

A: Sim.

B: Mas sabe que nesse estágio ({}), eu acho que eles roubam tempo e dinheiro (*).

A: Por quê?

B: Já fiz as fcontas e (...), mas é assim mesmo (-), eles quem são miseráveis (..). Nem é carteira assinada, é um contrato de 6 meses direto com eles que tu podes renovar.

A: Sim, boto fé.

B: Mas é assim mesmo (..) preciso trabalhar, né?

A: Para pagar o aluguel?

B: ({})) Não só para isso, todas as contas, poder comer, viver (...), porque hoje em dia a pessoa só trabalha para viver né, o pobre pelo menos (*).

A: Sim. Beatriz, já está tarde e percebo que estás bem cansada do dia de trabalho e estudo. Da minha parte não tenho mais nenhuma pergunta. Queria saber de ti se gostaria de fazer alguma questão ou se ficou algo que gostaria de complementar.

B: Queria saber quando vai sair essa notícia e se podes me enviar.

A: Sem dúvidas. Como havia dito anteriormente, essa pesquisa é para minha dissertação de mestrado que está pré agendada para acontecer em março de 2023. Assim que estiver terminado e torço para isso (~), te envio sim.

B: (~) ótimo, fico na torcida por você também.

Fim da entrevista.

ANEXOS:

Anexo 1: Carta convite enviada aos/às professores/as e escolas.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO - IE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Carta Convite

Prezados/as professores/as e diretores/as

Nós, do grupo de pesquisa, ensino e extensão Redes de cultura, estética e formação na/da cidade – RECIDADE¹ estamos realizando, desde 2020, investigações sobre as Juventudes Escolares riograndinas. Em 2020, investigamos os desafios da adaptação dos jovens ao ambiente remoto, dado o contexto pandêmico. Em 2021, ampliamos nossas lentes com o objetivo de entender outros desafios que se fazem presente na vida desses sujeitos. Reparamos uma questão que assim como a escola é central nos processos de socialização de muitos deles/as - o trabalho.

É a partir desse entendimento, que convidamos a escola para participar de nossa pesquisa de mestrado, intitulada: Juventudes, Trabalho e Ensino médio em Rio Grande/RS², que tem como objetivo central compreender os desafios estabelecidos pela relação trabalho e educação na experiência juvenil contemporânea, em Rio Grande/RS. Os procedimentos de coleta dos dados acontecerão através de entrevistas narrativas, após os/as interessados/as assinarem o termo de consentimento que será disponibilizado a esses/as (ou a seus pais no caso de menores de idade).

Para tal, solicitamos que a escola disponibilize alguns minutos para conversarmos com a turma e ver se há interesse por parte dos/as estudantes na participação da pesquisa.

Desde já, agradecemos pela sua atenção.

Assinatura do mestrando

Assinatura da Orientadora

¹ Para saber mais sobre o grupo de pesquisa basta acessar o site:
<https://gruporecidade.wixsite.com/recidade>.

² Esse nome não é definitivo, podendo sofrer alterações.

Anexo 2: Termo de consentimento livre e esclarecido.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE –
FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO - IE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Jovens, Trabalho e Educação: Estudo de caso em Rio Grande/RS¹.
Pesquisador Responsável: Alisson Souza Corrêa
Telefone para contato do pesquisador(a): (53) 997055571.

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS:

O motivo que nos leva a estudar a relação entre jovens, trabalho e educação em escolas públicas do Rio Grande/RS, surge a partir de outras pesquisas realizadas pelo grupo de pesquisa RECIDADE², ao qual faço parte, onde verificou-se um aumento significativo de jovens que encontram-se na condição de estudar e trabalhar, principalmente após o ano de 2020. Desse modo, a atual pesquisa tem como objetivos compreender as vivências, experiências e os desafios de ser jovem, estudante e trabalhador/a em Rio Grande/RS, a partir dos próprios sujeitos. Para tal, os procedimentos de coletas de dados acontecerá da seguinte forma: 1- entrevista (que poderá ser presencial ou remota, a combinar) com jovens interessados/as em participar da pesquisa. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

**DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A)
PARTICIPANTE:**

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo _____. Fui informado(a) pelo(a) pesquisador(a) Alisson Souza Corrêa dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. Autorizo () Não autorizo () a publicação de eventuais fotografias que o(a) pesquisador(a) necessitar obter de mim, de minha família, do meu recinto ou local para o uso específico em sua dissertação ou tese.

Local e data: _____/_____/_____.

Nome: _____

Assinatura do sujeito ou responsável: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

¹ O título do projeto não é definitivo. O mesmo ainda poderá sofrer alterações.

² Para saber mais sobre o grupo de pesquisa basta acessar o site: <https://gruporecidade.wixsite.com/recidade>.

Anexo 3: Questionamentos elaborados para as entrevistas.

- 1- Poderia contar um pouco sobre você, sua história, por exemplo onde mora/ já morou? Atualmente você mora sozinho ou com seus pais?
- 2- Normalmente como é a sua rotina diária?
- 3- Costuma praticar atividades físicas? Se sim, quais? Quantas vezes por semana em média?
- 4- Quantas horas por dia (em média) você dorme/descansa?
- 5- Conte um pouco da sua trajetória escolar, em que escola você estuda? Já estudou em outras?
- 6- Você já pensou em abandonar a escola alguma vez ou conhece alguém que parou de estudar? Caso sim, poderia dizer os motivos?
- 7- Com relação ao ensino remoto durante a pandemia, como você se adaptou ou não a essa experiência? Quais os pontos negativos e positivos na sua formação?
- 8- Você tem (ou já teve) algum trabalho/Faz (ou já fez) algum bico onde ganhou dinheiro?
 - a. Em caso positivo, esse é seu primeiro emprego? Pode contar que trampo realiza (e/ou já realizou)? Quantas vezes por semana e horas por dia?
 - b. Esse trampo é formal (com carteira assinada) ou informal (sem carteira assinada)?
- 9- Você pratica alguma atividade doméstica? Caso positivo, quantas horas em média por dia?
- 10- Após o Ensino Médio, o que pretende fazer? Por exemplo, faculdade, trabalho... Quais são seus sonhos?
- 11- Você conhece alguém que toparia participar da pesquisa?
- 12- Tem alguma pergunta que gostaria de fazer ou que sentiu falta no questionário?